

TRIEB

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO
EDIÇÃO ESPECIAL 2019

**RETRATOS
60 ANOS SBPRJ**



TRIEB



A TRIEB, revista semestral da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ – publica artigos inéditos que se referem ao campo teórico e clínico da psicanálise e suas articulações com outros campos do saber. Os artigos sobre clínica são, necessariamente, acompanhados por uma discussão teórica e/ou crítica. Publica, ainda, conferências, entrevistas, traduções, artigos de valor histórico e resenhas de interesse para o campo da psicanálise.

EDITORES

Karla Loyo

Maria Noel Brena Sertã

CONSULTORA EDITORIAL

Rebeca Nonato Machado

CONSELHO EDITORIAL

Admar Horn

Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ); Membro Afiliado da Société Psychanalytique de Paris e Membro Correspondente do Institut de Psychosomatique Pierre Marty (IPSO).

Aurea Maria Lowenkron

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Professora Adjunta do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (Saúde Mental da Infância e da Adolescência); Doutora em Ciências da Saúde pela UFRJ.

Ivan Figueira

Doutor em Psiquiatria, IPUB-UFRJ; Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Jane Russo

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ; Professora Adjunta do Instituto de Medicina Social, UERJ.

Laura Mello Machado

Mestre em Psicologia Clínica, PUC-RIO; Diretora da InterAge Consultoria em Gerontologia e representante da Associação Internacional de Geriatria e Gerontologia nas Nações Unidas.

Luiz Fernando Guedes Gallego Soares

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Coordenador da atividade “Psicanálise & Cinema”.

Marcelo Marques

Psicanalista, Association Psychanalytique de France.

Marcia Rozenthal

Doutora em Psiquiatria, Professora da Escola de Medicina e Cirurgia da UNI-Rio e Coordenadora do Centro Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão sobre o Envelhecimento - CEMPE.

Miguel Calmon Du Pin e Almeida

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Editor Regional da Revista Brasileira de Psicanálise.

Rosine Jozef Perelberg

Psicanalista, Training Analyst of the British Psycho-Analytical Society; Doutora em Antropologia Social, London School of Economics, University of London.

Ruth Lerner Froimtchuk

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ

Wilson Amendoeira

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Tatiana Podlubny

SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA

Celyne Maués

REVISÃO

André Luiz A. Vale e Maria Lucia Resende

DIAGRAMAÇÃO

Tatiana Podlubny

CONVERSÃO PARA EBOOK

Tiago Rodrigues de Castro

EDITORES ANTERIORES:

Fernando José Barbosa Rocha - 1991 a 1993

Miguel Calmon Du Pin e Almeida - 1994 a 2001

Fernando José Barbosa Rocha, Marci Doria Passos e Viviane Frankenthal - 2002 a 2010

Aloysio Augusto d'Abreu - 2011 a 2012

Sherrine Maria Njaine - 2011

Maria de Fátima Amin - 2012 a 2016

Maria do Carmo Palhares - 2011 a 2018

Munira Aiex Proença - 2016 a 2018 e 2006 a 2017 (consultora editorial)

Bernard Miodownik - 2013 a 2018

TRIEB

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO
RIO DE JANEIRO
EDIÇÃO ESPECIAL 2019

RETRATOS

60 ANOS SBPRJ

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO
Rua David Campista, 80 – Humaitá – CEP 22261-010 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tels.: (21) 2537-1333 – (21) 2537-1115
E-mail: sbprj@sbprj.org.br | revistatrieb@sbprj.org.br
Home Page: www.sbprj.org.br

CONSELHO DIRETOR DA SBPRJ - Biênio 2019 - 2020

Presidente: Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira
Vice-Presidente: Luiz Fernando Guedes Gallego Soares
Primeira Secretária: Maria Lucia Moret de Carvalho
Segunda Secretária: Maria Esther Mihich Ribeiro de Castro
Primeira Tesoureira: Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos
Segunda Tesoureira: Karla Loyo
Diretor do Instituto de Formação Psicanalítica: Miguel Calmon du Pin e Almeida
Vice-Diretora do Instituto de Formação Psicanalítica: Ruth Naidin
Secretária do Instituto de Formação Psicanalítica: Adriana Guimarães Lasálvia
Diretora do Conselho Científico: Monica Maria Martins Aguiar
Secretária do Conselho Científico: Angela Moura
Diretor do Conselho Profissional: Bernard Miodownik
Secretária do Conselho Profissional: Sônia Eva Tucherman
Diretora do Departamento de Publicação e Divulgação: Margaret Rose C. Waddington Binder
Secretária do Departamento de Publicação e Divulgação: Sônia Cecília Bromberger
Diretora do Departamento de Difusão da Psicanálise: Regina Murat
Secretária do Departamento de Difusão da Psicanálise: Munira Aiex Proença
Diretor da Clínica Social: Carlos Alberto Quilelli Ambrosio
Secretária da Clínica Social: Renata Martinelli Duarte
Diretora do Centro de Estudos Psicanalíticos: Maria Teresa Silva Lopes
Secretária do Centro de Estudos Psicanalíticos: Eloá Bittencourt Nóbrega

T825 TRIEB / Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ
Nova série, v.1, n.1 (2002).

Semestral
Publicada desde 1991 – n.10, 2001.
ISSN 1517 – 185 X

1. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

CDD 616.891705
04-1101

Disponível na Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP.
Periódico indexado na base Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,

seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

Sumário

Editorial

PALAVRAS DA PRESIDENTE

Escovando Intimidades

Ana Maria Sabrosa G. da C. Nogueira

HOMENAGENS

Os fundadores

Os presidentes

RETRATOS

Retrato de uma analista jovem

Adriana Lasalvia, Gilberto Desidério, Haydée S.P Rodrigues, Indira Stevanato, Maria Elisa Alvarenga, Maria Noel Brena Sertã, Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Da pré-história da SBPRJ – Instituto Brasileiro de Psicanálise

Aloysio Augusto d'Abreu

Os retratos que eu vejo

Altamirando M. Andrade Jr

Freud, o eterno retorno

Bernard Miodownik

Em torno aos 60 anos da SBPRJ

Carlos Tamm

PROPIS e Projeto Travessia: retratos de uma história de pertencimento institucional

Equipe Travessia

Sonhando os fatos

Fernanda Marinho

Nas asas da brasileira de 1995 a 2019

Flavia Strauch

Passeando por lembranças

Henrique Honigsztein

Aniversário

Jeremias Ferraz Lima

Observação mãe-bebê – Método Esther Bick: um pouco de sua história na SBPRJ

Joaquim Couto Rosa

Ritratto – uma saída para o mundo

Lúcia Maria de Almeida Palazzo

A importância do filme “Orfeu Negro” no ano de 1959

Luiz Fernando Gallego Soares

Considerações sobre o 1º caso clínico sob supervisão oficial

Luiza Carolina Proença Nabuco

O tempo que não tem tempo!

Margaret Waddington Binder

Rua David Campista, 80. Até onde esse endereço me levou

Maria de Fátima Lobo Amin

Imperfeições

Maria do Carmo Andrade Palhares

Clínica Pais-Bebê da SBPRJ - consultas terapêuticas

Maria Lucia Moret de Carvalho

Chega de saudade: retratos do futuro

Miguel Calmon du Pin e Almeida

Nasce um Intervalo

Mônica Aguiar

SBPRJ 60 anos- alguns instantâneos 59x19

Ney Marinho

SBPRJ – 60 anos: algumas lembranças

Roberto Bittencourt Martins

Um percurso pessoal na história da SBPRJ

Ruth Lerner Froimtchuk

Meu amor à Brasileira

Ruth Naidin

Laços verdadeiros no desarrumado da mente

Samantha Nigri

Retratos da Trieb

Viviane Frankenthal e Fernando Rocha

Álbum de fotografias: folheando o tempo

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Agradecimento aos colaboradores

Instruções aos autores



Rua David Campista, 80.

“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.”

Jorge Luis Borges (1960)1

A SBPRJ – nossa querida Brasileira – está completando 60 anos e, em comemoração à data, a *Trieb* convidou todos os membros para retratá-la, neste número especial ao qual demos o título de “Retratos”.

Retrato vem do latim – *retrahere* – e significa fazer voltar atrás, mas também reduzir e abreviar, converter algo em outra coisa, trazer novamente à luz, fazer alguma coisa reviver.

Um retrato é uma reprodução de algo em imagem ou mesmo em palavras, podendo-se pensar que não se trata apenas de uma cópia ou da reapresentação do objeto como mera lembrança, mas de algo de maior complexidade. Retratar pode ser considerado equivalente a dar testemunho e, neste sentido, não leva apenas à recordação, mas também ao pressentimento de uma essência.

Entretanto, há algo de paradoxal, pois ao mesmo tempo em que o retrato denuncia uma existência, evidencia uma morte. Se, por um lado, o retrato tende a eternizar o objeto, por outro, pode apontar para seu fim. No mesmo momento em que um objeto é capturado pelos nossos sentidos, ele deixa de existir tal como era naquele instante, confrontando-nos, dessa maneira, com a transitoriedade da vida. Retratar é fazer viver, mas também deixar morrer.

Nesse jogo de vai e vem, de fazer, desfazer, e tornar a fazer – jogo que nos lembra o *fort-da* de Freud – o retratista não apenas nos apresenta o seu objeto, mas, ao mesmo tempo, oferece muito de si e, invariavelmente, dá-se a

conhecer. Afinal, é dele a escolha dos ângulos, da luz, do foco, das palavras, do ritmo, da forma. É ele quem brinca e quem nos convida a brincar. O retratista é o nosso escritor criativo, que se utiliza de suas lembranças, devaneios e fantasias para nos convidar a sonhar, a conhecer e, por que não, a nos reconhecer.

Partindo de suas próprias percepções e vivências, os autores deste número trouxeram os mais variados aspectos da Brasileira: sua história e pré-história, as memórias e as heranças, as lutas e as resistências, as crenças e os sonhos, sua gente – de ontem, de hoje, de amanhã – a diversidade e a multiplicidade, sua psicanálise, as teorias e as práticas, as raízes e os frutos, as interfaces. As transformações. As imperfeições. Seus tratos e re-tratos. E, até mesmo, sua memória do futuro.

A *Trieb* serviu de enquadre, viabilizando que as lembranças, as vivências e os sonhos fossem transformados em palavras, fazendo-se ouvir as múltiplas e as diversas vozes da nossa casa, permitindo que as histórias continuem a circular, mais e mais, de maneira pulsante e apaixonada. Reverenciamos os sessenta anos passados e, nesse processo vivo e criativo, preparamo-nos com entusiasmo para os anos que virão.

*No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...*

*às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem,
mas que um dia existirão...*

*e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!*

Mário Quintana

Apontamentos de História Sobrenatural (1976)

Parabéns à Brasileira, que fomos e somos nós, seus membros! Boa leitura.

Karla Loyo

Maria Noel Sertã

Editoras da Trieb

1. Borges, J.L. 2005/1960. Epílogo. In *O fazedor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Editora Schwarcz.

Palavras da Presidente

Escovando intimidades

Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira¹

“O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.”

Manoel de Barros (2019)

O texto *Romances familiares*, de Freud (1976a), nos dá testemunho de que a sua criação pode ser replicada com a possibilidade de que a arte e a análise nos acompanham vida afora. A importância das fantasias nas construções de nossas ficções e de nossas metáforas é ininterrupta e terá voz enquanto houver vida.

Esse precioso texto de Freud evoca a implicação de interações precoces para a realização dos romances e a possibilidade do criar. Toda a arte de viver volta-se para a infância e, de forma inconsciente, fará parte de nossas representações psíquicas.

“Tudo que não invento é falso” [...] “Tem mais presença em mim o que me falta”. Estas máximas de Manoel de Barros (2019a, p. 49), aliadas aos nossos romances familiares, nos fazem pensar em todos os jogos de identificações e de idealizações que perpassam nossas vidas, em nossas casas concretas, virtuais, emocionais. Fazendo um paralelo: E a nossa casa, numa pequena rua no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro?

Escolher uma forma de falar sobre a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro parece não caber no papel. Buscar a história de nossa fundação em dezembro de 1959, quando num Congresso Internacional em Copenhague passamos à condição de Sociedade componente da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), e historicizar acontecimentos são atividades da maior importância e de que muitos colegas já se encarregaram (Perestrello; Almeida Prado; Oliveira, 1987), então, me senti livre para “inventar”, no sentido trazido por nosso poeta de Cuiabá.

Manoel de Barros (2019b) nos conta, em um de seus poemas, que olhava dois homens sentados na terra e que passavam o dia inteiro escovando ossos, fato que o deixava bastante intrigado. Até que descobriu que se tratava de dois arqueólogos que escovavam ossos por amor, pois buscavam encontrar vestígios de civilizações seculares que poderiam estar enterrados naquele solo. Logo a seguir o poeta pensou: Por que não escovar as palavras? Assim, poderia ir atrás “das conchas de clamores antigos” (p. 17) e escutar os primeiros sons de cada uma. E poderíamos, na sequência, pensar que nós, psicanalistas, escovamos intimidades no encontro desencontrado com o outro e conosco mesmos.

A vivência de intimidade é uma experiência emocional. Íntimo vem do latim *intimus* que é o superlativo de dentro, ou de outro modo, o mais dentro possível. Dessa forma, podemos pensar que escovar intimidades tem a ver com ter contato com o interior de si mesmo e do outro. Ou, ainda, para ilustrar, segundo Winnicott (1958 citado por Levy, 2017, p. 25), “o prazer do paradoxo de “estar em um com, mas separado”. Viver a emoção junto com o paciente nos permite ter acesso à sua intimidade e à nossa, numa forma escovada, sem dissociar a unidade corpo e mente, na difícil empreitada de trabalharmos a partir da experiência dessa intimidade emocional.

Em “O apanhador de desperdícios”, Manoel de Barros (2019b, p. 25) mal poderia imaginar o quanto nos tocaria quando diz que “não gosta das palavras fatigadas de informar”, e imputa sua devoção às “coisas desimportantes”, confessando o uso da palavra para “compor seus silêncios”. Nós, analistas que somos, podemos nos considerar também apanhadores de desperdícios: amamos os restos, damos importância ao que está silenciado, ao não representado, ao canto cuja voz não entoia uma nota só, sentimo-nos atraídos pelo sotaque dissonante, desconcertante de um idioma desconhecido e simultaneamente familiar. Somos apanhadores de desperdícios, de dores pungentes, de sonhos, sintomas, atos falhos, chistes, transferências, colocamos nosso corpo, nossa mente no campo analítico, fazendo despertar em nós mesmos e em nossos pacientes, aos moldes de Freud, o espírito de vir a ser um “conquistador”, ou um “explorador”, num caminho que procure viabilizar o encontro com o conhecido-desconhecido que o território da psicanálise nos propõe. A relação analítica tem como virtude favorecer os apanhadores de desperdícios na construção de um

território para a expressão da linguagem da dinâmica afetiva, vivenciada numa relação íntima, pela dupla em cena.

A ruptura possibilita a abertura para fazer surgir o novo, ressignificando o até então pensado, a trajetória da pulsão não cessa, e a poesia de nosso poeta em questão também não. “Tenho abundância de ser feliz por isso” (Barros, 2019b, p. 25), nosso apanhador de desperdícios declara. Abundância de ser feliz! Que expressão ousada!!! Quase se tem que pronunciar baixinho estas palavras para não se ver tomado pelo horror de perder tal abundância... E quantos momentos a nossa *Brasileira* não nos ofereceu de abundância de orgulho, de alegria e, por que não, de intimidade, poderíamos dizer... Quantos encontros, desencontros, estudos, eventos, reuniões, discussões, discordâncias, concordâncias, empenho, funções, esforços, caminhos, brindes, festas, cinemas, momentos intensos de fazer e de ser! Deixamo-nos submergir na experiência emocional com nossos paciente e também com nossos pares para então emergir onde algo de uma nova compreensão, a partir de um outro vértice que pode ou não ser amalgamado ao nosso modo de pensar, sempre ocupará um espaço de respeito à alteridade, ao que diverge, ao que entoia uma melodia que pode não ser familiar, mas nem por isso deixará de atender à pluralidade que nos constitui. “Meu quintal é maior do que o mundo. Sou um apanhador de desperdícios. Amo os restos...” (Barros, 2019b, p. 25).

A análise é um processo de descobrimento, de construções, impulsionado pelo que acontece no campo transferencial e, portanto, impulsionado também pelo inconsciente do analisando e do analista, não há escapatória. E, como apanhadores de desperdícios, escovadores de intimidades que somos, partimos sempre com todo o nosso arcabouço, não só aquele que aprendemos, não só o teórico ou o clínico de experiências profissionais, mas também contamos com a vivacidade de nossos objetos internos, todos com os quais mantivemos relações muito profundas, nossos objetos originais, nossos analistas, supervisores, pacientes, amigos, família, as casas onde vivemos, as que frequentamos, o contexto sociocultural que nos banha e que banhamos. A nossa vivência institucional também acompanha, guardadas as devidas proporções, esse percurso: “... quisera uma linguagem que obedecesse à desordem das falas infantis do que às ordens gramaticais”; “O que eu não gosto é de uma palavra de tanque” (Barros, 2019b, p. 44). Ah, Manoel de Barros... que beleza quando nos diz

que as palavras de tanque são estagnadas, estanques e acostumadas... agora entendo quando você diz que queria um idioma de larvas incendiadas, palavras que ao invés de serem de tanques fossem de fontes!

Em um dos versos de “O apanhador de desperdícios”, o poeta se aproxima da psicanálise de uma maneira que nos emociona: “... uso a palavra para compor meus silêncios” (Barros, 2019b, p. 25). Como é difícil e necessária a sustentação do silêncio para não nos sobrepormos ao que possa emergir numa dupla analítica! E em “O guardador de águas”: “Não tenho bens de acontecimentos. O que não sei fazer desconto nas palavras” (Barros, 2019c, p. 72). Na infância, os sentidos da vida estão por se fazer acontecer, mas sabemos que o infantil, neste sentido, nos habita *ad eternum* e as inversões, os deslocamentos, as deformações, o que a imaginação “transvê” libertam o sujeito de amarras. Esta poesia que é feita de restos, de sobras nos leva para um cenário onde as palavras se confundem com imagens. Barros nos ajuda na compreensão analítica do humano-desumano que nos habita quando nos diz no “Concerto a céu aberto para solos de ave”: “Passei anos me procurando por lugares nenhuns. Até que não me achei – e fui salvo” (Barros, 2019c, p. 77).

Encontros e desencontros, disso somos feitos e essas são as vantagens de se perder, de podermos aceitar as contradições, os difíceis paradoxos que compõem a realidade, o desmonte de certezas, os oximoros –como o de um silêncio ensurdecador; sem uma dose de des-razão não há poesia, não há arte, não há análise, não há vida. A poesia de Manoel de Barros provoca uma espécie de atordoamento, porque nos deparamos com o desconhecido, com o desencontro, com o “desacontecido”. “Tenho o privilégio de não saber quase tudo – e isso explica o resto” (Barros, 2019d, p. 73). Existe algo mais desconcertante e apaixonante, para nós psicanalistas, do que este pensamento?

Fluctuat Nec mergitur: Freud citou este lema duas vezes em suas correspondências a Fliess (cartas 119 e 143). No brasão da cidade de Paris, este representando um navio, o emblema pode ser traduzido por “as ondas o abalam, mas não o afundam” (Freud, 1974, p. 16). Freud não deixava de considerar-se ciente das injúrias e das críticas que sofreu ao dedicar-se à psicanálise, contudo, nada o freava ao aventurar-se pelos engendramentos das novas descobertas, a partir da noção do Inconsciente.

SBPRJ – 1995 – minha turma de Formação iniciava o curso no Instituto, após uma intervenção da IPA. Não sabíamos exatamente o que isso significava, mas, em função desse movimento, tomamos ciência que fora preciso aguardar para que nós, novos alunos na época, fôssemos recebidos na Instituição que escolhemos para construir nosso percurso como futuros psicanalistas. Aos poucos fomos compreendendo e nos inteirando dos muitos esforços que foram feitos para que ideias criativas, mudanças, diversidades de pensamentos e a pluralidade que nos compõem pudessem ser respeitadas, sempre com o frescor de um vigor, na possibilidade de se pensar a psicanálise.

Assim, comecei a reconhecer não só o empenho dos fundadores de nossa *casa*, mas também de todos aqueles que os sucederam. E a tradução de *as ondas o abalam, mas não o afundam* passou a fazer sentido para mim em nossa história. Não foi difícil compreender a importância da dedicação à nossa Instituição, para além de uma Formação, no sentido da apreensão e da transmissão da psicanálise. O exercício de funções necessárias que nós, membros, precisamos ocupar para gerar novos momentos de vigor e de criação parecia espontaneamente ir ocupando um espaço cada vez mais intenso no percurso em que nos inserimos juntos aos nossos pares, em nossa *Brasileira*. Quantos exemplos, quanto aprendizado, quanta admiração, e eu poderia cometer uma injustiça se me aventurasse a citar aqui, nominalmente, todos os colegas que fazem parte desse meu particular retrato institucional.

As lembranças são encobridoras, já nos dizia Freud (1976b), mas posso agora traçar uma linha do tempo. Há cerca de dezesseis anos alguma função, em nossa Instituição, venho desempenhando. Em meio à dedicação à família, ao trabalho clínico e às atividades no Serviço de Psicossomática no hospital público em que trabalhei por 32 anos, eis que o dia a dia e uma rotina tão próximos da SBPRJ me impulsionaram a debruçar-me sobre a nossa intimidade: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (Barros, 2019a, p. 55).

Trabalhei junto ao Instituto, em diversas funções, na coordenação da Formação de Psicanálise de crianças e de adolescentes, no Departamento de Divulgação, entre outras atividades. Nos anos de 2017 e 2018, ocupei a função de diretora científica da SBPRJ e pude perceber, muito de perto, a importância de nos fazermos representar em diversos fóruns, nos quais a

psicanálise conversa com outras áreas do saber, e tornou-se evidente para mim a magnitude de recebermos, em nossa *casa*, convidados estrangeiros, de outras cidades de nosso país, bem como efetivarmos intercâmbios com outras instituições. A realização de eventos científicos, em interlocução com colegas psicanalistas e profissionais de áreas diversas, o incentivo às nossas publicações para o público externo, o desenvolvimento de projetos sociais e a ocupação de espaços para além da nossa matriz na Davi Campista, com alcances nacionais e internacionais, têm sido possíveis graças ao trabalho de muitos de nossos membros, que se dedicam incansavelmente à *Brasileira*.

A troca entre nós só nos leva a “transver” cada vez mais um diálogo frutífero e a nossa inserção no mundo em que vivemos. O movimento constante que nos faz estar em fina sintonia com as diversas tendências teórico-clínicas e a engrenagem sempre recorrente de entendermos a psicanálise junto com outros campos do conhecimento podem nos lançar à diversidade de olhares sobre a clínica sem darmos opacidade à genuína riqueza da psicanálise, que é a compreensão dos processos inconscientes, a produção do que se dá no campo transferencial, e sua permanente abertura às singularidades, à comunidade e à cultura.

Ao final do ano de 2018, como já é de praxe em nossa Instituição, ocorreu o Fórum de Sucessão para a nova formação de Conselho Diretor, contínuo à presidência de Wania Cidade. Foi com muita honra e emoção que ouvi dos colegas, que nesta ocasião estiveram presentes, a indicação para que eu viesse a ocupar a Presidência da SBPRJ. Sabia da responsabilidade que esta função implicava e estava certa de que haveria muito trabalho. A formação de uma grande e dedicada equipe foi logo iniciada, e esta harmonia, em que as diferenças são respeitadas, tem sido fundamental para seguirmos adiante. Visitar um campo institucional e participar dele, a partir de diversos vértices, nos auxiliam a perceber nossa área de atuação e nossos limites. É no espaço do “entre” – entre cursos, entre os eventos, entre os departamentos, entre nossos funcionários, entre nossos membros – que escovamos intimidades, escovamos palavras e escovamos ossos.

Neste ano celebramos os 60 anos de fundação de nossa *Brasileira*, como tão afetuosamente nos reportamos à nossa Sociedade, e 20 anos de nosso jornal *Intervalo Analítico*. São também comemorados os 100 anos do *International Journal*. Tanto no Congresso Internacional da IPA, realizado

em Londres, sobre *O Feminino*, quanto no Congresso da Febrapsi, sobre *O estranho In-confidências*, em Belo Horizonte, pude perceber o valor que nossa *casa* também imprime a estranhos-familiares olhares. As ressonâncias na subjetividade de cada um são ímpares e, como protagonistas que somos daquilo que realizamos e transmitimos, entendo que ser pertencente a uma Instituição, e particularmente à *Brasileira*, é estarmos dispostos a uma possibilidade de imersão, num exercício constante de respeito ao outro e de reconhecimento deste também em seu lugar de pertencimento.

“Eu só não queria significar. Porque significar limita a imaginação” (Barros, 2019d, p. 97). Manoel de Barros nos surpreende pelo inusitado. Significantes alcançam significados em análise, mas certamente não queremos limitar o que, ao escovar intimidades, nossa imaginação possa alcançar. Não queremos “palavras bichadas de costumes” que nos paralisem ou deixem de abrir espaço para “o novo”. A ideia de “desver o mundo” talvez nos ajude também a desenhar um motor pulsante para nossa Sociedade, onde o binômio criação-tradição esteja sempre presente.

O lançamento de uma revista *TRIEB* comemorativa de nossos 60 anos, intitulada *Retratos*, uma edição do *Intervalo Analítico* fazendo menção a esta data, dois eventos científicos – um interno, para todos os membros de nossa Sociedade, rememorando a nossa história, outro aberto ao público, contando com a presença de diversos colegas da SBPRJ e também da atual presidente da IPA, Virginia Ungar – e uma festa preparada com muito empenho foram algumas atividades pensadas para deixarmos registrado, neste ano de 2019, todo o nosso apreço e a nossa gratidão a uma *casa* próspera, pensante, criativa, plural e democrática da qual muito nos orgulhamos de fazer parte.

A continuidade de um trabalho que vem sendo realizado ao longo de sessenta anos nos traz um período de extrema motivação, pleno de desafios e de criatividade na busca de alternativas a cada impasse ou dificuldade que possa emergir. A SBPRJ pertence a seus membros e o *retrato* que fica para mim é o de uma perspectiva diacrônica, que pode ser ilustrada pelo paradigma de nosso olhar que *Janus Bifronte* nos aponta. *Janus*, deus romano dos começos e finais, possui uma face voltada para o passado e outra para o futuro, que simboliza mudanças, transições, passagens, e que representa o tempo, o registro daquilo que foi e o que virá, a partir de um

tempo presente, quando não nos iludiremos, pois, sabemos, as lembranças são encobridoras...

Os nossos *retratos* podem ser digitais, impressos em papel, preto e branco, coloridos, apagados, com cores vibrantes, rasgados, conservados, colados, esmaecidos, 3x4, 10x15 ou 20x25... são múltiplas as nossas fotografias e subjetiva a maneira como as sentimos e as experienciamos. Somos uma Sociedade que preza por sua pluralidade de ideias e respeito às diferenças, só assim acredito que seja possível comemorarmos a “nossa sexagenária” e zelar por tudo o que já foi construído, reconstruído, e o que está por vir a ser... Passado, presente e futuro se mesclam e, numa última contextualização, recorro a Manoel de Barros: “A gente não gostava de explicar as imagens, porque explicar afasta as falas da imaginação” (Barros, 2019d, p. 16).

Que possamos comemorar “nossos 60” com a liberdade de apreensão do mundo que o *Menino do Mato* nos apresenta. É uma alegria e uma responsabilidade enormes estar hoje nesta função, acompanhada de uma grande equipe, de membros, de amigos, e de colaborar para a continuidade de um promissor percurso da nossa Sociedade. A cada um *dos* colegas que participam, a seu modo, desse corpo societário, o meu genuíno agradecimento. O empenho de cada um dos membros é fundamental para o nosso caminhar juntos. Parabéns para todos que fazem parte da história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro! Como nos diz Pontalis, nossos fragmentos “estão à margem do tempo que passa, da *corrente* do tempo” (Pontalis, 2012, p. 24). Estes fragmentos retirados das margens de nossas memórias, elas próprias fragmentadas, lacunares, nos acompanham pela nossa existência e são o material vivo de nossas marcas, de nossas assinaturas.

Neste momento, os textos que produzimos para compor a nossa *TRIEB Retratos* já fazem parte de um passado-presente e apontam na direção de um futuro que, por *via de levare*, se mantém em eterno processo de construção, carregando consigo todas as nossas vivências históricas.

Referências

Barros, M. de. (2019a). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

- Barros, M. de. (2019b). *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Barros, M. de. (2019c). *Meu quintal é maior do que o mundo: antologia*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Barros, M. de. (2019d). *Menino do mato*. Rio de Janeiro: Alfaguara.
- Freud, S. (1974). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 14, 13-82. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976a). Romances familiares. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 9, 241-247. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909/1908).
- Freud, S. (1976b). Lembranças encobridoras. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 3, 329-354. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Levy, R. (2017). Intimidade: o dramático e o belo no encontro e desencontro com o outro. *Calibán: revista latino-americana de psicanálise*, 15 (1), 12-30.
- Perestrello, M.; Almeida Prado, M. P. de; Oliveira, W. I. de (orgs.). (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Pontalis, J.B. (2012). *À margem dos dias*. São Paulo: Primavera Editorial.

Recebido: 24/09/2019

Ana Maria Sabrosa Gomes da Costa Nogueira
anamsabrosa@gmail.com

1. Psicanalista de adultos, crianças e adolescentes. Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar. Mestre em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Homenagens



Da esquerda para a direita. Em pé atrás: Henrique Mendes e Alcyon Baer Bahia. Em pé no meio: Mario Pacheco de Almeida Prado, Luiz Werneck, João Cortes de Barros, Danilo Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira, Manoel Thomaz Moreira Lyra, Edgar Guimarães de Almeida. Sentadas: Zenaira Aranha, Marialzira Perestrello, Inaura Vaz Carneiro Leão.

Os fundadores

Alcyon Baer Bahia

Danilo Perestrello

Décio S. De Souza

Edgard de Almeida

Henrique Mendes

Inaura Carneiro Leão

João Côrtes de Barros

Luiz Werneck

Manoel Thomaz Moreira Lyra

Marialzira Perestrello

Mario Pacheco de Almeida Prado

Pedro de Figueiredo Ferreira

Walderedo Ismael de Oliveira

Zenaira Aranha

... eles semearam.

Os presidentes



João Cortes de Barros
1959 - 1960;
1961 - 1962;
1966 - 1967; 1971



**Manoel Thomaz
Moreira Lyra**
1963



Alcyon Baer Bahia
1964 - 1965



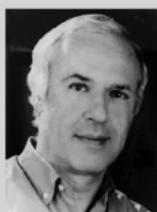
Danilo Perestrello
1968 - 1969



Zenaira Aranha
1970



**José Cândido
Monteiro de Barros**
1983 - 1984



**Paulo Roberto
Sauberman**
1985 - 1986



Paulo Marchon
1987 - 1988



Waldemar Zusman
1989 - 1990



**Luiz Emmanuel
de Almeida Levy**
1991 - 1992



**Sônia Eva
Tucherman**
2001 - 2002



Wilson Amendoeira
2003 - 2004



Jane Kezem
2005 - 2006



**Altamirando Matos
de Andrade Junior**
2007 - 2008



**Pedro Gomes de
Oliveira Lopes Junior**
2009 - 2010



**Walderedo Ismael
de Oliveira**
1972 - 1973 - 1974



**Marialzira
Perestrello**
1975 - 1976



**Mario Pacheco
de Almeida Prado**
1977 - 1978



**Inaura Vaz
Carneiro Leão**
1979 - 1980



**Rosa Beatriz Pontes
de Miranda Ferreira**
1981 - 1982



**Roberto Bittencourt
Martins**
1993



**Fernanda de
Medeiros Arruda
Marinho**
1994



Ney Couto Marinho
1995 - 1996



**Joaquim Amélio de
Azevedo Couto Rosa**
1997 - 1998



**Aloysio Augusto
d'Abreu**
1999 - 2000



Bernard Miodownik
2011 - 2012



**Celmy Quilelli
Corrêa**
2013 - 2014



**Miguel Calmon
du Pin e Almeida**
2015 - 2016



**Wania Maria Coelho
Ferreira Cidade**
2017 - 2018



**Ana Maria Sabrosa
da Costa Nogueira**
2019 -

Retratos

Retrato de uma analista jovem

Adriana Lasalvia¹

Gilberto Desidério²

Haydée S.P Rodrigues³

Indira Stevanato⁴

Maria Elisa Alvarenga⁵

Maria Noel Brena Sertã⁶

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade⁷

Y así, sin dar parte a persona alguna de su intención y sin que nadie le viese, una mañana, antes del día, que era uno de los calurosos del mes de julio, se armó de todas sus armas, subió sobre Rocinante, puesta su mal compuesta celada, embrazó su adarga, tomó su lanza y por la puerta falsa de um corral salió al campo, con grandísimo contento y alborozo de ver con cuánta facilidad había dado principio a su buen deseo.

Miguel de Cervantes em Don Quijote.⁸

Em homenagem a Celmy, que tanto gostava do Quixote,
e que o lia no idioma original.

Fazer uma escolha, tomar um caminho, dar-se ao encontro e de encontro,
de novo, escolher entre os vários caminhos. Há 45 anos, Celmy Araripe

Quilelli Corrêa escolhia a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, depois de cursar Psicologia e Medicina. Foi um encontro entre duas jovens, cujo principal compromisso era a transmissão da Psicanálise, ela com 38 anos de idade, e a Sociedade em seus tenros 14 anos. Um encontro fértil e multiplicador – nascia ali um casamento do qual todos nós fomos nutridos.

Como folhear este volume da Trieb sem o retrato de Celmy? Analista, professora, supervisora, tutora, diretora de Publicação, Divulgação, Arquivo e Biblioteca, diretora do Instituto de Formação Psicanalítica e presidente da SBPRJ. Mulher forte, feminina, autêntica, combativa, apaixonada, independente e polêmica. Celmy abriu caminhos e foi peça fundamental na engrenagem institucional e na formação de muitos de nós.

Vivemos ainda o luto pela partida de Celmy e este breve texto-homenagem é, possivelmente, mais um esforço que fazemos no sentido de consumação do trabalho de luto.

Somos alunos, supervisionandos e amigos dela, e se dizemos somos, no tempo presente, é porque entendemos que a força destes vínculos mantém vivos os diferentes diálogos que travamos com ela. A psicanálise praticada por Celmy era de alguém livre, descolada de dogmas, de artificialismos e de hipocrisia. Psicanalista genial, dotada de grande sensibilidade e originalidade, surpreendia-nos e encantava-nos com a sua forma de pensar a clínica. Entre as várias recomendações preciosas que ela nos oferecia, citamos uma: “Tenha paciência, lembre-se que tudo reaparece”.

Como alunos, supervisionandos ou parceiros, com diferentes orientações teóricas e modos de pensar, Celmy foi capaz de acompanhar cada um de nós em nossa singularidade. Movida por uma curiosidade ímpar, ela nos seguia com enorme vivacidade. Criticava-nos, às vezes, enervava-se, fazia-nos perceber o que havíamos feito de maneira ainda intuitiva. Aplaudia com entusiasmo nossos avanços, mas, acima de tudo, era uma companheira extremamente disponível, alguém com quem podíamos contar. Rápida, muito inteligente e perspicaz, fazia uma leitura do inconsciente de nossos analisandos, e do nosso, com incrível fluidez. Era uma psicanalista genial.

Os interesses dela não se limitavam à psicanálise, mas expandiam-se para a literatura, a música, o teatro, o cinema, as artes plásticas, a arquitetura, a moda, a gastronomia. Não satisfeita, era também curiosa e aberta a novas tecnologias, descobrindo – e ensinando-nos – ferramentas digitais que nos auxiliariam no dia a dia.

Alguns de nós entraram na Brasileira no período em que Celmy foi diretora do Instituto ou presidente da Sociedade, outros já eram membros em formação há mais tempo ou dividiam com ela as responsabilidades das gestões. Como diretora do Instituto foi firme e corajosa, algumas vezes excessivamente enérgica, mas capitaneou medidas que transformaram a situação de membros provisórios que arrastavam há anos as suas formações. Se observarmos o panorama atual do Instituto de Formação Psicanalítica, verificaremos que tais medidas foram acertadas e bem sucedidas, pois motivaram os alunos a escrever, reescrever, refazer, apresentar seus relatórios ou, enfim, a concluir a formação. Na ocasião, cada aluno precisou refletir sobre o seu desejo de permanecer na SBPRJ.

Como membros provisórios ou após a qualificação, como membros associados, fomos estimulados por Celmy a assumir responsabilidades na vida institucional, fosse em sala de aula, como colaboradores de seu curso de técnica, fosse assumindo cargos na gestão institucional. Ela nos exigia o máximo, sem fazer concessões, sempre no intuito de estimular o crescimento de analistas pensantes, com postura crítica e responsabilidade na prática analítica e na vida. Fomos todos incitados a estudar mais e mais; neste ponto ela era incansável, exigente e inflexível, não sossegava e não dava sossego, não se cansava e não dava descanso.

Ainda na função de diretora do Instituto, tomou para si o compromisso de fazer uma reforma profunda no Estatuto e no Regimento, modificando o processo de admissão de novos alunos. Foi na gestão dela que nos ocupamos de inúmeras jornadas, reuniões do Conselho Deliberativo do Instituto, Assembleias, até termos uma proposta de mudanças.

Na presidência, foi arrojada ao dirigir uma reforma, para nós, grandiosa, que modernizaria a nossa sala de reuniões, batizada de José Cândido Bastos. Esta sala foi um dos legados que nos deixou, marca física e eloquente de seu jeito intrépido com notas finas de elegância.

Sabedores de que a presença de Celmy foi profundamente marcante não apenas para nós, mas também para a história da SBPRJ, reunimo-nos para tentar desenhar algo que a retratasse, que se aproximasse da força que ela exerceu sobre uma geração de analistas que tiveram a oportunidade de conhecê-la – e não nos referimos somente aos jovens analistas, mas a todos aqueles que a conheceram de perto.

As próprias palavras de Celmy costuram um texto que a retrata quando ainda era uma jovem analista. Escolhemos publicar pela primeira vez um trabalho escrito em 1975, apresentado em Congresso em Buenos Aires e, posteriormente, em Reunião Científica na SBPRJ. Trata-se de um artigo do início de sua formação psicanalítica, que deixa evidente a paixão da autora pela psicanálise, sua profunda acuidade clínica e seriedade na condução de uma análise. A clínica de Celmy fala por si.

Recebido: 18/08/2019

Adriana Lasalvia
adlasalvia@gmail.com

Gilberto Desidério
g.b.desiderio@gmail.com

Haydée S.P Rodrigues
haydee@globo.com

Indira Stevanato
istevanato@yahoo.com

Maria Elisa Alvarenga
m.elisaalvarenga@gmail.com

Maria Noel Brena Sertã
marianoelbrena@gmail.com

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
waniacidade@globo.com

-
1. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ.
 2. Psicólogo. Membro provisório da SBPRJ
 3. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ
 4. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ
 5. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ
 6. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ
 7. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ

8. In: Don Quijote de la Mancha. Miguel de Cervantes. Edición de Francisco Rico. Madrid: S.L.Pinto, 2009.



"A MENINA DO LENÇO" (1)

Celny Araripe (x)

Pretendo relatar uma experiência clínica que sempre me impressionou muito, pelo teor afetivo de que foi cercada, pelo resultado que a ele se seguiu, e pelo que me faz pensar na atualidade de uma velha proposição de Freud: "expor a solução de um sintoma, implica na exposição de toda uma história clínica". Na prática, muitas vezes, isso não é suficientemente valorizado.

Em julho do ano passado, recebi para tratamento uma menina de dez anos, com enurese e enfrentado dificuldades na escolaridade. Desde muito cedo, em sua vida, tivera manifestações alérgicas, mais precisamente uma rinite, que se mantinha até à época em que a conheci. Também sofrera de asma que, muitas vezes, lhe exigira internações e remetira curiosamente aos 7 anos por, ocasião de uma mudança para o estrangeiro, a partir da qual, sua mãe, que tinha atividade profissional intensa, passou a dedicar-se exclusivamente à vida familiar. Quando a conheci, portanto, não tinha mais crises asmáticas há dois anos, restando apenas a rinite, resfriados de certa frequência que, às vezes, desencadeavam leve dispnéia. Sua enurese, porém, tinha sido contínua.

Na entrevista inicial com sua mãe, mulher afável e inteligente, pude saber que N. foi a primeira filha, bastante desejada, de um casal jovem, e que permaneceu filha única por cinco anos. Sua mãe amamentou-a por dois meses, e cuidou-a exclusivamente por seis meses, quando retomou então sua atividade profissional, numa intensidade que até hoje, recrimina. Seu marido sempre se opôs a seu trabalho, não só pela forma como ela o realizava, mas porque sua espe-

(1) Pañuelo

(*) Médica; Candidata do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Psicóloga Clínica.

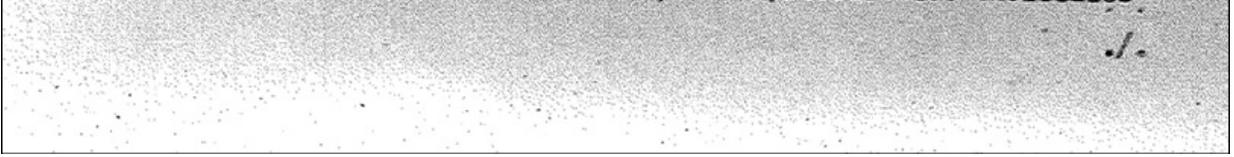
SBPRJ
0142

cialidade e formação científica o faziam desacreditar e criticar a profissão da mulher. Ele próprio realiza com brilho e criatividade seu trabalho, sendo pessoa pouco dada ao convívio social, muito posesivo quanto à mulher e aos filhos. É extremamente exigente em relação ao rendimento intelectual e nível cultural das crianças, tendo sido unicamente o fracasso de N. na escola que o sensibilizou e fez concordar com a iniciativa de mãe de procurar tratamento para a menina. A mãe há muito tempo compreendia essa necessidade, mas, devido a sua própria debilidade na relação com o marido, nunca pudera realizar o plano de tratá-la.

N. teve um desenvolvimento psicomotor normal, uma linguagem precocemente adquirida. Os hábitos higiênicos de controle da evacuação e micção foram introduzidos aos dois anos, mas o controle noturno da micção nunca foi conseguido. Data de seu primeiro ano de vida, a primeira crise de asma, e não me foi possível estabelecer, com a mãe, um desencadeante mais específico da crise. N. foi para a escola com cerca de três anos de idade tendo uma adaptação razoável, embora nunca tivesse sido uma criança de muito convívio com as outras. Nesse ponto foi bastante cerceada por seu pai que não suportava barulho e desorganização em casa.

Aos cinco anos de idade, nasceu um irmão, ao qual reagiu com bastante ciúme, reclamando e choramingando pelos cantos da casa. No entanto, como é de sua característica, nunca externou sua agressividade em ataques físicos ao irmão, mantendo-se sempre numa atitude reivindicadora e queixosa.

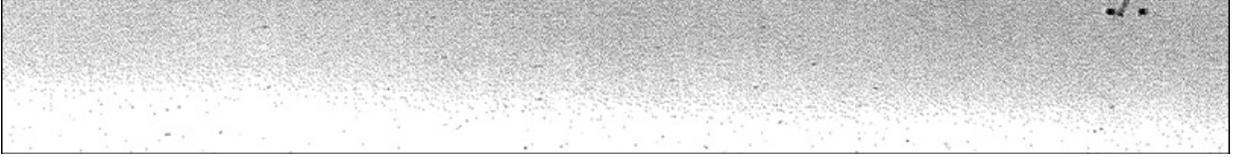
Em nosso contato — hora de diagnóstico — N. foi uma paciente meiga e colaboradora, de aparência um pouco triste que, de imediato me lembrou, pelo tom de voz e modo de falar, uma criança de menos idade. Nesse primeiro contato pode expressar suas ansiedades



e temores, bem como sua fantasia inconsciente de cura, com uma clareza que, certamente teria encantado A. Aberastury, que tanto enfatizou a presença desses elementos numa hora de brinquedo com crianças. O desenho que realizou, infelizmente já destruído nesses meses de tratamento, era uma casa amarela; com telhado lateral vermelho fortemente tracejado, e que, em sua fachada, tinha uma porta apenas esboçada em seu limiar. Era "A Escola" e para lá se encaminhavam duas crianças — um menino e uma menina — do mesmo tamanho, de mãos dadas, com livros na mão. Interpretei-lhe como percebia suas dificuldades na escola, onde se sentia e desejava estar com o irmão, que talvez julgasse privilegiado por ser menor e menino. Fiz-lhe reparar também o vazio da porta, que, me parecia expressar sua queixa de não ter porta para seu xixi (*). Disse-lhe ainda que, a porta talvez tivesse de ser assim, já que provavelmente se via quase toda amarela, quase toda urina. Também lhe falei da sua presença de que, talvez juntas, pudessemos colocar porta nela mesma, o que lhe daria condições de ir para uma escola de crianças de seu tamanho, o que em sua fantasia, não lhe era possível. N. ouviu, satisfeita, as interpretações e combinamos seu tratamento que se inicia com a predominância de comunicações não-verbais, através de desenhos, onde pequenas fogueiras, sóis e crianças foram e são elementos constantes que usa para expressar suas fantasias, num clima muito cordial.

Chamou-me a atenção a sua chegada à quinta sessão. Traz um lenço muito grande, diria mesmo enorme, junto ao rosto e assoa-se com tal frequência e energia que me causa estranheza e ansiedade .

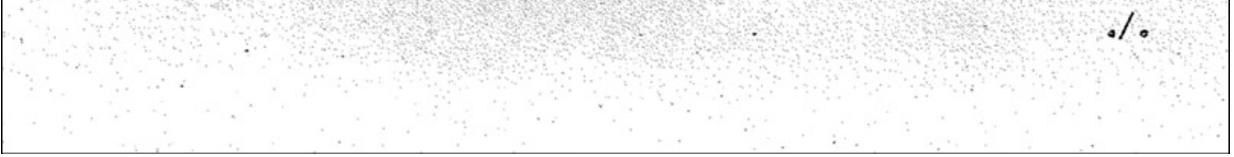
(*) - pis



Está quieta e não consegue fazer outra coisa senão assoar o nariz. A coriza é abundante; o nariz está muito vermelho, a voz anasalada. Pergunto-lhe o que está havendo, ao que me responde: "É a alergia.." e, assim, fico sabendo que começou poucas horas antes da sessão. Comento sobre a importância daquela "aguinha" que tem que expulsar de si com insistência e mesmo violência. Ela me diz que a mãe "não gosta que engula catarro". Digo-lhe que talvez não seja só catarro o que não pode ter dentro de si mas, que ela parece pensar, que tem que se esvaziar de todas as "aguinhas" de seu xixi também, já que tem a idéia de que mamãe a quer completamente seca por dentro. Como não retirasse o lenço do rosto, digo-lhe que talvez me peça que eu seja como o lenço — talvez a fralda — que possa receber o seu xixi. Ela me olha e está mais quieta, procurando o divã para deitar-se. É um momento comovente da sessão. Mostro-lhe como tem saudade de suas fraldas e como o seu nariz estaria representando seu pipi que faz xixi, na tentativa de recuperar aquela época em que podia usar fraldas e ter também o colo da mãe.

Há muito silêncio entre nós. Ela está deitada, o lenço completamente molhado sob o rosto. A coriza escorre diretamente para o lenço e não se assoa mais. Seu olhar está fixo em mim. Sua figura me comove. Aliás as interpretações fluem carregadas de emoção, pois encontro-me, no momento, tocada pela sua fragilidade. Lembro-lhe que esta é uma sessão de sexta-feira, que aqui também vamos nos separar e, o quanto isso deve tê-la feito sentir vontade de chorar. Chorava, também pelo nariz, na separação comigo, a ausência de sua mãe, de quem precisava para envolvê-la, tanto quanto precisava das fraldas, do lenço. Ela sai nesse dia muito triste, mas sem mais assoar-se e — pensei — melhor da coriza.

Dez dias depois, quando N. ainda não tinha um mês de trata

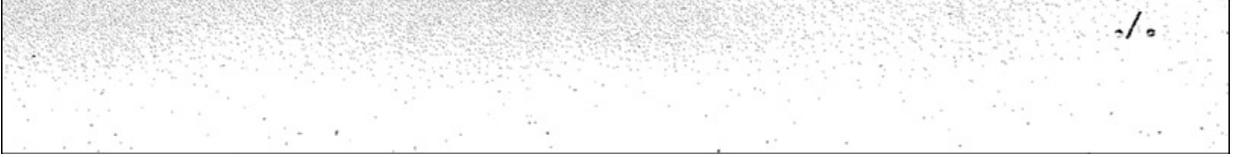


mento, recebo um telefonema da mãe, que me comunica o desaparecimento da enurese. Além de mostrar satisfação, procurei dizer-lhe que não se impressiona-se muito, pois seria um resultado muito precoce, sujeito a reaparecer. No entanto, curiosa, procurei verificar a data que, soube, coincidia com aquela sexta-feira ou com o fim de semana seguinte à sessão relatada. Desde aquela época, e já fazem oito meses, nunca mais N. urinou na cama. Ela mesma informou-me isso um mês mais tarde, satisfeita e reconhecida. Seu tratamento continua evoluindo muito bem.

O fato impressionou-me sobremaneira. Já tivera bons e rápidos resultados com crianças enuréticas, mas nenhum tão marcante, tão precoce e tão evidente. Acrescenta-se que N. melhorou também da rinite e só teve dois resfriados mas um deles após retornar das férias.

Refletindo sobre o caso, a primeira observação que se impõe é a respeito da transferência maciça da paciente para comigo; tão intensa e tão viva que, no segundo fim de semana, na iminência de uma separação, pode expressar simbolicamente sua perda, com tanta clareza, que me tocou contra-transferencialmente, possibilitando-me a percepção de seu desvaliamento, por trás da atividade tão prosaica e um tanto violenta de assoar-se.

Chama a atenção também a erotização do nariz e sua função simbólica de urinar. Parece provável que tenha realizado fantásticamente a aquisição de um pênis, com o qual, se imagina conquistando a mãe, a analista. Seria a manifestação diurna de sua enurese noturna. Nesse sentido poderíamos entender seu sintoma num nível de fantasias sádico-uretrais. Parece-me no entanto evidente que a remissão do sintoma deveu-se, fundamentalmente, ao trabalho sobre sua depressão. Assim como entendi, tanto sua enurese, como sua rinite,



expressavam, de maneira dramática, seu desejo de recuperar a mãe , perdida para o bebê de seis meses. Ela vinha chorando, por toda sua vida, essa perda.

Precisava da porta (no desenho), mas também de seu lenço , de suas fraldas. O sintoma refletia sua fixação a uma época da vida em que desfrutara do contato com a mãe, expressando também, a dor que sentiu pela perda desse contato.

Ocorrem-me nesse momento as idéias de Esther Bick a respeito da formação da "pele psíquica", através do contato com a mãe e a repetição, na análise, desse mesmo processo. Parece-me que, no caso, talvez se pudesse pensar que as interpretações e o clima afetivo daquela sessão, tivessem fornecido a essa criança a possibilidade de reformular sua experiência precoce, dando-lhe condições para formar uma "pele" que a contivesse.

A comunicação desse caso visa apenas o relato de um achado clínico e da compreensão que possibilitou a remissão do sintoma. Não pretende generalizar etiologias, nem determinates depressivos em casos de enurese e de rinite. Se isso ficar bem claro pelo exposto , terei conseguido, pela segunda vez nesse caso, a felicidade de ser profundamente compreendida.

- * - * -
- * -

R E S U M O

Relata-se a rápida solução de uma enurese a partir da compreensão de uma rinite alérgica em menina de 10 anos.



Da pré-história da SBPRJ

Instituto Brasileiro de Psicanálise

Aloysio Augusto d'Abreu¹

Um grupo de médicos interessados na psicanálise reuniu-se em 16 de dezembro de 1947 na Rua México 90 – 7º andar, numa sala do Banco Lowndes. Objetivavam conseguir meios para iniciarem sua formação psicanalítica nos moldes da IPA.

Este grupo deu surgimento ao Instituto Brasileiro de Psicanálise, que foi a instituição que deu origem às demais Sociedades e Grupos de Estudos do Rio de Janeiro filiados à IPA.

Estavam presentes nessa reunião:

João José Barbosa Quental

(presidiu esta reunião, pai da nossa colega Maria Quental, falecida)

Domício Arruda Câmara (foi 1º secretário)

João Cortes de Barros (foi 2º secretário)

Antônio Araújo Villela (cardiologista, não mais compareceu)

Luiz de Lacerda Werneck

Januário Jobim Bittencourt

(foi comunicada sua morte em agosto de 1949, na 35ª reunião)

Nelson de Souza Coutrin (sem notícias posteriores)

Antônio Mattos Muniz (sem notícias)

Sebastião Augusto Fontes Lourenço

João Mariz de Moraes

João Marafelli Filho

Edgard Guimarães de Almeida

Luiz Phelippe Saldanha da Gama Murgel

(só compareceu a esta reunião)

Eleita a primeira Diretoria:

Presidente: Domício Arruda Câmara

Vice-presidente: José Mariz de Moraes

Secretário: José Barbosa Quental

Tesoureiro: João Cortes de Barros

Faziam parte ainda do conselho diretor: Sebastião Augusto Fontes Lourenço, Januário Jobim Bittencourt e Luiz Lacerda Werneck.

O primeiro presidente do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dr. Domício Arruda Câmara, merece um destaque especial em nossa história pelo seu trabalho e devoção para implantar uma formação psicanalítica no Rio de Janeiro.

Em correspondências constantes do Dr. Arruda Câmara com o então presidente da IPA, Dr. Ernest Jones, há a tentativa de viabilizar a vinda de psicanalistas para se radicarem no Rio de Janeiro e iniciarem as análises e as supervisões. Foram feitas também consultas diretas a outros psicanalistas.

Na Ata de 11 de maio de 1950 consta que Sebastião Augusto Fontes Lourenço indagou do presidente se poderia adiantar alguma notícia da sra. Liberman. O Dr. Arruda Câmara diz que está aguardando notícias de sua chegada à Itália e que nas últimas semanas não tem recebido notícias.

O Dr. Luiz Werneck informou-nos que a sra. Lieberman, analista radicada em Budapeste, que pretendia fugir da Hungria via Itália, desejava se juntar aos analistas pioneiros do IBP no Rio de Janeiro. O casal Liberman foi morto ao cruzar a fronteira húngara quando fugia para se radicar no Rio de Janeiro. Fiz tentativas de conseguir dados sobre a sra. Liberman junto à Sociedade Húngara de Psicanálise através de cartas e em conversa pessoal com o presidente da Sociedade Húngara, infelizmente não obtive retorno.

Entre os que mais se interessaram e estiveram propensos a residir em nossa cidade constam: Dr. Michael Balint e Dra. Marie Langer, os quais, infelizmente, por motivos vários, não vieram. O presidente da IPA indicou o Dr. Mark Burke e o Dr. Werner Kemper.

Mark Burke desembarcou no Rio de Janeiro no início de 1948, falando correntemente o vernáculo e trazendo os fundamentos de uma biblioteca,

inclusive as obras completas de Freud no original em alemão. Começou a trabalhar em fevereiro desse mesmo ano, tendo como candidatos: Domício Arruda Câmara, João Cortes de Barros, Januário Bittencourt, M. T. Moreira Lyra, José Mariz de Moraes, Sebastião Fontes Lourenço, Barbosa Quental, Pedro Ferreira, Luiz Werneck. Alguns que interromperam por motivos diversos foram substituídos por: Mario Pacheco de Almeida Prado, Edgard de Almeida, J. J. Grieco. Posteriormente, o Dr. Burke também ministrou seminários e supervisões. Durante sua permanência, visitou instituições psicanalíticas da América Latina e compareceu a conclave sobre a matéria.

Werner Kemper teve encontros na Alemanha com Domício Arruda Câmara, que para lá havia viajado para tratar de sua vinda. Kemper aqui chegou em fins de 1948 e logo a seguir iniciou análise pessoal com finalidades didáticas de Fabio Leite Lobo, João Marafeli Filho, Luiz Guimarães Dahlheim, Gerson Borsoi, Noemy da Silveira Rudolfer, Inaura Carneiro Leão, Zenaira Aranha, Inês Besouchet, Souza Viana e Celestino Prunes.

Tal como Burke, Kemper também ministrava seminários e supervisões para candidatos de ambos os analistas.

Em fins de 1949, o Dr. Burke convidou o Dr. Balinti para se transferir para o Rio de Janeiro. O primeiro inscrito para começar a análise com Balinti foi o Dr. José Barbosa Quental, que interrompera sua análise com Burke. O Dr. Balinti, por motivos pessoais, declinou do convite.

Nessa ocasião, onze médicos de São Paulo, a maioria psiquiatras, pediram ajuda ao Instituto para fazer formação no Rio de Janeiro. O Dr. Sales (Otávio ??), de São Paulo, falou da dificuldade de o grupo dos onze fazer formação em São Paulo. A Dra Koch e o Dr. Marcondes preferiam candidatos não médicos a médicos.

Em 12 de outubro 1949 realizou-se sessão solene no auditório do Instituto de Educação, uma homenagem do IBP pelo décimo aniversário da morte de Freud.

Em setembro de 1950 o IBP passou a ter sede na Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540, ap. 1106, no prédio da atual sede da Febrapsi.

Em janeiro de 1951 surgiram questões ligadas à Catarina Kemper, como sua qualificação como analista e as supervisões e o seminário que ministrava para os candidatos.

Catarina Kemper não tinha qualquer formação médica, psicológica ou de psicanalista, era protegida de Kemper, que a reconhecia como psicanalista e analista didata. Posteriormente, a IPA questionou a condição de analista didata de Catarina Kemper, exigindo que se submetesse a supervisões em São Paulo e Buenos Aires.

O Dr. Burke comunicou que se recusava a continuar a ministrar seminários aos analisandos do Dr. Kemper.

O Dr. Burke teve dificuldades de se adaptar ao Rio de Janeiro, queixando-se principalmente dos ruídos da cidade. Retornou à Inglaterra em fins de 1953 sem que seus candidatos concluíssem suas formações analíticas.

Nos anos 49/50 regressaram de Buenos Aires psiquiatras brasileiros que lá foram procurar formação psicanalítica. Foram eles: Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira. O Grupo Argentino, como vieram a ser chamados, fez tentativas que se mostraram frustradas junto a alguns analistas para se radicarem no Rio de Janeiro.

O XVIII Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Londres em 1953, teve pela primeira vez, talvez única, uma comissão de representantes oficiais do governo brasileiro. O sr. presidente da República, Getúlio Vargas, resolveu por Decreto em 18 de junho de 1953, na pauta das Relações Exteriores, designar oito membros do Instituto Brasileiro de Psicanálise como representantes.

Foram representantes brasileiros oficiais, designados pelo governo, no XVIII Congresso Internacional da IPA, em 1953: João Côrtes de Barros, Pedro de Figueiredo Ferreira, Luiz de Lacerda Werneck, Mario Pacheco de Almeida Prado, Domício Arruda Câmara, José Mariz de Moraes, Manoel Thomas Moreira Lyra e Edgard Guimarães de Almeida.

Os componentes do Instituto permaneceram cerca de um mês na capital inglesa e para eles foi organizado pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica um curso para sua frequência exclusiva em seminários teóricos, clínicos e de técnica professados por Winnicott, Paula Heime, Sylvia Payac, Joan Riviere, Clifford Scott, Frank Philips, Ilse Hellman, Masud Khan. Foi oferecido um programa escrito, com endereço e horários. Também foram recebidos pela Sociedade Britânica numa reunião científica e dela participaram.

Nesse Congresso, realizado em julho de 1953, o Dr. Danilo Perestrello, como membro da Associação Psicanalítica Argentina, apresentou o trabalho “Headache and Primal Scene”, o qual foi publicado no ano seguinte no *International Journal of Psycho-Analysis*. Desta forma, foi o primeiro membro da SBPRJ a apresentar um trabalho em um Congresso Internacional e ter sua publicação no *International Journal of Psycho-Analysis*.

O Grupo de Kemper foi reconhecido como Grupo de Estudos nesse mesmo Congresso.

Dos candidatos do Dr. Burke, após seu retorno à Inglaterra, três foram para Londres para terminar suas formações na Sociedade Britânica: Dr. Arruda Câmara analisou-se com W. Bion, Dr. Edgar de Almeida com M. Balint e o Dr. Manoel Thomaz Moreira Lyra com Paula Heimann. Mas o Dr. Câmara não concluiu sua formação. Os que permaneceram no Rio: Dr. Luiz Werneck, Dr. Cortes de Barros, Dr. Mario Pacheco. O Dr. Pedro Ferreira e o Dr. João Mariz de Moraes foram terminar suas formações na Sociedade de São Paulo.

Em 29 de maio de 1955, o Dr. Frank Philips enviou cópia de carta dirigida ao Dr. Heinz Hartman, presidente da IPA, e à Dra. Ruth S. Eissler, secretária da IPA, solicitando que os membros do Instituto Brasileiro de Psicanálise participassem do XIX Congresso Internacional de Genebra.

No 2º semestre de 1955, foram a São Paulo os Drs. Luis de Lacerda Werneck, Mário Pacheco de Almeida Prado, José Mariz de Moraes para, em contato com Dr. Durval Marcondes, então presidente da SBP, tratar da filiação dos membros do IBP àquela Sociedade, como forma de tornar regular a situação dos membros do Instituto após o retorno do Dr. Burke a Londres. Em 4 de novembro de 1955, os membros do Instituto Brasileiro de Psicanálise receberam carta da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo informando que os aceitaria como membros desta sociedade após apresentarem um trabalho.

Um dos membros mais ativos do Instituto Brasileiro de Psicanálise foi o Dr. José Mariz de Moraes. Ele faleceu no dia 9 de agosto de 1956 sentado na poltrona de seu consultório, tendo em seu colo um livro de Melanie Klein.

A aceitação dos membros do IBP pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo permitiu que eles, juntamente com os analistas provenientes da Argentina e aqueles que foram terminar sua formação em

Londres, se reunissem no dia 25 de maio de 1957 na residência do Dr. Edgard de Almeida. Estavam presentes nessa reunião, além de Edgar de Almeida, Alcyon Bahia, Danilo Perestrello, Décio de Souza, Edgard de Almeida, João Côrtes de Barros, Luiz Werneck, Marialzira Perestrello, Mário Pacheco de Almeida Prado, Pedro Ferreira e Walderedo I. de Oliveira, que solicitaram à IPA o reconhecimento no Rio de Janeiro de um Grupo de Estudos sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise da São Paulo.

No Congresso Internacional de Psicanálise de Paris, em 1º de agosto de 1957, na reunião administrativa, os membros dos chamados grupos de Burke, Argentinos e Ingleses são reconhecidos oficialmente como Grupo de Estudos do Rio de Janeiro, tendo como *sponsorship* a Sociedade de São Paulo.

No Congresso Internacional da IPA em Copenhague, no dia 28 de julho de 1959, o Grupo de Estudos do Rio de Janeiro foi reconhecido como Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Em 1964, o Instituto foi extinto em razão de suas finalidades terem sido preenchidas, tendo seu patrimônio – arquivo, biblioteca, livros de atas, correspondências dinheiro em caixa etc. – sido ofertado à Sociedade Brasileira de Psicanálise, sendo então seu presidente o Dr. M. T. Moreira Lira.

Referências

Atas do Instituto Brasileiro de Psicanálise.

Werneck, L. Comunicações pessoais. Dados não publicados.

Perestrello, M. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Suas Origens e Fundação*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Recebido: 24/07/2019

Aloysio Augusto d'Abreu
dabreu.dabreu@gmail.com

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Os Retratos que eu vejo

Altamirando M. Andrade Jr.¹

Dos sessenta anos da Brasileira, participo por trinta e cinco anos de sua vida institucional. Um pouco mais da metade de sua vida e também menos da metade de minha vida. Portanto, a Brasileira e tudo o que ela implica são minha vida e de minha família por todos esses anos.

Naturalmente a Brasileira que conheci no início é muito diferente da que vejo hoje. Mudanças foram acontecendo e ocorreram por desejos de vários de seus membros. Muitos de acordo, muitos discordantes.

Acredito que o cerne seria discutir qual identidade tem uma Sociedade de Psicanálise, o que o conjunto de membros apresenta como a identidade da sociedade? Esta identidade compõe o retrato que cada membro visualiza e do qual faz parte. Cada membro tem sua maneira própria de fazer parte do retrato e de retratar a Brasileira.

Que eu saiba, não existe nenhuma outra profissão ou ofício em que se requer uma exigência de tratamento pessoal para se tornar alguém que trata, ou seja, precisamos ser tratados para poder tratar. E não só tratados, precisamos buscar análise pessoal por achar que temos algo a ser tratado, analisado. A exigência mais importante é nossa própria. Difícil imaginar outras profissões com este tipo de exigência. Por exemplo, a Ortopedia! Seria impossível....

Evoluímos de uma busca de tratamento pessoal para uma busca de condições para exercer o ofício de quem trata. Familiar e estranho ao mesmo tempo.

Outro ponto importante é que durante a formação estudamos diversos autores e temas que de alguma forma estão sendo “estudados” em nós próprios através de nossas análises. Assim, temos uma relação direta com o que estudamos e com o que observamos em nossos pacientes e discutimos em nossas supervisões.

Todos estes fatores acima descritos constituem, no meu entender, os pilares que delinearão nossa identidade psicanalítica, nosso engajamento com a profissão e o modo como exercemos o ofício. Estes fatos nos ligam à instituição e refletem a maneira de como iremos, cada um de nós, membros, nos relacionar com a instituição.

A Brasileira é não só a instituição à qual os seus membros pertencem, mas também o abrigo de transferências, projeções e idealizações de cada um. As peculiaridades da natureza humana se encenam na vida societária em maior ou menor grau e muitas vezes determinam seu curso. No entanto, a instituição para que sobreviva com vida fértil necessita ser maior do que todos. Necessita ser uma instituição de todos e para todos, mesmo que muitas vezes prevaleçam os ideais de um grupo.

Vários autores citam que o cerne de uma sociedade de psicanálise é o instituto de formação, pois nele se constituem não só o futuro da instituição, mas também os membros que continuarão dando vida à sociedade pelos tempos futuros.

Também é no instituto que muitos conflitos éticos, políticos e no campo das ideias surgem e são experimentados como desafiadores da continuidade da instituição.

Mas o que faz com que uma sociedade se mantenha viva e pujante? Criativa e participante? Desafio constante da instituição. Acredito que o predomínio de transferências positivas venha a criar uma contenção para os aspectos negativos que expelimos para a instituição e para os seus membros e nos possibilitem manter a criatividade voltada para o seu futuro e para o futuro das novas gerações.

A costura para todas estas características é o modelo de análise pessoal que cada um de nós carrega pela vida e a maneira como transformamos este modelo de modo criativo e produtivo na instituição.

Sabemos das inúmeras fratrias na instituição e de seus aspectos deletérios, mas também sabemos da impossibilidade de evitá-los, e da necessidade de contê-los e transformá-los em algo criativo e social. Não é à toa que Freud (1925/1976a, 1937/1975) disse ser a Psicanálise uma profissão impossível, ao lado de educar e governar. Freud considerava que são profissões necessárias e fundamentais, mas também são profissões que sempre vão trazer a ideia implícita de uma não satisfação total. Este assunto

foi discutido com o amigo e colega Theodor Lowenkron a quem muito agradeço.

O que dizer da importante e salutar pluralidade de ideias e de escolas presentes em muitas sociedades? Mas que ao mesmo tempo provocam quebras e rupturas institucionais, mas também enriquecem o debate e o conhecimento emocional e intelectual dos membros.

Como juntar todos os aspectos diversos e formar um Retrato? Às vezes penso que um quadro de Picasso, de sua fase cubista, demonstra bem os traços de uma instituição psicanalítica. Sabemos que é a pintura de um rosto feminino, mas também sabemos que os olhos estão fora do lugar, assim como o nariz e a boca e, no entanto, é um rosto feminino. Parece um aglomerado que se junta de modo bizarro, mas é um rosto feminino que nos conduz a inúmeras imaginações e devaneios. Viver e pensar uma Brasileira nos leva a histórias de vida as mais diferentes possíveis: as nossas, as dos nossos fundadores, aquelas que são de fato as imaginadas, as que transformamos e criamos – Romances Familiares.

Não sei se posso ou devo falar em nome dos colegas, mesmo aqueles bem próximos, ou se devo falar somente em meu nome, o que já é difícil, mas uma Brasileira pode servir de suporte para as nossas indagações psicanalíticas tanto quanto ser continente de dúvidas, angústias e satisfações pessoais. Mas também, como não poderia ser diferente, serve de receptáculo de inúmeras projeções, críticas, frustrações e mal-estares.

A marca que dá o tom do retrato é a diversidade de ideias e vivências provocadas pela instituição e também nela presentes. A formação analítica, importante e fundamental na vida de uma Brasileira, retrata o funcionamento de seus membros e futuros analistas. Cada sociedade é diferente de outra e não poderia ser diferente, e por mais que busquemos similaridades, teremos sempre a marca de sua singularidade em função de sua origem e constituição.

O retrato é dinâmico e se volta para o passado, se mostra no presente e se projeta para o futuro. Um retrato como as setas do tempo de cada membro e de todos juntos. O retrato que vai se desdobrando ao vermos as novas gerações tomando e assumindo seus lugares quer na esfera científica, quer na administrativa e política. O retrato que vai além da moldura, tanto dentro da sociedade quanto levando a sociedade para os mais diversos fóruns. A expansão da instituição vai se dando pelo desenvolvimento das

futuras gerações, a continuidade descontínua, a cesura de que nos fala Freud (1926[1925]/1976b). O retrato se mantém, se forma, deforma e reforma numa infinita gama de possibilidades, mas o eixo que constitui a essência da instituição se mantém através dos tempos vivos na memória de cada um.

O retrato é colorido e preto e branco, às vezes descolorido e descascado, mas sempre um retrato, e que se refaz e ressurgue colorido e pujante.

A identificação com os pioneiros e os fundadores é uma eterna marca de continuidade e porvir. Foram estes pioneiros que lançaram a pedra fundamental e iniciaram a vida institucional e cabe a cada um de nós ter como compromisso o desejo de transmitir e levar adiante num eterno vir a ser. Afinal, os irmãos brigam, mas se mantêm juntos e compõem o retrato.

Referências

- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. 23 (p. 241-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1976a). Prefácio de Juventude Desorientada, de Aichhorne. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. 19 (p. 339-343). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1976b). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Vol. 20 (p. 95-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).

Recebido: 07/05/2019.

Altamirando M. Andrade Jr.
altandr@msn.com

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Freud, o eterno retorno

Bernard Miodownik¹

Faz 60 anos a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Tempo de comemorar com os que aqui estão e de lembrar os muitos que fazem parte da nossa história e ajudaram a construí-la. Como o importante psicanalista que acaba de chegar.

Professor Freud, que prazer contar com sua presença. O senhor nunca nos faltou e nunca nos faltará.

“Sou o primeiro?”

O senhor continua a ser e sempre será o primeiro.

Ele sorri pelo canto da boca, parece encabulado: *“Apesar dos evidentes obstáculos fiz um esforço para vir. Não é todo dia que uma sociedade de psicanálise faz 60 anos”*. Curioso, ele pesquisa o ambiente. *“Agradável a casa”*. O olhar brilha ao ver a carta manuscrita emoldurada. *“Conheço a letra”*. Alisa os teclados dos computadores tal qual um cego procurando reconhecer o material pelo tato. Olha os cartazes das programações científicas como que decifrando uma esfinge. *“Muito diferente da minha época, quanta coisa que não conheço! Não é para menos, já se vão 80 anos desde 1939. Vocês nem se imaginavam psicanalistas. Minha certeza naqueles momentos pioneiros era que a psicanálise veio para ficar, mas jamais supus que chegaríamos a lugares tão distantes. Brasil, na cidade de Buenos Aires”*.

Rio de Janeiro, Professor.

Bate de leve várias vezes na própria testa: *“que cabeça a minha! Sempre confundo as cidades da América do Sul. Foi a viagem à América do Norte que me criou resistências contra esse lado do Atlântico. Um grande trauma. Conteí sonhos para Jung interpretar, como se não fosse suficiente ter me exposto com o ingrato do Fliess. Se arrependimento matasse, eu a essa hora estaria morto”*. Olha para mim com um sorriso contido. Pela minha reação, um aperto de lábios que trai um riso também contido, percebe que entendi o chiste e solta

uma gargalhada, “sempre falei que o humor nos ajuda a enfrentar as intempéries e superar traumas. Concorda meu caro?”.

Verdade, professor. Saiba que nesses 60 anos há uns 40 os inimigos da psicanálise saem por aí dizendo que Freud está morto. Aqui na Sociedade não. Para nós Freud continua vivo. Faço uma pequena pausa para criar um suspense. Só não vou dizer que estou conversando com o próprio porque vão achar que enlouqueci.

Ficamos os dois às gargalhadas até que ele começa a tossir e se engasga ofegante. “Fumar vai acabar me matando”. Mais gargalhadas conjuntas, como dois velhos amigos. Ele faz força para trazer o ar para dentro dos pulmões. “Não consigo parar de fumar, já me recomendaram, proibiram. Um prazer a que não consigo renunciar. Por falar nisso...”. Retira um charuto do bolso e faz menção de acender.

Desculpe professor. Além de não fazer bem à saúde, não se pode fumar em lugares fechados.

“Estava demorando a aparecer alguma repressão”. A fala mais agressiva, entrecortada pelos acessos de tosse, faz com que a voz frágil e quebradiça do idoso debilitado soe tonitruante.

A irritação dele me surpreende, não esperava encará-la, o famoso temperamento irascível. *Não leve a mal, Professor, é o Ministério da Saúde, falo um tanto sem jeito, sabedor que ele pouco se importa com demonstrações de autoridade. A religião que o diga.*

“Ministério da Saúde? Ora... Repressão esse é o nome, a de sempre. Veja que nem há conotação sexual. Um charuto é somente um charuto”. Fico em dúvida se é outro chiste. Apenas sorrio constrangido.

Ele guarda o charuto no bolso. “Não adianta brigar. Tenho que me acostumar, o mundo mudou. Novos tempos. A psicanálise deve ter mudado por aqui. Espero que não tenham se desviado como Jung – cada vez que falo nele me corrói a alma ter-lhe revelado meus sonhos – ou Adler”.

Muito do que fazemos hoje, Professor Freud, talvez lhe soe estranho, mas estamos certos que nada irá lhe causar grandes decepções.

Acalma-se: “Folgo em saber. Dos meus contemporâneos quem vem por aqui?”.

Mais recente quem tem aparecido é Ferenczi.

Espantado: “Sandor?”. Confirmo: *Ele mesmo.*

Pensativo, alisa a barba em cada lado da face e no queixo como se ajeitasse pensamentos: *“Sandor Ferenczi! Resgatado pela posteridade, que surpresa! Merece, sou obrigado a reconhecer. Talentoso, porém um tanto excitado. Escrevi as recomendações aos que exercem a psicanálise em parte pensando nele”*. Fica impaciente. *“Não quero me estender nesse assunto. Quem mais aparece por aqui?”*.

Melanie Klein não era propriamente sua contemporânea, mas foi muito presente por um longo período. Deixou marcas.

Franze a testa, não parece confortável. *“Ouvi falar, foi paciente de Ferenczi, também tinha umas ideias esquisitas. Abraham deve ter dado um jeito nela”*. Mais uma vez mostra-se impaciente. Será sempre assim quando não gosta do assunto?

“E Anna?” – pergunta olhando direto nos meus olhos. Sei o que ele espera e não posso lhe dar. Como dizer de uma forma nem tão distante que pareça desdém, nem tão efusiva que exale falsidade? *Anna, sua filha? A grande obra dela O ego e os mecanismos de defesa tem na nossa biblioteca.*

Ele desvia o olhar, não transparece contrariedade e nem procuro me deter em examinar os detalhes da sua reação. A impaciência agora é minha. Quero mudar o assunto. *Caso queira, Professor, posso lhe falar sobre a psicanálise que estudamos e praticamos aqui na Sociedade.*

Ele não responde, permanece impassível, sem revelar qualquer tonalidade afetiva. Está se fazendo de morto, penso e, obviamente, não digo. Melhor falar sem esperar a permissão dele, quem sabe desanuvia o ambiente?

Autores que estudamos são muitos, Professor. Lê-se Winnicott, Bion, Lacan, Rosenfeld, Kohut, Balint, Fairbairn, Green, Ogden. Tem mais, a lista não é pequena. O senhor precisa ver as referências dos nossos cursos – onde, diga-se de passagem, Freud continua essencial – e os temas das reuniões científicas. Sobre os assuntos que debatemos, vou mencionar uns poucos: a importância dos objetos primários, a mãe ou substitutas, nos primeiros anos de uma criança; a função paterna nesse período; visões diversas sobre o funcionamento mental e o desenvolvimento primitivo; a compreensão do mundo interno dos pacientes através da contratransferência do analista; o trabalho psicanalítico com pacientes graves, até psicóticos; as diversas formas de narcisismo; as somatizações; os estados dissociativos; questões atuais sobre gênero; a intersubjetividade da relação analítica.

Diante da absoluta neutralidade dele enquanto falo, resolvo parar, não sem complementar: *E, claro, Freud continua essencial.*

Segundos que duram uma eternidade (o tempo dele?) até uma tênue sombra melancólica se formar em seu rosto: *“É, estou precisando me atualizar. Sabe, meu caro, tenho o tempo que quiser à minha disposição. E no que eu uso? Para ler e reler inúmeras vezes o que escrevi, verificar se em textos mais antigos eu já vislumbrava teorias posteriores e procurar que outros significados possam se depreender dos meus escritos”.*

Muitos freudianos nos dias de hoje fazem o mesmo em boa parte do tempo, Professor.

“Tem um valor, não se pode negar, mas sinto o problema. Eu, agnóstico e ateu convicto, às vezes me vejo como um rabino que interpreta e reinterpreta o texto da Torá. Não criei a psicanálise para ser uma nova religião. Quando não é isso, fico lembrando os meus sucessos ou o que me arrependo e quero esquecer, como ter mostrado os meus sonhos para Jung interpretar. Já lhe falei, não? O tempo todo, todo o tempo, tudo se repete. A eternidade é isso, um infinito narcisismo”.

O senhor continua a ser um genial pensador. Suas ideias têm raízes profundas e extensas no mundo atual.

Um discreto franzir na testa, um prenúncio de sorriso, a face se revela mais leve e traz de volta um Freud brincalhão: *“Talvez eu precise de uma análise”.*

Pode contar conosco. Temos analistas muito bem preparados.

“Certamente não faltam motivos para me orgulhar de vocês. Aliás, muito me orgulha o legado que deixei”.

Ele suspira, parece cansado. *“Hora de ir, vim só prestigiar os 60 anos da Sociedade. Transmita os meus cumprimentos e parabenizo a todos.”*

Obrigado por ter vindo, Professor Freud.

“Como vocês dizem no Brasil, quem é vivo sempre aparece.”

Muitas risadas novamente, nossa representação de um estreito abraço. Na rua ele acende o charuto, solta uma baforada de pleno gozo. Pisca um olho para mim e vai descendo a Davi Campista. Tenho a impressão de que não anda, flutua. Será? Deve ser a emoção que me faz ver coisas. Ou, agora me dou conta, é um sonho.

Contar um sonho. A minha homenagem à nossa SBPRJ nos seus 60 anos.

Recebido: 18/07/2019

Bernard Miodownik
betchkov@uol.com.br

1. Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
Ex-editor da TRIEB 2013-2018.

Em torno aos 60 anos da SBPRJ

Carlos Tamm¹

Recentemente relembrei aspectos da minha trajetória na SBPRJ em uma entrevista com duas queridas colegas para o *Intervalo Analítico*. Quando Maria Noel Sertã me pediu então para escrever um comentário para o número da *TRIEB* comemorativo dos 60 anos, achei desnecessário repetir o que já havia dito ali como um depoimento pessoal. Optei por dar a minha visão sobre a importância da criação da Sociedade, que envolve um sentimento de gratidão ao espírito pioneiro dos seus fundadores.

Alguns profissionais brasileiros, dentre eles os membros fundadores da futura SBPRJ, foram corajosos e aventureiros o suficiente para ir buscar a boa nova onde ela se apresentava: na Inglaterra, centro àquela época mais importante, devido, em grande parte, aos deslocamentos provocados pela Segunda Grande Guerra; na Argentina, mais próxima de nós, onde, por motivos parecidos, já se desenvolvia; ou ainda, buscando aqueles europeus que também tivessem esse espírito de Odisseu e se dispusessem a inaugurar o trabalho de treinamento no nosso meio.

Graças a isso, cariocas de já há algumas gerações – como tantos de nós – encontraram um porto onde atracar sua confusão e perplexidade, quando parecia difícil encontrar um sentido para a experiência interna e externa. É difícil descrever com justiça a importância existencial dessa experiência para aqueles que foram tocados pela Psicanálise. Além disso, mesmo em um país como o nosso, em que a área da Saúde Mental deu acolhida tão limitada à nossa disciplina, o simples fato de tantos psiquiatras e psicólogos trabalhando nos serviços públicos terem tido treinamento psicanalítico transformou o tipo de atendimento que muitos dos pacientes desses serviços puderam ter. Lembro-me do comentário que ouvi de um dos primeiros psiquiatras a se lançar nessa busca: “Não aguentava mais ser internador profissional”. Não parecia haver nisso nenhuma demolição da Psiquiatria

convencional, negação da utilidade ou necessidade, até mesmo, de intervenções psiquiátricas em alguns casos, mas sim um sentimento de frustração com a limitação do que se tinha para oferecer em termos de tratamento para qualquer sofrimento mental, muitas vezes com importantes efeitos iatrogênicos.

Muitas vezes, quando falamos em crise da profissão, focamos apenas nas limitações da nossa prática e desconsideramos o fato de que a Psicanálise transformou a cultura, as concepções sobre saúde e doença, sobre a vida mental e os relacionamentos humanos – inicialmente no Ocidente e agora já atingindo a Ásia, oficialmente já a quarta região da IPA –, e isso apesar de toda a resistência que ainda gera e que em parte limita e retarda seu alcance.

Por outro lado, a evolução tem sido particularmente lenta no nosso meio na percepção da impossibilidade de se falar em real saúde mental onde predomina a negação da realidade. Uma estrutura social que corrobora a ideia de que existem grupos de seres humanos de qualidade inerentemente diferente, não só é perversa, mas também perversiva. Visto à distância e de outro contexto, a naturalização do regime semiescravocrata da sociedade brasileira é chocante. A escravidão, infelizmente, é prática milenar, e o Reino Unido, de onde escrevo, foi um dos que dela tirou proveito. Hoje, na nossa época, os seus efeitos deveriam nos incomodar como uma pedra pontuda dentro do sapato. Não é possível pensar em progresso e real evolução onde o outro carrega o fardo da impotência e do desamparo.

A violência massiva que acomete a sociedade brasileira ameaça a todos. A situação de desigualdade social não é sua única explicação, o crime e os comportamentos perversos acometem também, em outro nível e de diferentes formas, as sociedades mais desenvolvidas. Segurança é necessária. O que não se pode imaginar, no entanto, é que tal situação pudesse ter sido evitada mantendo-se a mesma ordem social em que parte da população é exposta a uma qualidade de vida sub-humana e a serviços públicos de saúde, educação e transporte na maioria dos casos de baixíssima qualidade, o que não afeta diretamente aqueles que não os usam. A falta de empatia estimulada por esse sistema não é resolvida pela eventual generosidade de alguns patrões. Em sociedades um pouco menos desiguais, as discussões sobre os sistemas de Educação e Saúde mobilizam a todos e são matérias diárias nos jornais, por serem eles utilizados pela imensa maioria dos cidadãos, inclusive por aqueles de alto nível educacional e cultural. Não

pretendo confundir a função de uma sociedade psicanalítica, uma sociedade científica voltada para o ensino, desenvolvimento e divulgação da Psicanálise, com a de nenhuma agremiação política. Por outro lado, se ignoramos ou negamos a presença de funcionamentos doentios ou perversos no grupo social, acabamos por limitar profundamente a capacidade reflexiva psicanalítica.

Talvez fosse uma forma de homenagem aos fundadores da “Brasileira” se também nós, analistas bem treinados, pudéssemos observar e refletir sobre as estruturas de relacionamentos sociais que envolvem igualmente analistas e analisandos, aspectos da sua psicopatologia e seus efeitos na nossa psique e na dos cidadãos em geral.

Recebido: 12/09/2019

Carlos Tamm
carlos.tamm@terra.com.br

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ. Membro efetivo da Sociedade Britânica de Psicanálise.

PROPIS e Projeto Travessia: retratos de uma história de pertencimento institucional

Equipe Travessia¹

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
Que já tem a forma do nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos que
nos levam sempre aos mesmos lugares
É o tempo da travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado para sempre
à margem de nós mesmos*
Fernando Pessoa, “Tempo de travessia”

Celebrar os 60 anos de nossa instituição é afofar inúmeras lembranças vividas diretamente, além de muitas outras transmitidas por nossos mestres fundadores ao longo de toda a história da psicanálise brasileira. A SBPRJ tem inúmeras histórias belas e valentes, algumas tensas e tristes, mas todas podem nos levar a aprender com as diversas experiências. Dentre essas, estão aquelas envolvidas na criação do Programa de Psicanálise e Interface Social (PROPIS). Certamente, um único retrato não seria capaz de expressar toda a complexidade que está imbricada nesses trabalhos que se propõem a expandir o alcance da Psicanálise para além dos consultórios particulares, para fora do divã, fora dos muros, em direção ao corpo social, à comunidade, a populações que, de outra forma, talvez não tivessem acesso a nossa prática. É a partir desta perspectiva que desejamos compartilhar nossa história institucional.

Escolhemos, para um primeiro clique, começar de frente para trás, em um evento recente que, de certa forma, culminou 16 anos de trabalho árduo: estamos em Londres, 2019, na cerimônia de entrega da primeira edição do *IPA in the Community Awards*. Premiação inédita criada pela IPA para reconhecer as iniciativas dos psicanalistas que desenvolvem trabalhos junto à comunidade, em áreas relacionadas à educação, à saúde, à cultura e à violência, dentre outras. Foram contemplados diversos projetos em suas variadas categorias – dentre eles, nosso Projeto Travessia. Nessa ocasião de muita alegria, celebramos essas iniciativas criativas e, indiretamente, tantas outras que merecem igualmente o nosso reconhecimento. Para os pioneiros do PROPIS, o que parecia improvável, há mais de uma década, se concretiza como política institucional internacional.

Esta atual política da IPA tem como visada o fortalecimento de práticas psicanalíticas *off the couch*, fornecendo visibilidade à qualidade dessas intervenções psicanalíticas, bem como – e o mais fundamental – possibilitar a instalação de um princípio ético de responsabilidade social (*social accountability*) de atuação dos psicanalistas no mundo atual.

Entretanto, se “com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”, com a celebração pelos prêmios recebidos somos colocados diante do compromisso com o futuro de todos esses projetos. Esperamos que as atuais políticas desenvolvidas pela IPA possam continuar a facilitar o trabalho dos psicanalistas e estimular sua participação em movimentos sociais que enfrentam os grandes desafios da vida contemporânea. Esperamos, também, que possam fortalecer os vínculos com outras instituições psicanalíticas, como a FEBRAPSI e a FEPAL, bem como com outras instituições nacionais e internacionais comprometidas com o bem estar social e os direitos humanos, a fim de criar uma rede de apoio, que inclui o intercâmbio de conhecimento e de métodos de gestão, captação de recursos e avaliação continuada, em busca de um mundo menos cruel e perverso, tanto no plano individual como no coletivo.

A Psicanálise, como um saber que diz respeito ao humano, não pode ser indiferente ao seu tempo histórico. A imbricação entre o individual e o social, entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, se manifesta constante e inescapavelmente na experiência clínica dos psicanalistas. Se, desde sempre, o homem sofreu do desamparo inerente à sua condição, na contemporaneidade, esse desamparo se revela de formas mais cruentas, na

medida em que o tecido social se encontra esgarçado e incapaz de contê-lo e acolhê-lo. O adoecimento individual revela o adoecimento social e vice-versa. Esta percepção não é apenas dos psicanalistas. Somos, assim, convocados por várias instâncias sociais a atuar neste cenário, juntando nossas ferramentas a de outras áreas do conhecimento, propondo intervenções em esferas para além do habitual enquadre dos consultórios.

Compromissada com a promoção da saúde e atenta aos movimentos da cultura, a contribuição da Psicanálise neste contexto não é irrelevante. Inclui desde a crítica da contemporaneidade até a elaboração de novas estratégias de atuação psicanalítica no campo da prática individual e social. Esta abertura para novos cenários não significa abrir mão do rigor dos fundamentos teóricos e de pesquisa psicanalíticos. Trata-se de buscar desenvolvimentos técnicos que atendam aos novos objetos.

É com esta compreensão que trazemos um segundo clique, de 13 anos atrás: a organização do PROPIS em 2006, na gestão de Jane Kezen. Foi pensando nesse referencial que organizamos as diferentes intervenções sociais realizadas por colegas preocupados em elaborar estratégias para a formação de psicanalistas socialmente responsivos. Inicialmente, o PROPIS era composto pelos projetos “Clínica pais-bebê”, “O viver e a doença”, “Agentes sociais da liberdade”, “Vi vendo a cidade” (embrião do Projeto Travessia), “Escutar e pensar”, “Ler e pensar”, “Perguntar e pensar” e “Mais uma vez... era uma vez”; e faziam parte da equipe inicial as psicanalistas Celmy de A. A. Quilelli Corrêa, Eliane Pessoa, Eloá Bittencourt Nóbrega, Flávia Costa Strauch, Liana Albernaz de Melo Bastos, Maria Elisa Alvarenga, Maria Teresa Naylor Rocha, Munira Aiex Proença, Sonia Eva Tucherman e Sonia Cecilia Bromberger. Nomes e projetos fundamentais, abrigados dentro de um programa institucional – o que faz toda a diferença. Realizamos, ao longo desses anos, cursos e eventos multidisciplinares, apresentamos as pesquisas em eventos e congressos nacionais e internacionais e divulgamos a produção em publicações especializadas.

Desde sua criação, o PROPIS pretendeu ser, ao mesmo tempo, uma resposta ao princípio de responsabilidade social institucional, um instrumento de divulgação da Psicanálise e uma renovação de seu campo de saber e prática, ampliando a clínica e reavivando o interesse pela formação. Esta iniciativa pioneira – como todas aquelas que têm espírito subversivo – teve que lidar com resistências e contradições dentro do movimento

psicanalítico nacional e internacional. Contudo, nas brechas dos percalços, ousamos seguir e chegamos em 2019 com as atividades desenvolvidas pelo PROPIS, com o Travessia em pleno vigor.

Durante os anos de sua existência, o trabalho psicanalítico realizado pelo Travessia assumiu diferentes modalidades de atuação com enfoque em ações de cuidado em saúde mental, sobretudo com populações socialmente vulneráveis da cidade do Rio de Janeiro, expostas a alto nível de violência em suas múltiplas manifestações. A clínica ampliada, focada no sofrimento psíquico gerado pela violência, pela vulnerabilidade psíquica e pela exclusão social é o fio que conduz nossas intervenções, exigindo reflexões importantes.

Entre 2003 e 2007 trabalhamos com crianças e adolescentes que se encontravam alijados dos dispositivos culturais da cidade fora das comunidades (“Vi Vendo a Cidade”), de 2009 a 2015 com moradores de favelas cariocas *in loco* (“Ações integradas de cuidado”) e, desde 2016, com professores da rede municipal de ensino infantil e fundamental do Rio de Janeiro. Estima-se que foram realizados mais de 18.000 atendimentos diretos – até nós nos surpreendemos com a grandiosidade deste número! – desde a criação do projeto, sem levar em conta os efeitos indiretos provocados pela potência de sua multiplicação.

As intervenções do Travessia se equilibram no constante desafio de um trabalho entre a esfera individual e a esfera coletiva e são alicerçadas na criação de um espaço lúdico em que o contínuo fluxo de pensamentos e sentimentos possa estar suscetível de ser reestruturado, ao ser novamente experimentado no contexto de cada novo encontro (Ogden, 2013). Nesse espaço lúdico, situado entre as experiências de ilusão e desilusão, o sujeito interage e diferencia a fantasia da realidade, tornando-se capaz de se comunicar consigo mesmo e com o mundo (Winnicott, 1975). Através do brincar, existe algo mais em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação (Huizinga, 2000). A promoção intrínseca de prazer no brincar desperta a curiosidade, exercita a potência e cria um estado de encantamento (Bachelard, 1988). Nesse processo, a instalação de ritmos nas narrativas serve de apoio às emoções e às experiências dos sujeitos (Petit, 2009).

Essa qualidade de brincar e de jogar em ritmos próprios ou coletivos encontra no fenômeno artístico um potente suporte provocativo. A

ampliação do exercício da clínica diante de situações relativas à violência do desamparo social, pela complexidade dos fatores envolvidos, exige um trabalho que comporte em seu interior um princípio de incompletude e incerteza. Nesse sentido, articulamos ao método clínico da psicanálise os recursos oriundos da arte-educação como elementos provocadores de multiplicação de línguas e linguagens. A arte, como fenômeno comprometido com múltiplos sentidos e comportando pensamentos divergentes, possibilita acelerar o processo de contato com sensações, pensamentos e sentimentos e visa ao desenvolvimento da percepção e imaginação do sujeito frente a si mesmo e ao mundo.

Através do estímulo à criação de uma nova forma de ver o mundo e de pensar a relação de tempo e espaço afeita a confundir as fronteiras de produtor e produto, objeto e representação, causa e efeito, podemos ter nas artes um potente aliado de simbolização por seu efeito provocador, que comporta múltiplas interpretações, criando sentidos compartilhados. Processos inconscientes e atividades criativas se interpenetram, movimentam-se os eixos imaginários que fixam a realidade conhecida, lançando-nos em lugares múltiplos de nós mesmos, nos quais cada um pode encontrar o outro e encontrar-se como outro (Rivera, 2018).

Atuando sobre a ideia de expansão da clínica, a metodologia desenvolvida pelo Travessia pode ser aplicada a diferentes contextos, em diferentes espaços extramuros, adequando as ferramentas analíticas à demanda específica. Esta metodologia de trabalho *off the couch* configura um ideal de clínica que, além de sua função terapêutica primeira, possui também caráter político. Propomo-nos a pensar as implicações de nosso papel como psicanalistas, os limites dos *settings* tradicionais e dos métodos de escuta, acolhimento e interpretação psicanalíticos.

Quando paramos para avaliar nossas intervenções, a mensuração dos efeitos transformadores resultantes desses muitos anos de atuação se circunscreve em um espectro de dificuldade insolúvel. No início do “Vi Vendo a Cidade”, há 15 anos, as dúvidas quanto à validade das ações foram dirimidas pelos depoimentos dos educadores informais que participavam em conjunto com as crianças: “Vocês têm dúvida quanto à importância do trabalho, mas precisam saber que a conversa das crianças não é mais centrada no defunto encontrado perto de suas casas; elas passaram a pensar no futuro; as crianças voltaram a sonhar”.

Depois, ainda através de depoimentos e observação direta durante a realização dos “Grupos de Imaginação” nas comunidades atendidas por nós, as crianças e adultos envolvidos construíram novas narrativas e afrouxaram os padrões defensivos para o estabelecimento de pontes de convivência e sociabilidade. Pudemos testemunhar a retomada da capacidade de brincar e de jogar com a imaginação, a possibilidade de trocas mais respeitadas com os colegas, a sustentação da potência existente em bravos educadores para o exercício de suas funções.

A situação atual de trabalho por demanda da Secretaria Municipal de Educação traz novos desafios de manejo e concepção da proposta do Projeto Travessia. O compromisso de estarmos vinculados a uma rede gigantesca – composta por 1.540 unidades em funcionamento, organizadas em 11 Coordenadorias Regionais de Educação, contando com 641.118 alunos, 38.299 professores e 16.419 funcionários de apoio administrativo (Prefeitura do Rio, SME, 2019) – nos levou a um novo desenho de atuação no formato de “oficinas”, realizadas em parceria com o Largo das Artes. Até hoje, trabalhamos com cerca de 60 unidades escolares e aproximadamente 80 educadores diretamente – passos de formiga construindo um castelo. Contudo, já obtivemos depoimentos acerca de como nosso trabalho foi importante por fortalecer o envolvimento dos educadores com seu local de trabalho, por proporcionarem um ambiente de segurança e confiabilidade, para o vínculo com seus alunos, e até mesmo para a gestão de sua escola.

Um dos pontos fundamentais que perpassa toda nossa história institucional é a diversidade presente na equipe de trabalho. Atualmente, nossa equipe é formada por psicanalistas da SBPRJ, um aluno em formação no nosso Instituto, psicanalistas e alunos em formação de outras instituições, professores universitários, alunos extensionistas da graduação e da pós-graduação da UFRJ, arte-educadores e um arquiteto-consultor. Essa diversidade desejada mantém a unidade dos vários corações e mentes que realizam e sustentam o vigor do trabalho.

Para a realização de nossas atividades, o Travessia estabeleceu, ao longo desses anos, parcerias com instituições governamentais e não governamentais, culturais e universitárias, ressaltando o caráter interinstitucional do projeto e sua necessária articulação com diversos setores da sociedade. Nosso interesse é estender ao social o conhecimento psicanalítico, fortalecendo a rede de cuidados em saúde mental e

expandindo o campo de atuação profissional dos psicanalistas, auxiliando à formação de profissionais de saúde socialmente responsivos.

A saída do conforto de nossos consultórios não se deu sem medo do desconhecido. Foi preciso criar uma semiologia do assombro, deixar-nos inundar com o incompreensível do real (Viñar, 2007). Fizemos essa trajetória, e ainda fazemos, nos lançando inspirados pelo frescor da inquietação clínica de Freud, sem nunca perder o rigor da pesquisa psicanalítica deixada como legado para nós. As instituições psicanalíticas começam a se abrir e reconhecer a importância destas iniciativas. Que nossos retratos não se esvançam com o tempo, mas se revelem pulsantes e ousados – para que não fiquemos às margens de nós mesmos.

Referências

- Bachelard, G. (1988). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Huizinga, J. (2000). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Ogden, T. (2013). *Rêverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Petit, M. (2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34.
- Prefeitura do Rio. Secretaria Municipal de Educação (SME). (2019). *Educação em números*. Recuperado de <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-em-numeros>.
- Rivera, T. (2018). Subverter o cuidado: reflexões e ações entre arte e saúde. *Revista Mesa*, 5, s.p. Recuperado de http://institutomesa.org/RevistaMesa_5/tania-rivera.
- Viñar, M. (2007). *O que um psicanalista pode falar sobre exclusão social*. Trabalho apresentado na Jornada “Rio, que cidade é essa?”, 2007, Rio de Janeiro.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido: 27/09/2019.

Equipe Travessia
travessia.sbprj@gmail.com

1. Coordenadora: Maria Teresa Rocha. Equipe: Aline Demantova, André Luiz Vale, Bruno Figueiredo, Eliane Marcellino, Ethel Resch, Gabriel Ventura, Julia Christo, Luiz Claudio Figueiredo, Maria Teresa Lopes, Marta Rezende, Miguel Sayad, Pedro Wainer, Peryassu Souza, Renata Teixeira, Renée Douek, Sergio Zaidhaft, Sônia Verjovsky, Victor Hugo Lara, Yasmin Tannuri.

Sonhando os fatos

Fernanda Marinho¹

Se esta ideia servir de método para observar e aprender sobre o processo de crescimento, eu seria favorável, mas até o ponto em que ela envolve regras, é como formar uma casca, que você vai então ter que romper. De qualquer forma, a gente forma estas cascas – e segue formando. Mas a casca pode se tornar tão espessa, tão forte, tão poderosa, que a coisa dentro não pode se desenvolver. Qualquer instituição tem esta falha: qualquer instituição de seres humanos que eu tenha conhecido e sobre a qual tenho alguma evidência poderia ser encarada como morta. Até o ponto em que ela é morta, facilmente submete-se a leis, regulamentos, teorias que são codificadas. Estas mesmas instituições têm dentro delas indivíduos que não são mortos; estes, os objetos vivos, vão crescendo dentro da comunidade que é rígida, morta, obedecendo às leis dos objetos inanimados. Mais cedo ou mais tarde, o crescimento destes indivíduos dentro da instituição irá pressioná-la – e ela começará a inchar. Então há um duplo perigo: ou há uma tal rebelião contra a lei que a sociedade inteira se torna uma sociedade sem lei, ou ela se defende tornando-se muito rígida de tal modo que os indivíduos em crescimento lá dentro não podem continuar a viver neste tipo de instituição morta. Se essa comunidade de indivíduos ainda fica viva, então eles aumentam a pressão sobre a instituição que então vai ter que rever suas leis ou enfrentar a desintegração (Bion, 1976: 59-60).

Rosa Beatriz se manteve viva, integrando uma comunidade de indivíduos vivos.

1982 – Estertores da ditadura militar no Brasil. A sociedade, de um modo geral, começa a viver o período de distensão após a lei da anistia promulgada em 1979. A SBPRJ respira e transpira este ar de maior liberdade e anseia por uma mudança em seu arcabouço político ideológico, dando sequência a uma série de medidas de abertura, visando ao abandono do padrão rigidamente hierarquizado e pautado pelas decisões arbitrárias da cúpula dirigente, que até então vigorava, para dar ensejo a uma estrutura mais democrática, em que um número maior de membros tivesse também o poder de arbítrio.

Nos inícios de 1982 instala-se na Sociedade o que se poderia comparar, algo análogo, em microescala, a uma assembleia constituinte em regimes democráticos. Precisaríamos mais meia dúzia de anos para que se instaurasse no país a Assembleia Nacional Constituinte que resultou na Constituição de 1988 – a Constituição Cidadã; cidadã porque, pela primeira vez na história

do país, promulgava-se um conjunto de leis voltadas para os direitos dos trabalhadores.

Sob a presidência de Rosa Beatriz Pontes de Miranda Ferreira passamos aquele ano em Assembleia Geral Extraordinária permanente, com presença maciça dos membros às convocações, para discutir a proposta de um novo Estatuto. Vivíamos um clima efervescente e apaixonado, com discussões acirradas, mas, ao mesmo tempo, sentíamos-nos todos unidos por laços fraternos sustentados pelo amor à psicanálise e o pertencimento à Brasileira. Por fim, ao final de 1982, tivemos aprovada a nossa reforma estatutária com cerca de 90% de votos favoráveis.

Entre outras medidas revolucionárias, acabávamos com a dupla categoria de membros – associados e titulares – mantendo apenas a de membro titular, uma vez qualificado psicanalista. Também se extinguia o título de analista didata, de categoria passava à função didática, para o exercício da qual o analista podia solicitar o credenciamento pelo Instituto após cinco anos de sua qualificação como psicanalista e com duas cartas de recomendação de membros que já exercessem a função. Aqui tem-se o reconhecimento institucional tanto dos direitos iguais de todo membro dentro da estrutura regimental da Sociedade como da capacidade analítica de todo psicanalista qualificado como tal.

Pode parecer um tanto fora de propósito a exigência de determinado número de anos; como arbitrar, ou melhor, como quantificar algo que não pertence à dimensão da matéria, e por quê? No entanto, o único fator considerado, que norteou esta orientação, foi a necessidade, fundamental para o analista de futuros psicanalistas, de desenvolvimento de um estilo próprio, de uma identidade psicanalítica bem fundada no autoconhecimento e na liberdade daí advinda; e, para isto, só o tempo pode oferecer as condições mínimas. Tempo para que o analista possa se livrar de todas as interferências, principalmente institucionais, que sofreu durante a formação: de seus professores, supervisores, colegas, e da própria análise pessoal. É um processo progressivo, diria, de des/identificação, em que cada vez mais o analista possa ser ele mesmo, capaz de uma linguagem própria, um precipitado único e singular de todas essas vivências pretéritas. Ainda flexível, sensível a novas experiências, um eterno vir a ser, mas com algo irreduzível e inalienável, que o faz ser quem é e o analista que é.

A mesma consideração de fatores institucionais que, inevitavelmente, se imiscuem nas análises pessoais de analistas em formação levou ao estabelecimento da exigência de, no mínimo, três anos de análise prévia à inscrição do postulante no Instituto para o início do curso. Um período necessário para a atenuação da característica hiperbólica dos primeiros vínculos transferenciais que ocorrem em toda análise, terreno fértil para atuações e não elaborações.

Acima referi o reconhecimento pela instituição da potencial capacidade analítica de todo psicanalista, sem outros requisitos senão o tempo mínimo de qualificação. Já para as funções de supervisor e de coordenador de seminário clínico, foi considerada a característica plural do pensamento psicanalítico, que marca a identidade da formação analítica na Brasileira: seria necessário não só um amadurecimento pessoal em relação à experiência psicanalítica vivida, mas também uma tolerância à diversidade de pensamento que orienta a prática clínica, com ampliação da permeabilidade a novas formas de transformação da comunicação na situação analítica, sob diferentes referenciais teóricos. Por isso a proposta de um treinamento específico, complementar, através da participação efetiva em um determinado número de módulos clínicos, coordenados por membros já credenciados para esta função. Consistia também em um exercício de civilidade entre os pares, e entre mestres e alunos, na discussão de ideias psicanalíticas possivelmente divergentes.

Mudança absolutamente inovadora, hoje lugar comum nas instituições psicanalíticas, com variada nomenclatura: a passagem dos até então *candidatos* a *membros provisórios* da Sociedade, com direito à presença e voz nas assembleias e direito de voto de quatro representantes. Ampliam-se os cargos de representação dos membros provisórios, ganhando expressão não só nos diferentes departamentos e comissões do Instituto, mas também junto a todos os órgãos da Sociedade, inclusive ao Conselho Diretor.

E ainda, por último, mas não por menos, a grande descoberta, a nossa – da Brasileira – *jabuticaba*, fruto nativo da mata atlântica, genuíno e singularmente brasileiro: os Grupos de Acompanhamento e Avaliação Contínua. Aí configurada a impossível dissociabilidade do binômio acompanhamento/avaliação, especialmente se temos como objetivo o desenvolvimento, o estímulo ao crescimento, e não um terreno propício à projeção de nossas limitações e qualidades indesejáveis.

Na esteira dessas mudanças, faz-se, em 1985, a reforma de ensino, finalmente votada e aprovada após um ano de reuniões e jornadas no IPUB. É quando se institui o Período de Qualificação, com os cursos eletivos, a autonomia dos coordenadores, e a distribuição heterogênea de alunos, modelo que vigora até hoje, em substituição à grade curricular de quatro anos e ao sistema de turmas. Também o conjunto de módulos de oito seminários clínicos por período, com o mesmo coordenador e escolha voluntária do aluno, foi um dos itens da reforma. Como vemos, um novo dinamismo que trouxe arejamento, enriquecimento e criatividade a um sistema de ensino um tanto enrijecido e viciado que favorecia a força da inércia.

1992 – Traçado o perfil da SBPRJ “sob nova direção”, anos auspiciosos de entusiasmo, crescimento, criatividade, passo à grande crise, que resultou na intervenção da IPA.

Durante esse intervalo de quase 10 anos, o nosso novo Estatuto esteve submetido ao crivo da direção da Associação Internacional, sem que, no entanto, obtivéssemos uma definição, fosse favorável ou não. Podíamos pensar que, embora de nariz torcido, faziam vista grossa, sem o desejo de comprometer-se, de uma forma ou outra. Algo semelhante ao que vimos ocorrer por tanto tempo em relação ao estabelecido para a frequência mínima de sessões nas análises de formação. Inúmeras Sociedades admitiam, por baixo dos panos, a prática em seus Institutos de um número menor de sessões semanais do que aquele exigido pelos *standards* da IPA; isto era de conhecimento geral, sem que nenhuma medida fosse adotada para coibir a prática ou estabelecer um fórum de reflexão, como merecia a questão. A grande diferença é que nossa Sociedade se manifestava, em toda oportunidade de reunião do Board, e com todas as presidências que se alternaram nesse período, em busca de uma decisão definitiva para a situação. Queríamos o nosso Estatuto conhecido, reconhecido e aprovado pela IPA!

Ironicamente, as soluções vieram, mas de forma absolutamente diversa; os tempos são outros. A questão do número de sessões foi paulatinamente sendo posta na mesa, levando, como primeira medida, à instituição dos três modelos de formação – francês, uruguaio e britânico – a partir de 1996, com livre escolha pelas Sociedades componentes. Em 2015, sendo a SBPRJ, sob a presidência de Miguel Calmon, uma das protagonistas, junto à Sociedade

Psicanalítica Espanhola e à Sociedade Psicanalítica Italiana, e com o estímulo de Stefano Bolognini, então presidente da IPA, houve solicitações escritas a esta, com argumentos consistentes, em prol da flexibilização da faixa de frequência e autonomia das Sociedades para decidir pela mudança ou não. No Congresso Internacional de Buenos Aires, 2016, foi aprovada a medida ampliando a faixa de 4-5 para 3-5 sessões por semana, por grande maioria dos votos.

Já o nosso Estatuto teve destino absolutamente diferente. Em 1991 foi eleito o primeiro presidente da IPA latino-americano: Horacio Etchegoyen. Junto com o mandato, expressão de uma abertura democrática da Associação, por muitos preconceituosamente rejeitada, veio um cálice amargo fadado a minar as relações do presidente argentino, de prestígio científico internacional, com a 3ª maior Sociedade da América Latina, depois da APA e da SBPSP, a Brasileira do Rio de Janeiro, fato com grande potencial de desestabilização da nova gestão internacional. Houve, a partir daí, a exigência progressiva de retrocesso nos avanços que havíamos introduzido em nossa legislação. Inicialmente, ainda na gestão de Joseph Sandler, principal mentor, tendo a participação de Etchegoyen como presidente-eleito; posteriormente, já sob o comando deste.

Juntando-se, de forma traiçoeira, ao descontentamento dos atores do primeiro mundo em relação à *republiqueta latino-americana*, alguns dos descontentes de nossa Sociedade, que haviam perdido no voto as recentes eleições para o biênio 1991/1992, endereçaram à IPA, sorrateiramente, uma carta-denúncia em que distorciam, de forma perversa, as mudanças efetuadas, levando à ideia de que tínhamos agora em nosso Instituto uma formação totalmente desregrada, promíscua, com valores subvertidos, desconhecendo qualquer hierarquia legítima entre mestres e alunos, ou fatores transferenciais nas relações institucionais. Pois, ao contrário, havia sido a partir de então o estabelecimento institucional da absoluta abstenção do analista nas questões de formação de seu analisando. Fazendo um necessário parêntese: esta era a segunda vez na história da Sociedade em que duas chapas concorriam, encabeçadas por Heitor de Paola, como oposição, e Luiz Levy, alinhado com a reforma, figura expoente desta, e apoiado pela maioria. Muitos anos antes, na segunda metade da década de 70, como ensaio dos primeiros passos rumo ao processo de democratização que se seguiria, foi lançada, sem sucesso, a candidatura de Walderedo Ismael de

Oliveira, em oposição a Mário Pacheco de Almeida Prado, representante da situação.

Com esse convidativo e bem-vindo reforço de uma dissidência interna, embora inexpressiva em números, ganhou força o movimento da Associação Internacional de desconstrução de todo o arcabouço de vanguarda que vínhamos consolidando. Queriam-nos submetidos às velhas práticas de jogo de poder, pois representávamos uma séria ameaça a toda a ordem instituída, com grande risco de contágio.

Mas não só o rodízio da presidência entre as três regiões da IPA, com o reconhecimento de direito igual para a América latina, sinalizava o desejo já incontido da maioria das Sociedades filiadas de uma abertura democrática da Associação Internacional, que lhes propiciasse maior representatividade e autonomia. O Congresso Internacional de Roma, em 1989, foi um marco; ficaria famoso pela insurgência de vários presidentes contra o autoritarismo que regia as relações da restrita cúpula dirigente com suas sociedades. Criou-se, nesse rastro, a Conferência Permanente de Presidentes, precursora da Casa de Delegados e, mais tarde, do atual sistema de representação no Board. A busca tendo sido sempre de uma estrutura que contemplasse, mais e mais, o compartilhamento de reflexões e de poder decisório.

Foi nesse contexto, de luta interna e externa, contra e pela manutenção do poder hegemônico de uma minoria conservadora, que enfrentamos a gana intervencionista da política que, até então, prevalecia na IPA. Parecíamos ser um fácil joguete para as manipulações que servissem aos interesses da classe mandatária. Mas esta não contava com a nossa resistência, e a integridade ética, inabalável, do novo presidente – latino-americano.

Após a gestão de Levy (1991-1992), que já sofrera uma série de interferências, com a interlocução compulsória de uma representante da IPA, Inga Villarreal (Colômbia), que nos impôs as duas primeiras medidas de volta aos antigos padrões – a readmissão da dupla categoria de membros, associados e efetivos (antigos titulares), e a invalidação dos critérios de credenciamento para função didática – no Congresso de Amsterdã (julho/1993), sob a presidência de Roberto Martins, foi oficialmente decretada a intervenção em nossa Sociedade, com um grupo de três interventores, Jacqueline Amati Mehler (Roma), Moisés Lemlij (Peru) e Hernán Davanzo (Chile), que constituíam o eufemisticamente chamado “Comitê Consultivo de Assessoramento”: “assessoramento à elaboração de

nossos Estatutos, à reorganização da Sociedade e de seu Training Committee (Comitê de Formação)”²

As recomendações, naquela ocasião, foram de que fossem suspensas as promoções de categoria e toda espécie de avaliação, inclusive de Relatórios Oficiais, e a exclusão de todas as funções de avaliação dos Grupos de Acompanhamento e Avaliação Contínua (GAAC); submetiam-nos ao famoso, certamente “má fama”, *congelamento*. O objetivo declarado era o alinhamento da SBPRJ aos *standards* preconizados pela IPA, principalmente no que se referia à distinção entre membros associados e efetivos, aos critérios para a qualificação de analistas didatas e às relações Sociedade/Instituto, em especial, a participação dos alunos na Instituição e em seu processo de formação. Ou seja, a manutenção da estrutura estratificada que regia as relações de poder não só internamente, mas também dos órgãos de direção da Associação Internacional com as Sociedades filiadas.

A exigência era de submissão, a ameaça era a desfiliação. Em determinado momento, a grande questão, tal qual se apresentava aos membros de nossa Sociedade, era arriscar a ruptura com a IPA ou manter a filiação às custas da desfiguração de nossas conquistas e aviltamento de nossos valores. Foi um momento de grande tensão entre nós, com dissolução de profundos laços de amizade, acusações mútuas, ódio intenso – qualquer semelhança com o momento atual em nosso país não é mera coincidência, mas a análise do solo comum entre as duas situações oferece múltiplas vertentes que escapam ao escopo deste relato. Tudo muito triste, com muitas perdas, que trouxeram um prejuízo enorme à nossa Instituição e àquela “comunidade de indivíduos vivos”, plenos de energia vital e criatividade.

Vivíamos, então, uma divisão interna, não mais entre os opositores da reforma e aqueles plenamente engajados na defesa do padrão inovador que se havia instituído em nossa Sociedade, mas, dentro deste último grupo, a cisão entre os que defendiam a filiação à IPA como um fator constitutivo da identidade institucional da Brasileira e, portanto, que necessariamente se devia manter, e aqueles que julgavam – ou passaram a julgar, já que até então haviam participado das negociações, tendo admitido importantes mudanças visando ao alinhamento – uma sujeição abjeta à aceitação da conduta intervencionista e que pregavam o repúdio a qualquer ingerência externa em nossos Estatutos e conseqüente rompimento com a Associação Internacional.

Em meio à tempestade desencadeada por essa cisão, Roberto Martins que, eleito para o biênio 1993-1994, havia sucedido Luiz Levy na presidência, renuncia logo após o primeiro ano de gestão (março/94). Eu sou instada a candidatar-me ao cargo para lidar especificamente com a crise, e aceito, deixando clara a minha posição de manter a filiação à IPA e empreender a luta pela democratização desta, a partir de dentro. Convido Inaura Carneiro Leão para a vice-presidência.

Um pequeno, mas significativo episódio, parte do anedotário desse turbulento período, e particularmente caro a mim, pois foi o início de uma bela amizade, de uma associação comensal, pois fecunda e propulsora de crescimento: ao chegar à sede para a assembleia em que meu nome seria lançado oficialmente para a presidência, antes mesmo de subir para o auditório, ainda no hall de entrada, fui avisada por um colega que me preparasse, pois Inaura lá estava, com todas as armas engatilhadas, para derrubar a minha candidatura. Pensei que se tratava de antigos desencontros ou preconceitos mútuos, há muito cultivados. De qualquer forma, Inaura era uma figura de peso, respeitada nacional e internacionalmente, fundadora da Sociedade, minha mestra. Eu, uma jovem (para o ambiente) psicanalista, embora apaixonada e muito atuante científica e politicamente na Instituição.

Mal se instaura a assembleia, Inaura pede a palavra e faz um discurso enfático contrário à minha indicação; mas o alívio que tive foi imediato, pois o núcleo de sua fala era norteador pela ideia de que eu era contrária à IPA e, portanto, favorável à ruptura com esta, ou seja, à desfiliação de nossa Sociedade. A minha posição, embora contrária à estrutura antidemocrática, de jugo arbitrário das filiadas pela cúpula dirigente, era de defesa da permanência na IPA, uma vez que a Brasileira era parte integrante desta, com pleno direito à participação ativa na luta pelas mudanças que se impunham, dentro do jogo democrático. Ao ouvir-me, Inaura muda e me oferece, de pronto, o seu apoio. Não só isso, aceita, não sem uma certa surpresa minha, mas também com grande satisfação pela aliança conquistada, o meu convite para a vice-presidência. A partir daí desenvolveu-se entre nós um vínculo de confiança cada vez mais sólido, pude contar em todos os momentos com uma parceira presente, experiente, profunda conhecedora da alma humana e, portanto, capaz de orientar-me com precisão nos necessários contatos políticos que a minha tarefa exigia.

Tornamo-nos amigas, no melhor e mais profundo sentido do termo. Algo muito semelhante se daria mais tarde com Horacio Etchegoyen.

Bem, tendo sido eleita (abril/94), na companhia inestimável de minha grande amiga, primeira-secretária, melhor diria, “primeira conselheira”, Diva Deiss de Farias, iniciaram-se as tratativas que visavam, mais que tudo, ao término da intervenção. Precisávamos consolidar as alterações nos Estatutos que satisfizessem não propriamente o comitê de intervenção, mas o Conselho Executivo da IPA, buscando impedir a violação dos princípios básicos que nos definiam institucionalmente e o menor dano possível às nossas diretrizes científicas e de transmissão da psicanálise. O Comitê de Assessoramento era apenas um obstáculo a ser eliminado, pois com sua postura autoritária, categórica, incapaz de escuta e de reflexão, avessa ao diálogo e com a visão ofuscada pelo modelo superior/inferior, único vértice que o orientava, cada vez mais se desqualificava perante nós, adequando-se ao dito do Barão de Itararé “dali de onde nada se espera, é de onde nada vem mesmo”. Buscamos, então, interlocutores que pudessem ser sensíveis a argumentos, diversidade de ideias, soluções criativas; encontramos Charles Hanly, *Chair* do Comitê de Sociedades, e Horacio Etchegoyen, presidente da IPA.

Não foi um caminho fácil, uma suave trilha a ser seguida; aqueles que nos precederam, com seus ataques virulentos à própria Instituição de que faziam parte, lançados em terreno fértil, arado pelo preconceito em relação à América Latina e, em especial, ao Brasil, haviam feito um bom trabalho de desmoralização de nossa Sociedade. Havia uma real convicção de que éramos absolutamente destituídos das qualidades mínimas necessárias para a manutenção de uma instituição psicanalítica que se quisesse séria. Mas, por isso mesmo, a minha grande admiração por esses dois homens, autoridades na IPA, que tiveram curiosidade em conhecer, souberam ouvir, conversar, divergir ou não, reconhecer equívocos próprios, e mudar. Mudaram e passaram ao objetivo comum de pôr fim à intervenção; e o fizeram com todo o ardor, utilizando todos os recursos de que dispunham na defesa de nossa liberdade. Em julho de 1994, na reunião do Conselho Executivo da IPA, em Londres, demos um grande passo, ao conquistar para nossa causa o apoio decisivo de Charles Hanly. A dissolução do Comitê de Assessoramento só se daria oficialmente em 1995. Reconquistávamos a nossa autonomia. Ficavam as cicatrizes.

Reproduzo aqui, em homenagem a Horacio, como gostava de ser chamado, trecho de uma carta que lhe escrevi (junho/1997), lamentando não poder estar presente, com Ney, a um encontro de amigos e colaboradores, em Buenos Aires, que marcava o final de sua presidência.

Desde os primeiros contatos, nos idos de 94, durante aquele árduo período para a nossa Sociedade, já nos impressionavam a perspicácia, a sensibilidade e o espírito aberto que demonstrava em nossos diálogos, mais tarde traduzidos na série de iniciativas que marcaram profundamente a mudança de orientação no perfil da direção da Associação Internacional. Foram traços definidores deste novo perfil a comunicação transparente, o empenho em estreitar e fortalecer laços com as Sociedades Componentes, sendo estes norteados pelo respeito à autonomia e às diferenças regionais, e a efetivação e a legitimação de instrumentos de viabilidade do estabelecimento de relações mais democráticas e de responsabilidade mútua entre membros, instituições filiadas e órgãos diretores da IPA. A postura flexível, corajosa, de escuta, capaz de reconhecer erros e, ao mesmo tempo, persistir nos objetivos ditados por princípios e convicções, foi fundamental para a mudança salutar, passível de reflexos profundos sobre a comunidade psicanalítica. A Casa de Delegados e o Comitê de Sociedades, organismos permanentes, e os Comitês Ad Hoc de Pesquisa e Transição são frutos expressivos desta postura inaugural.

[...] não poderia deixar de dar este testemunho como expressão de grande apreço e, principalmente, como estímulo à continuidade, de modo que essas perspectivas não se vejam precocemente abortadas, mas, ao contrário, possam consolidar-se propiciando novos desenvolvimentos.

A SBPRJ, em que pesem todas as vicissitudes contrárias, sempre abrigou em seu núcleo pulsante uma vocação para a vanguarda. Foi capital o papel que desempenhou no processo de modernização e democratização da IPA – esteve íntima e ativamente presente nestes, dentre outras formas, através da participação na Casa de Delegados, tendo eu, como presidente, sido eleita um dos sete representantes pela América Latina (1994-1997). E tem sido determinante a sua atuação para a difusão da psicanálise, no Brasil e no mundo: reconhecimento das análises condensadas para a formação psicanalítica, estímulo aos Núcleos, programa “Escutar e Pensar”, os projetos do PROPIS, o intercâmbio com a CPLP e, em decorrência, os Congressos em Língua Portuguesa e, mais recentemente, o pleito para a admissão de um percentual de sessões a distância nas análises de formação, de modo a permitir a expansão no vasto território brasileiro; pelo menos, nesse sentido, um país um pouco menos desigual.

Naqueles anos 80, vivemos a irrupção de um surto inovador. Rosa Beatriz, em sua liderança, personifica aquela que foi capaz de abrigar e pensar a ideia nova – ou ideia *messiânica* ou *mística*. Mas esta, com seu caráter

revolucionário e subversivo da ordem vigente, tem uma qualidade de disrupção extremamente ameaçadora para a unidade do grupo. Cabe ao *establishment*, a casta dirigente, receber e absorver as consequências de seu advento, de tal modo que o grupo não seja destruído (Bion, 1970). Creio que as cisões que se sucederam àquele período fértil, de criatividade incontida, são expressão da precocidade de seu surgimento, precocidade esta que imprimiu uma força explosiva capaz de romper o continente ou, pelo menos, provocar fissuras e deixar marcas. Não esqueçamos que foram necessários mais de 20 anos para que se propagasse e suas consequências fossem absorvidas pelo *establishment*.

Lembrei-me subitamente de meu neto que, quando menino, em suas primeiras redações no colégio, iniciava com todo o entusiasmo, construindo uma trama bem costurada, com vários personagens em situações inusitadas, que podiam expandir-se *ad infinitum*. Repentinamente, matava-os todos. Era o seu jeito de encerrar, quando se cansava.

Sem o apelo a recurso tão drástico, chega a hora, apenas desperto de meu sonho.

Mas eis que, naquele estado ainda sonambúlico, de repente, não mais que de repente, aflora ainda um personagem em minhas andanças oníricas: meu tio-avô, Medeiros e Albuquerque, precursor da psicanálise no Brasil, irmão mais velho e grande inspirador de meu avô Maurício de Medeiros, também precursor, e posso dizer, por essa linha transversa, precursor dos laços que me levam a esta narrativa histórico-afetiva, um *acontecimento* na Brasileira – Rio 2, como ficou internacionalmente conhecida.

Abaixo está o registro desta visitação inesperada. Devo a Roberto Martins, que gentilmente presenteou-me com este recorte de jornal com que se deparou em meio aos achados de seu pai, um dos pioneiros da psicanálise no Brasil, o psicanalista Mario Martins.

Referências

- Bion, W. R. (1970/2006). *Atenção e Interpretação* (Trad. Paulo Cesar Sandler). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W. R. (1976/1982). Quatro Discussões com W. R. Bion. In *Conversando com Bion* (Trad. Paulo César Sandler). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Recebido: 30/08/2019

Fernanda Marinho

fernandaamarinho@globo.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.
2. Carta aos membros do presidente da SBPRJ, Roberto Bittencourt Martins, em 09 de agosto de 1993.

UMA CARTA DE FREUD A
ESCRITOR BRASILEIRO



FREUD

Foi talvez Medeiros e Albuquerque o único brasileiro a receber uma carta de Freud. E isso em 1921, quando a psicanálise ainda era novidade muito pouco divulgada entre nós. Acontece que Medeiros vencera um concurso internacional, apresentando o que melhor resumia sobre as teorias de Freud, trabalho depois incluído num dos seus livros, e isso influíra de certo para que o sábio lhe escrevesse. Tratava-se, aliás, de uma resposta a uma carta de Medeiros. Freud começava excusando-se: "Perdoe-me que responda em inglês a sua carta em francês. Isso é mais fácil para mim e não tem importância para v. que lê o inglês. Lamento que não conheça o alemão. Quanto ao meu conhecimento de línguas, v. tem razão de saber que ignoro o português, mas o que v. o dissesse,

Teatro das Letras

espirituosamente, como uma esperança de que eu não chegasse a compreender o seu trabalho, não concordo. Graças ao espanhol pude verificar que sua apreciação sobre a psicanálise é tão amável quanto hábil e lhe devo agradecer o escrito não só pelo fundo como pela forma. É uma idéia agradável e confortadora, pensar que as palavras que a gente atira pelo mundo afora, se, às vezes, são mal compreendidas e depreciadas pelos que nos cercam, despertam um interesse simpático em pessoas que estão separadas de nós por terras e mares, por diferenças de raça e de língua. Isso nos eleva acima das restrições mesquinhas e pessoais e nos faz sentir o poder do pensamento e de todas as coisas que servem para unir os homens. Sinto-me feliz quando recebo uma carta como a sua. Embora não tenha perdido a esperança, nem ficado cheio de despeito, enquanto vivi isolado, agora que estou velho (66 anos), tenho ainda o prazer de ver em países estrangeiros se interessarem pelas minhas pesquisas". Neste ponto, Freud passava a enumerar as edições de suas obras que se preparavam em espanhol, francês e italiano, para concluir: "Dê-me a esperança de poder receber mais notícias suas e a oportunidade de provar

o quanto lhe sou grato".

Esta carta, foi reproduzida no número de junho de 1922, da revista "Mundo Literário", com certas impropriedades de tradução que corrigimos no trecho acima. A revista dizia tratar-se de uma verdadeira condecoração científica para Medeiros e Albuquerque. Agora, se o escritor brasileiro continuou a corresponder-se com Freud, como este desejava, não sabemos.

O LIVRO "BARATO"

Nas asas da Brasileira, de 1995 a 2019

Flavia Costa Strauch¹

Idos de 1995, um grupo de 21 postulantes a psicanalistas inicia suas trajetórias na Brasileira, como amorosamente nomeamos a SBPRJ. Tive a honra e alegria de conviver com esse seletto e estimulante grupo de colegas com profundo desejo de se capacitar e se firmar profissionalmente pertencendo a uma instituição ilibada e empenhada em transmitir e estender o conhecimento da psicanálise.

A maioria do grupo escolheu fazer a disciplina sobre Freud, apelidada por mim de CA da psicanálise, com nosso conhecido professor Oscar Carrera, que transmite bem seu conhecimento, sempre de maneira simples e por vezes divertida!

Nesta rápida retrospectiva consigo perceber e escrever dessa forma, embora minha experiência tenha sido um pouco diferente; veio de uma especialização acerca de família, no IPUB, foi impregnada pelos textos de Levi-Strauss e pelos estudiosos de Palo Alto, Califórnia, além dos italianos da inunção paradoxal, que consideravam a teoria da comunicação e de sistemas uma forma de compreensão do sofrimento humano. A visão 'unicista' do intrapsíquico surpreendia-me, pois não considerava o intersubjetivo. E mais, como pensar no sujeito separado de sua experiência com o mundo? Dei muito trabalho aos professores Oscar e Roberto Lobo, seu fiel escudeiro. Além dos auxiliares Sergio Nick, hoje vice-presidente da IPA, Margarida Cavalcanti, Lucia Ipanema e Tânia Cury.

Durante esses dois anos do curso obrigatório de Freud, novos bebês chegaram a alguns lares, eu fiz bodas de prata, uns se casaram, outros se separaram e recasaram. Éramos uma grande família. Acontecia de tudo que é comum à existência humana. Foi um período longo, dentro dos parâmetros acadêmicos da instituição. Para nossa "tribo", curto. Não só pela

avidez em ingerir o saber transmitido, mas sobretudo pelo contato humano com todos os ingredientes que essa vivência propiciava.

Como esquecer o Oscar, com seu refrão característico: “o aparelho psíquico é salafrário, vagabundo e preguiçoso”. Entre outras falas dos queridos colaboradores, que se tornaram marcas mnêmicas do nosso porvir profissional. Arrisco dizer que elas foram estimuladoras de aberturas de “novas vias de facilitação”, no intuito nem sempre alcançado de diminuir nossa ‘compulsão à repetição’. Rebobina, Oscar, dizíamos.

“Ações específicas” foram exigidas diante de nossa carência de conhecimento psicanalítico. Mas lá estavam os professores, nossos “explícitos objetos de desejo”, para nos assistir, com tenacidade, paciência e muita fé em nós, “caras pálidas”. E a convivência com essa “intrépida trupe” nos fez seguir em frente. Vendo-os como “totens”. Hoje com menos “tabu.”

Havia ainda a observação de bebês, que tirava o nosso sossego porque ainda não sabíamos como lidar com a situação. Angústias de diferentes ordens pipocavam aqui e ali, e era o começo do uso do computador doméstico. Quanto sofrimento para usar o tal aparelho, que nos parecia indomável! Dr. Jeferson S. Melges, que pacientemente instruía a secretária sobre as novas possibilidades em rede, se ofereceu para me ajudar. Num domingo meio nublado, liguei para ele, porque não sabia controlar o mouse. E nada de ele entender do que se tratava, até que eu falei que a setinha tinha sumido da tela. Ele riu e me ensinou o que fazer. E só assim consegui. Hoje são histórias divertidas, mas na época, de uma importância enorme. Não havia ainda os famosos universitários para tirar dúvidas.

Vinte e quatro anos se passaram. Custei, mas lentamente pude entender que Freud, ao priorizar o intrapsíquico, considerava também a importância das séries complementares, da ação específica, do famoso pilar de sua teoria: o complexo de Édipo, os casos clínicos desde o pequeno Hans, passando pelo homem dos lobos, Leonardo da Vinci e suas mães, as histéricas queixosas de seus pais, que foram me acalmando e me fazendo articular o que havia estudado anteriormente com as postulações freudianas. Não sem muita resistência, confesso. Uma vez que discordava, ousadamente e sem fundamento.

Estudo, análise e a paciência infinda dos colegas e sobretudo dos professores foram fundamentais para manter meu interesse. E assim, no final do curso, eu, já mais “amiguinha” da psicanálise e sem tanto

sofrimento, junto a alguns colegas, decidimos festejar nossa formatura de alfabetização em Freud.

Com muito humor e descontração, o grupo se reuniu na casa da querida Anna Victoria Lemann, que generosamente nos recebeu. Brindarmos à experiência vivida ao longo desses dois anos de curso, em que desfrutamos de deliciosos momentos. Frequentávamos as casas umas das outras. Almoços, jantares, aniversários, fins de semanas em casa de colegas na serra, até festa junina fizemos. E o que nos unia a princípio, o interesse comum pela psicanálise, mostrou-se, na verdade, um pretexto para encontros de amizade, carinho e admiração.

Essa festa do CA em psicanálise foi um *happening*. Inédito, segundo os professores e seus auxiliares. Junto com a querida Isabela Gamarski, fomos à Saara (Sociedade dos Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega) em busca de objetos que recordassem e/ou representassem, de certa forma, algo ocorrido em sala de aula ou captado numa conversa despreocupada. Nunca nos divertimos tanto!!!

Numa turma animada, a brincadeira só poderia acabar nessa celebração. E antes de cada entrega dos presentes era apresentada uma situação de sala de aula que já denunciava quem seria o premiado. Essa brincadeira, nomeada de ‘sobremesa da ceia totêmica’, na verdade era um *replay* dos “clipes” e/ou videocassetadas da escolinha do professor Oscar. E foi um tal de colega discreta ganhar papagaio falante e de extrovertida receber microfone colorido; pessoa muito chique premiada com anel e bolsa dourada piscante; outra, que só falava em viagens, ganhou um avião de plástico; colegas discretas demais foram brindadas, uma com boás coloridos e a outra, com um par de brincos; outra colega recebeu um jogo de panelinhas e sacola de plástico, porque andava sempre carregada por morar em outra cidade; um professor foi agraciado com um bombeiro, porque havia contado na aula que um menino apagava incêndio com seu órgão sexual, e outro teve como prêmio quadrinhos de duendes, porque não acreditava neles; já outro professor ganhou um pequeno vaso sanitário, por ter relatado que num determinado país o vaso era usado de forma diferente da nossa; um lindo abajur vermelho e dourado, *made in China*, tamanho dedo mindinho, foi ofertado à anfitriã por sua generosidade. E assim seguiu a festa, com mais presentes e muitas risadas. Eu fui premiada com uma cópia do diploma da IPA, datado de 2025. E a querida colega, hoje nossa

presidente, recebeu um cetro e uma coroa, por se mostrar a mais promissora do grupo. Esse foi gol de placa!

Por alguns anos, ainda conseguíamos manter um subgrupo e nos reunir com certa frequência. De dois anos para cá esses encontros rarearam, mas restou o grupo de 1995, que está sempre se comunicando graças à tecnologia, que nos proporcionou, para o bem e para o mal, o inseparável WhatsApp. Jamais imaginaria que hoje teríamos um telefone celular capaz de fazer quase tudo em nosso dia a dia!

Nesses vinte e quatro anos vivendo na Brasileira, mudanças ocorreram dentro e fora dela e em mim. Um pouco mais afinada com a psicanálise, mantenho meu interesse e crença no atendimento de casais e famílias, especialidade já chancelada pela FEPAL e há quase dois anos pela IPA. Hoje, honrosamente, represento a nossa instituição junto ao COFAP (Comitê de Família e Casal da IPA). Através dessa representação, tenho a oportunidade de participar de diversos foros internacionais, sob minhas expensas, bem como pertencer à Associação Internacional de Psicanálise de Família e Casal e ser uma das cofundadoras da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família. Permanecer em contato pessoal com os teóricos que estudamos, para trocar e aprender com eles, tem sido uma experiência agradável e enriquecedora.

Escrever sobre essas vivências é uma forma de defender com entusiasmo o rito de passagem como um marco a ser celebrado na vida estudantil de cada um que se filia a uma sociedade de psicanálise. São anos dedicados ao aprofundamento do conhecimento, outros anos se tratando, outros mais sendo supervisionados, outros tantos participando de simpósios, congressos, avaliações, escrita de trabalhos e, na hora de receber o tão almejado diploma da IPA, a pessoa o recebe sozinha em sua casa. Por que não juntar os agraciados diplomados para, ao final de cada ano, se comemorar tão valiosa conquista? Fica aqui minha ideia e convite para que o humor sempre nos acompanhe como facilitador e suporte das misérias do cotidiano, como disse Freud.

Do grupo de 1995, permanecem como membros Maria Piedade Malerba, Judit Foldes, Maria Lucia Moret, Carla Ida S. Píuen, residente em Paris, Ana Maria Sabrosa, nossa atual presidente, e eu. Acrescida de mais duas queridas colegas que revisitavam o curso: Wânia Cidade, que foi nossa última presidente, e Cristina Luce.

Fiquemos com este poema de Brecht:

Elogio do esquecimento

Bom é o esquecimento!
Senão como se afastaria o filho
Da mãe que o amamentou?
Que lhe deu a força dos membros
E o impede de experimentá-la

Ou como deixaria o aluno
O professor que lhe deu o saber?
Quando o saber está dado
O aluno tem que se pôr a caminho

Para a velha casa
Mudam-se os novos moradores
Se os que a construíram ainda lá vivessem
A casa seria pequena demais.

O forno esquenta. Já não se sabe
Quem foi o oleiro. O plantador não reconhece o pão.

Como se levantou pela manhã o homem
Sem o deslembrar da noite que desfaz o rastro?

Fraqueza da memória
Dá força ao homem.

Recebido: 29/08/2019

Flavia Costa Strauch flaviacstrauch@gmail.com

1. Psicanalista – SBPRJ. Mestre em Casal e Família. PUC-Rio. Cofundadora da Associação de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF). Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF/ IACFP/ AIPPF). Representante Regional da SBPRJ na IPA (COFAP).

Passeando por Lembranças

Henrique Honigsztein¹

“Cada obra de um homem... é sempre um retrato de si.”

Samuel Butler

Vem-me à lembrança o papel timbrado no qual o Dr. Danilo Perestrello, em nome da comissão avaliadora, comunicava minha aceitação para iniciar os cursos do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. A repercussão gostosa desse comunicado foi acrescida quando percebi a palavra habitual “atenciosamente” riscada e logo abaixo escrito à mão, “cordialmente”.

Algo em mim colocou-se em movimento a partir daí. Explico: desde a adolescência a leitura de Dostoievski em “Notas do subterrâneo” deixou em mim um inquieto anseio em busca de uma resposta para: como pode alguém de tal forma entender a alma humana?

A resposta afirmativa recebida ativou esse anseio adormecido e levou-me a buscar a biblioteca da Sociedade, agora acessível, e dela saí levando três volumes das obras de Freud, nas quais mergulhei. E assim mergulhei nos cursos, enquanto avançava minha análise pessoal com a Dra. Inaura Carneiro Leão, que me foi indicada pelo querido e sempre presente amigo Julio de Mello Filho.

Dra. Inaura costumava citar em trabalhos e reuniões versos de Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”, e ela era um retrato vivo desse enunciado, guiado pelo seu sensível tato. Assim, ao final de alguns anos, pude vislumbrar em mim um retrato de meu inconsciente, o que me possibilitou, além de desfazer o que em mim corria o risco de se cristalizar e passar a ser uma carga de morte, poder passar a circular e ser um acréscimo de vida. Isto se expressou em transformações

pelas quais minha gratidão é constante. Surgiram minhas primeiras tentativas para entender o mistério da criação artística e científica, que foram concretizadas em um trabalho autorizado a ser apresentado, já que eu era ainda candidato, em um Congresso Brasileiro de Psicanálise (no momento em que escrevo, ressurgiu vivo o Dr. Danilo como autorizador da apresentação). Pouco tempo depois, esse trabalho se ampliou e se aprofundou, algo propiciado pelo clima criado pela então diretora do Instituto, Dra. Marialzira Perestrello, uma presença sempre integradora e estimulante para novas questões e novos avanços.

Nessa época uma figura ficou marcada em mim: Dr. José Cândido Bastos. Tendo sido convidado pela diretora do Instituto para a apresentação de meu trabalho, surgiu no último momento uma impossibilidade em função do regulamento da Sociedade e, então, o Dr. José Cândido Bastos abriu as portas de sua casa para que o evento ocorresse. Isto bem define e retrata esse belo ser.

Hoje, a Sociedade já deixou para trás subdivisões rígidas, bloqueadoras de avanços e estímulos, e cada retrato que me vem à mente é por si portador de um chamado à gratidão e de impulsos para retribuir uma experiência que me fez encontrar o mundo de um modo a querer acrescê-lo de algo bom.

Volto à ação exercida em mim pela análise com a Dra. Inaura: o encontro mais sensível e aprofundado com os grandes criadores – cada criador retratado não tendo o efeito em mim apenas de provocar uma reverência e assim continuar por uma longa galeria de bustos e retratos, mas sim ampliar-me para ganhar não sei que qualidades de vida a mais, mas garanto: é vida. E, assim, continuar...

Recebido: 08/08/2019

Henrique Honigsztejn
rosaceciliah@yahoo.com.br

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Aniversário

Jeremias Ferraz Lima¹

Comemoramos neste ano os sessenta anos da SBPRJ. Para celebrar esta data, farei algumas reflexões sobre a questão do “aniversário”.

A palavra “aniversário” é de origem latina. Vem da junção da palavra *annus* (ano) e da palavra *vertere* (voltar), ou seja, *aquilo que volta todos os anos*. “Comemorar” significa “co”, juntos, “memorare”. lembrar. Portanto, comemoemos, lembremos juntos esta data festiva e tão importante para nossa instituição: a sua fundação.

A comemoração do dia do nascimento surgiu na Roma Antiga. Contudo, antes disso já eram feitas oferendas, como o bolo, sem uma festividade propriamente dita. A origem estava ligada à ideia de que, na data de aniversário, anjos malignos vinham roubar o espírito do aniversariante e era preciso tomar medidas para prevenir isso. A Igreja Católica adotou a festividade no século 5, quando passou a celebrar o nascimento de Jesus. Mesmo assim, a prática de comemorar aniversários só se tornou comum no Ocidente no século 19, quando, na Alemanha, foi organizado um festival comemorativo coletivo. Os tradicionais bolos de aniversário surgiram na civilização grega, quando os adoradores da deusa da fertilidade, Artemis, passaram a oferecer em seu templo um preparado de mel e pão no formato de uma lua.

As velas colocadas em cima do bolo também se originaram na época dos deuses antigos, pois as pessoas acreditavam que a fumaça das velas levava as preces dos fiéis até o céu, além de proteger o aniversariante de espíritos ruins e garantir sua proteção para o ano vindouro. Naquela época, as fases lunares serviam como calendário para o homem, e cultuar a deusa era uma forma de pedir proteção.

Assim como o bolo, as velas de aniversário também têm origem grega. Aludindo ao brilho e à luz da Lua, uma delas era colocada sobre o bolo

ofertado para Artemis. Alguns povos acreditavam que a luz espantava os maus espíritos.

Na Roma Antiga, na noite do aniversário, presentes e objetos de proteção eram espalhados em volta do aniversariante para afastá-lo do mal – eram uma forma de amuleto. Os familiares e amigos se reuniam e entregavam os objetos às crianças. A tradição evoluiu para o costume atual de presentear a pessoa com algo de que ela goste.

Os ingleses foram os pioneiros no envio de cartões no começo do século 20. A ideia não era só desejar bons votos, mas também pedir desculpas por não comparecer ao aniversário da pessoa. Isto porque faltar à festa sem dar satisfações era (e ainda é) considerado uma extrema falta de educação pelos britânicos.

Inventados a partir de experiências com gases no século 19, os balões foram incorporados aos aniversários por serem considerados divertidos para as crianças. Aliás, acredita-se que balões feitos de tripas de animais foram os primeiros brinquedos inventados. O ato de fazer barulho também era um costume antigo para espantar os maus espíritos.

O “Parabéns pra Você” é uma adaptação da melodia “Bom Dia a Todos”, criada por duas irmãs professoras em uma escola em Louisville, nos EUA, no fim do século 19. A canção só ganhou a letra de feliz aniversário em 1912 e, hoje em dia, é cantada em mais de 30 idiomas. A versão brasileira foi composta pela poetisa Bertha Celeste Homem de Mello em 1942.

Os doces oferecidos na festa variam de acordo com a cultura local. No Brasil, o brigadeiro ganhou esse nome graças ao brigadeiro Eduardo Gomes, político que disputou a Presidência em 1945. As eleitoras e fãs criaram o doce que levava seu nome para ganhar votos. Nos EUA, servem-se *cupcakes* e, no Reino Unido, bolinhos com geleia.

Se observarmos o aniversário do ponto de vista da psicanálise, teremos algumas considerações a fazer. A festa de aniversário é uma maneira de lembramos juntos (co-memorar) o nascimento. De fato, o rito da festa propõe apagar as luzes e acender as velas, tantas quantos os anos de vida da pessoa, no nosso caso, da instituição. Cada vela acesa, que significa VIDA, indica quantos anos de vida teria a pessoa ou a instituição. No nosso caso, seriam 60 velas. Elas então são apagadas e o local onde se comemora fica inteiramente às escuras. É como se se fizesse uma contagem regressiva até o nascimento. Neste momento, as luzes são acesas. É uma reprodução do “dar

à luz” do nascimento. Ao se soprarem as velas, faz-se uma volta, uma regressão ao nascimento. Nesta hora, quando as luzes do local são de novo acesas, canta-se o “parabéns pra você”, que diz que esta é uma data querida e que se desejam muitas felicidades e muitos anos de vida. Isto porque é inevitável pensar que nascemos para a morte e que um ano a mais nos aproxima dela. A vida é simplesmente o intervalo que vai do nascimento à morte. No caso das instituições, como agora comemoramos, espera-se que a instituição nos sobreviva, como sobrevive aos seus fundadores que hoje também homenageamos.

Voltando às comemorações, as velas acesas, simbolizando a vida, são colocadas sobre um bolo, que é o doce mais importante desta festa. Ele deriva da experiência grega, dedicado a Artemis, deusa da fertilidade. Evidentemente, segundo um olhar psicanalítico, este bolo representa a mãe, que sustenta a vida da pessoa em uma alusão à deusa da fertilidade. Por isso tem uma presença central na mesa. É uma tradição que o primeiro pedaço deste bolo vá para a pessoa de quem o aniversariante mais gosta, o que em geral causa certo desconforto na festa.

Os presentes que se dão ao aniversariante nesta data são como “indenizações” pelo fato depressivo de estar mais um ano próximo da morte. É uma forma de demonstrar que os amigos e familiares “estão presentes” nesta celebração e que o aniversariante não está sozinho. Todos estão ali “lembrando juntos” do seu nascimento. Aliás, frequentemente, o aniversário é precedido por sintomas depressivos por parte do aniversariante, sendo que em muitas ocasiões ele/ela não comemora o seu aniversário como defesa deste estado depressivo.

Termino por aqui. Deixo estas observações singelas como um presente a esta instituição que me acolheu tão generosamente, esperando que ela nos sobreviva e continue no seu elevado propósito de desenvolver e transmitir a psicanálise ao nosso povo. Parabéns para a SBPRJ!

Recebido: 30/07/2019

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ.

Observação Mãe-Bebê – Método Esther Bick: Um pouco de sua história na SBPRJ

Joaquim A. de A. Couto Rosa¹

Em 1972, Rosa Beatriz Pontes de Miranda, psicanalista da SBPRJ, retornando de Londres onde passara alguns anos, trouxe com ela sua experiência com essa metodologia. Na realidade, fizera uma observação mãe-bebê-família na Inglaterra, supervisionada pela própria Esther Bick que, em 1948, idealizara esse método, inicialmente aplicado na Clínica Tavistock e depois na Sociedade Britânica de Psicanálise, onde posteriormente foi incorporada ao currículo de seu Instituto.

Logo depois de sua chegada, Rosa Beatriz resolveu compartilhar e divulgar essa experiência com alguns colegas aqui no Rio, criando um grupo de trabalho em sua residência, quando passou a apresentar relatórios de sua observação em Londres. Participaram desse grupo pioneiro Celmy Quilelli Correa, Anna-Maria Bittencourt, Elias Goldenberg, Mara Salvini, Eliza Veloso e Nilde Ribeiro. Através desses encontros tivemos o primeiro contato com esse método absolutamente original para todos nós. Original e extremamente enriquecedor.

Em 1974, Rosa Beatriz ofereceu essa forma de observação ao Instituto da SBPRJ no treinamento de seus alunos. Inicialmente, era facultativo àqueles que manifestassem interesse em experimentar esse método. Em 1984, passou a ser incluído no currículo formal do Instituto, fazendo, assim, desde aquela época, parte da formação de todos os alunos. Na realidade, a introdução da observação no Instituto passou a fazer parte do curso teórico “Desenvolvimento emocional da criança”, que existia até então e que passou a ser oferecido somente depois do primeiro ano da observação.

No início, Rosa Beatriz coordenou esses seminários. Em seguida, passou a coordenação ao nos indicar para essa função. Propusemos que, em vez do

modelo de um só coordenador, fosse constituído um colegiado para reger esse curso remodelado. Foram então incluídos nesse colegiado Celmy Quilelli Correa, Anna-Maria Bittencourt e Geny Talberg. Depois de algum tempo, Celmy e Anna se afastaram. Ficamos então ao lado de Geny nessa coordenação até mais ou menos 2002. Nesse tempo, vários colegas foram incorporados e passaram a colaborar, como também participar em sua coordenação, como aconteceu com Paulo Bianchini e Maria Conceição Davidovich, que até hoje permanecem no colegiado. Uma colega que precisa e merece ser destacada é Diva Deiss de Farias que, muito cedo, passou a fazer parte de nosso grupo, tendo desempenhado enquanto viveu importante papel na manutenção de sua integração e continuidade.

Nos primeiros tempos, a observação foi bastante questionada por vários membros da Sociedade, o que nos fez procurar a professora e pensadora Estrella Bohadana, com o intuito de refletir acerca desse método e esclarecer muitas de nossas várias indagações. Participaram desse grupo, que durou quase dois anos, Geny Talberg, Maria Teresa Rocha e Maria Conceição Davidovich. Assim, fomos aos poucos consolidando a experiência da observação em nosso Instituto. Foram tempos difíceis, mas, com o auxílio de Estrella e obstinação, conseguimos continuar caminhando. Desde aquela época, 1984, todos os membros provisórios que foram sendo formados em nosso Instituto passaram pela experiência da observação psicanalítica da relação mãe-bebê-família.

O que também tem nos ajudado nesse percurso tem sido a participação de vários de nossos colegas em Simpósios, Colóquios e Congressos nacionais e internacionais, ocasiões em que nossa experiência tem sido compartilhada, da mesma forma que tem nos permitido conhecer outras experiências enriquecedoras.

A primeira dessas participações ocorreu no Congresso da IPA de 1986, realizado em Montreal, quando fomos convidados para apresentar nossas experiências iniciais. Participamos de uma mesa integrada por Geny Talberg, Maria de Lourdes O'Donnell, além de Daniel Stern e Joy Osofsky. O trabalho que apresentamos nessa mesa foi publicado no *International Journal* com o título de "Early affect development: empirical research" (1988).

Em seguida, foram acontecendo os Colóquios internacionais em torno do Método Esther Bick, nos quais alguns dos colegas da SBPRJ

apresentaram suas experiências.

Em 1996 aconteceu o Colóquio de Barcelona. Através de um trabalho sobre o método, sugerimos que haveria vários aspectos em comum entre observação em psicanálise e observação na relação mãe-bebê-família. Outros colegas da SBPRJ também apresentaram trabalhos nesse Colóquio. Em função de nossa apresentação, fomos convidados a colaborar, ao lado de D. Meltzer e Gianna Williams e outros, na organização de um livro sobre o método Esther Bick, editado na França em 2002 por M. Haag, intitulado *La méthode d'Esther Bick pour l'observation régulière du tout-petit au sein de sa famille*.

Ocorreu em 1997 um encontro na Clínica Tavistock em Londres, reunindo coordenadores de observação no método Esther Bick de várias partes do mundo. Ao lado de Geny Talberg fomos convidados para esse encontro, que durou quatro dias. Nele, conhecemos não somente a experiência de vários coordenadores, assim como outras formas de aplicação do método Bick como, por exemplo, a observação em UTI's de prematuros e um dos desdobramentos do método em sua evolução, a "Intervenção no vínculo pais-bebês", modelo introduzido na SBPRJ por Eliane Pessoa ("Clínica Pais-Bebês").

Depois, houve o Colóquio de Lisboa em 1998, quando também apresentamos nossa experiência. Diva Deiss de Farias, a outra representante da SBPRJ presente, também apresentou um trabalho. Infelizmente, não conseguimos o título de sua apresentação.

Fomos então convidados para organizar no Rio o Colóquio Internacional de 2000, patrocinado pela SBPRJ e realizado no Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Conseguimos trazer vários analistas estrangeiros, alguns deles com a ajuda financeira da Petrobras e da Vale, como Didier Houzel, Gianna Williams, Monica Cardenal, Régine Prat e Hilda Botero, que nos apresentou o método Canguru desenvolvido na Colômbia. Vários de nossos colegas apresentaram trabalhos, associando observação de bebês e prevenção, tema desse Colóquio.

Em 2002 ocorreu o Colóquio de Cracóvia, na Polônia, terra natal de Esther Bick. Não pudemos comparecer a esse evento, mas fomos representados por Anna Lucia Melgaço.

Em 2004 participamos de uma plenária do Colóquio realizado em Florença, ocasião em que apresentamos o trabalho decorrente de uma

observação fora dos padrões tradicionais, experiência essa envolvendo uma jovem ainda grávida de três meses e depois acompanhada e observada com seu bebê até seus dois anos. A referida observação foi realizada por Erica Roth, mãe de nossa colega Vivian Roth Peregmanis.

Já no Colóquio de Buenos Aires em 2008 fomos convidados para participar de uma mesa que contou com a participação de J. Magagna (Inglaterra) e Liliana Berta (Argentina). O objetivo foi o de examinar material de observação previamente disponibilizado entre seus membros.

Em 2017, Paulo Bianchini participou de um Congresso internacional realizado em Turim, patrocinado pela Associação Internacional para o Desenvolvimento da Observação de Bebês, método BICK (AIDOB). Ao lado desta, existe a Associação Latino-Americana de Observação de Bebês (ALOB), com finalidades equivalentes. Alguns de nossos colegas, dentre eles Bianchini, mantêm contato permanente com essa Associação, sendo inclusive nosso representante.

Além desses, vários encontros ocorreram no Brasil (Rio, São Paulo, Gramado) com a participação de alguns de nossos colegas, cujos trabalhos foram publicados em livros e revistas. O mais recente desses trabalhos, “Neutralidade e abstinência na observação de bebês”, elaborado por Bianchini, Pasin, Talberg e Rocha (2019), foi apresentado em nossa Sociedade e publicado como um dos capítulos do livro *Observação de bebês: método e aplicações*, organizado por Neyla França. Neste trabalho, além de abstinência e neutralidade, foi abordada também a questão transferência-contratransferência no cenário da observação “mãe-observador”.

Descrevemos algumas dessas apresentações em vários espaços e cenários para mostrar que a observação mãe-bebê-família em nosso Instituto sempre nos permitiu e incentivou intensa produção científica. Obviamente que, nesse texto reduzido, não foi possível inserir uma referência a todas elas. Na realidade, foi oferecida apenas uma amostra dessa produção. Certamente, deixamos de incluir nomes e experiências que deram importantes contribuições nesses já longos anos de método Esther Bick na SBPRJ. O tempo foi curto para um levantamento mais acurado e o espaço que nos foi concedido menor ainda.

Antes de finalizar esse texto, é importante uma referência aos benefícios que, em nossa opinião, a experiência da observação pode proporcionar àqueles que a realizam. Esther Bick (1964), em seu texto original, fala da

oportunidade que o aluno de psicanálise ou psicoterapia teria de conhecer de maneira viva o estabelecimento dos primeiros vínculos do bebê com seus familiares em seu próprio ambiente. Aos poucos, no decorrer de sua experiência, vários outros benefícios foram aparecendo ao lado daquilo que fora proposto inicialmente por Bick.

Um dos benefícios surgido da experiência foi a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar a capacidade de observar sem interferir diretamente no campo observado, mesmo considerando que existe a interferência decorrente da presença do próprio observador no cenário da observação – questão essa tão importante no cenário das terapias.

Aos poucos, foram sendo percebidos e valorizados vários outros benefícios, como a possibilidade de vivenciar, nos relacionamentos mãe-bebê-família e desses com o observador, fenômenos decorrentes da experiência emocional, tais como “*rêverie*”, “*holding*”, “continência”, “intuição” e algumas posturas relacionadas ao exercício da “paciência” e do “acolhimento”, que se apresentam no cenário dessa forma de observação em que o observador é parte do fenômeno observado, incluindo nesse contexto toda sua subjetividade.

Outro aspecto é aquele associado ao impacto emocional provocado no observador decorrente dos intensos sentimentos e emoções presentes nesse cenário em que o recém-nascido revela, com todas as cores e matizes, as vicissitudes e repercussões de sua fragilidade e desamparo. Uma das finalidades dos grupos de reflexão é justamente a de compartilhar e auxiliar o observador a refletir e a conviver melhor com esse impacto, tirando assim proveito dessa experiência. Percebe-se também e merece ser destacado, igualmente decorrente dessa forma de atividade compartilhada, o aprendizado com o trabalho em grupo e sua dinâmica.

Outra experiência é a possibilidade de acompanhar os detalhes do desenvolvimento, em especial o desenvolvimento emocional da criança. Destacamos o vagaroso movimento em direção à independência do recém-nascido, o início e o desenvolvimento do processo de simbolização que sucede o período da comunicação sutil do não verbal. O processo do desmame emocional em que o símbolo vai permitindo a separação. O desenvolvimento da fala e da marcha que aceleram a independência do bebê. Além desses elementos, vários outros podem ser observados e acompanhados.

No trabalho elaborado por Paulo Bianchini et al. (2019) há pouco mencionado, encontram-se outros possíveis benefícios relacionados à abstinência, à neutralidade, à transferência-contratransferência que são experimentadas e vivenciadas pelos observadores.

Como não é possível, neste texto reduzido, detalhar os benefícios referidos, nos deteremos em um específico: o desenvolvimento e o aprimoramento da capacidade de observar que teria, como foi sugerido, muito em comum com a observação em psicanálise. Aliás, autores como M. Waddell (2006) e D. Houzel (2012) também já apresentaram trabalhos em que sugerem alguma coisa nesse sentido.

Freud, algumas vezes, referiu-se a Charcot em relação a essa questão. “Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho não esquecido de meu mestre, Charcot: olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas” (Freud, 1914/1996, p. 32).

Aguardar não somente que as “coisas” comecem a falar, mas também que o próprio observador, enquanto parte da observação, seja incluído entre as “coisas” que falam e que necessitam ser consideradas e observadas.

Bion (2004; 2007), em seus livros que tratam da questão de observação em psicanálise, embora também se refira a Charcot, foi muito além quando propôs que vários outros elementos sejam incluídos e considerados no processo da observação. Um deles é a suspensão temporária da memória, desejo e conhecimento. Outro elemento é a “Capacidade Negativa”, conforme descrita pelo poeta e pensador J. Keats. No início da experiência de observação, o observador, não suportando “incertezas, mistérios e dúvidas”, com frequência, tem a tendência de atribuir precipitadamente significado ao que ainda não está suficientemente evoluído e razoavelmente clarificado – algo, a nosso ver, semelhante com o que pode ocorrer nas terapias, esquecendo-se assim de uma das instruções sugeridas a ele, qual seja, a de trabalhar sempre com hipóteses ou conjecturas até que possa haver o surgimento de alguma evolução. A “Capacidade Negativa” diz respeito a quando o homem é capaz de permanecer em incertezas, mistérios e dúvidas, sem tentativa irritável de alcançar fato e razão.

Houzel e Waddell também chamam a atenção nos trabalhos referidos para a contribuição de Keats na observação no método E. Bick. Para finalizar, retornamos à Esther Bick ao lembrar um de seus preciosos depoimentos:

Nós temos que sentar com as crianças por um longo tempo completamente no escuro sobre o que está acontecendo, até que subitamente alguma coisa surge das profundezas e a cena aparece iluminada... Isso impõe ao analista de criança uma grande dependência de seu inconsciente para lhe fornecer pistas para o que pode levar ao significado dos jogos e brincadeiras das crianças e das comunicações não verbais. (Bick, 1962, p. 43)

Não poderia faltar uma última palavra direcionada a todos os colegas que nesses anos têm participado ou estão participando de nossos grupos atuais. Atualmente são seis grupos abrigando dezenove alunos. Esses colegas não foram nomeados, mas não foram esquecidos. O tempo e o espaço que nos foi disponibilizado para a realização desse texto é que foi limitado e curto. Esses companheiros estão sendo lembrados e reconhecidos. Na realidade, somos todos um só grupo!

Referências

- Bick, E. (1962). Child analysis today. *International Journal of Psychoanalysis*, 43, 328-332.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Bianchini, P. H.; Pasin, A. J.; Talberg, G. & Rocha, M. T. (2019). Neutralidade e abstinência na observação de bebês. In N. A. R. F. França (Org.), *Observações de bebês: métodos e aplicações* (pp.111-134). São Paulo: Blucher.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (James Strachey, trad., v. 14, pp. 13-73). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Haag, M. (2002). *La méthode d'Esther Bick pour l'observation régulière du tout-petit au sein de sa famille*. Paris: Autoéditions.
- Houzel, D. (2012). Infant observation and the French model. *International Journal of Psychoanalysis*, 93(1), 181-201.
- Talberg, G.; Couto Rosa, J. A. A. & O'Donnell, M. L. S. (1988). Early affect development: empirical research. *International Journal of Psychoanalysis*, 69(2): 239-259.
- Waddell, M. (2006). Infant observation in Britain: the Tavistock approach. *International Journal of Psychoanalysis*, 87(4), 1103-1120.

Recebido: 30/08/2019

Joaquim A. de A. Couto Rosa
joaorosa@terra.com.br

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Ritratto: uma saída para o mundo

Lúcia Maria de Almeida Palazzo¹

E como nasci? Por um quase. Podia ser outra. Podia ser um homem. Felizmente nasci mulher. E vaidosa. Prefiro que saia um bom retrato meu no jornal do que os elogios. Tenho várias caras. Uma é quase bonita, outra é quase feia. Sou um o quê? Um quase tudo. E ela não passava de uma mulher... inconstante e borboleta.

Clarisse Lispector

Um retrato encomendado nos exige um investimento diferente, porque mobiliza as emoções a partir do tempo vivido e do tempo presente. Não se trata de uma imagem capturada instantaneamente, mas sim de um fervilhar de experiências ainda vivas para cuidar e elaborar, porém nunca para esquecer. Por isso, agradeço o convite dos editores para dar este testemunho que conta um pouco da minha própria história e da história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ.

A origem italiana da palavra retrato, *ritratto*, geralmente de pessoas, também pode nos oferecer outro sentido, oriundo do latim, *retractu*, retraído, particípio passado de *retrahêre*, retrain, retirar. Nesse ir e vir de lembranças, muitas delas emergiram e outras sucumbiram ao espaço reduzido desta narrativa, condição que circunscreve a própria irrupção do inconsciente, essa presença/ausência que aponta para a falta.

A primeira ideia de escrita surgiu com a leitura do texto apresentado por Julia Kristeva, “Prelúdio de uma ética do feminino” (2019), para o 51º Congresso da IPA, deste ano, em Londres. Que desafio esta mulher enfrentou! Aprofundar e discorrer sobre o feminino, esta misteriosa subjetividade, tomada, até o advento da psicanálise, como objeto que assusta, ora desejado ora invejado. Análise brilhante e tão importante para

os tempos atuais. Indaga logo de início: “A psicanálise *pode* se fazer ouvir (questão epistemológica), *deve* se fazer ouvir (questão ética) nesta nova fase do *Mal-estar* (Unbehagen, Discontents) *na civilização?*”.

Pareceu-me que estes questionamentos foram respondidos por Kristeva ao oferecer reflexões fundamentais às suas próprias perguntas, demonstrando que o saber psicanalítico *pode* e *deve* se fazer ouvir. Impulsionada pelo desejo de dar voz e relevância à intimidade do *feminino transformativo* em cada sujeito singularmente. Metamorfozes retratadas na vida, na clínica, na cultura e nas instituições psicanalíticas, *por supuesto*. Assim, forjamos o nosso ser e fazer psicanalítico. Segue adiante: “[...] o feminino é transformativo. Nem *inata*, nem *adquirida*, mas *incansavelmente conquistada* desde as duas fases do Édipo inacabada, *a vivacidade do FEMININO se diversifica ou sucumbe nas provas da impiedosa realidade sócio-histórica*” (grifos meus).

Completamente envolvida neste contexto, até a raiz dos cabelos, para usar uma expressão popular, muitas mulheres que fizeram parte da minha trajetória psicanalítica me vieram à mente com lembranças inesquecíveis. Em diferentes lugares e de diferentes maneiras, mas, principalmente, mulheres que fizeram história *no seio da SPBRJ*. Citando apenas algumas: Anna-Maria Bittencourt (*em especial*), Sonia Eva Tucherman, Celmy Quilelli Correa (*in memoriam*), Liana Albernaz de M. Bastos, Fernanda Marinho, Helena Vianna (*in memoriam*), dentre tantas outras guerreiras.

Outro contexto importante no momento diz respeito à minha experiência no Conselho Diretor da Federação Psicanalítica da América Latina – FEPAL, cuja primeira presidente mulher, María Cristina Fulco, formou a sua diretoria com sete mulheres e um único homem. Configuração que fala do silenciamento de vozes femininas ao longo dos tempos e da importância de abirmos espaço à força vital da mulher.

Voltando a 1990, ano de meu ingresso na Sociedade, com uma turma de 20 alunos (mais de 100 pessoas disputaram o prestígio de pertencer à Brasileira), tínhamos os grupos de acompanhamento, GAAC, espaço democrático com muitos debates, abrigando ainda as avaliações de relatórios oficiais e trabalhos de iniciantes. Com as mudanças, após a intervenção da IPA, em 1992, as avaliações passaram para outra instância do Instituto de Formação. E os grupos de acompanhamento permaneceram

como esse espaço de troca e reflexão, experiência exitosa, salvo engano, exclusiva da Brasileira.

O episódio da intervenção da IPA, certamente traumático, revelou a crise institucional, como também a de muitos candidatos, frente às exigências impostas pelos representantes da IPA, como, por exemplo, a suspensão da prática da análise condensada. O modelo quatro/cinco vezes por semana, em dias distintos, passou a ser obrigatório, com a ingerência institucional nas análises pessoais. A análise condensada (que eu mesma realizava *por necessidade* da minha analista com função didática, na ocasião, que viajava para trabalhar em outra cidade, fazendo quatro sessões em três dias; posteriormente, saiu da Sociedade) passou a ser uma transgressão. Vi-me repentinamente diante de um impasse ético. Afinal, o que acontecia na minha relação analítica? E eu que, ingenuamente, imaginava a formação um oásis no horizonte. A mesma analista (que se pronunciou a favor das exigências, afirmando a correção da mudança para dias seguidos) não compartilhou nenhuma autocrítica a respeito, o que culminou na minha saída desta análise, dentre outras razões. Ocorreram denúncias e rachas entre colegas em função das análises didáticas. Consequentemente, mudei de analista e continuei a minha formação, porém, infelizmente, assisti a saída de muitos colegas. A tristeza que se abateu sobre a Sociedade levou alguns anos para se dissipar e para restabelecermos o vigor científico, a alegria e a salutar abertura que nos fortalece a cada dia.

Esse início de formação idealizado e tão desejado ficou abalado com os acontecimentos que ocorreram durante essa época. Porém, algo se manteve vibrando dentro de mim, embora acompanhado da pergunta inescapável que insistia em voltar: *por que permanecer na Brasileira?* Hoje, ressignificando tudo isso, posso afirmar: permanecer na Sociedade foi um encontro com este *feminino transformativo*, com mulheres e com colegas que fizeram parte do meu percurso institucional. Como disse Kristeva: “[...] as mulheres não são donas do feminino transformativo sempre em devir que participa, com o masculino, da psicosexualidade dos viventes que falam e imaginam. Desde o último Freud e *nas mutações sócio-históricas de hoje*, o feminino parece estar no cerne da experiência psicanalítica. *A psicanálise seria uma das possíveis sublimações (quem sabe a última?) desse feminino?*” (grifos meus).

Em meio aos processos e mudanças institucionais, seguimos com a certeza de que o principal ingrediente para as inúmeras viradas criativas na vida é a coragem para se entregar ao processo psicanalítico. A simbolização como saída das armadilhas do sintoma e para o encontro da ética da função analítica.

Penso que o aspecto levantado por Kristeva, no que diz respeito às “mutações sócio-históricas de hoje”, revela a importância do entrelaçamento da realidade psíquica com a realidade material, a cultura fazendo parte da mistura para a construção de novas subjetividades. A normatização de condutas sexuais, os ataques à livre expressão de desejos e pensamentos, a irreal “cura gay”, o retrocesso nas políticas públicas de saúde mental, o acirramento de discursos violentos e racistas, a desigualdade econômica cada vez maior no mundo, só deixam a certeza de que a psicanálise pode e deve se fazer ouvir. Não há outra saída. Os analistas estão convocados a esta tarefa. Neste sentido, reafirmo a minha admiração pelos colegas que criaram e participaram de projetos socioculturais da SBPRJ, que buscou honrar com a responsabilidade social que lhe cabe, enfrentando desafios e resistências para ampliar o alcance das ações que se propunham. Inúmeros são os exemplos, como a difusão pelo Programa de Interface Social – PROPIS, pelo programa da Rádio MEC e pelo Projeto Travessia, premiados no Congresso da IPA 2019, Psicanálise e Cinema, Café Literário... Assim como parcerias com órgãos e instituições que abrigaram os eventos e a nossa produção científica, a exemplo do Museu de Arte do Rio – MAR, com o Simpósio *Calibán no Rio*, de lançamento da Revista Calibán, publicação oficial da FEPAL, realizado por três anos consecutivos.

Como lidar com o mal-estar da civilização na contemporaneidade? A cada dia sucedem-se fatos alarmantes, seja na política ou na esfera social. Lembrei-me do filme *Privacidade Hackeada*, da Netflix, que conta como várias eleições foram determinadas pela disparada de *fakenews*, bombardeio de mentiras pelas mídias sociais impossível de controlar, e pela manipulação das informações pessoais. Não interessa fazer ninguém pensar, ao contrário, o que interessa é dividir e descarregar o ódio ao diferente. A destrutividade humana hackeada a olhos vistos. Democracia em risco, certamente. Há psicanálise sem liberdade? Provavelmente não. Portanto, a única alternativa que acena um futuro para o nosso ofício é continuar a luta empreendida pelo nosso mestre Freud:

A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição. Precisamente quanto a isso a época de hoje merecerá talvez um interesse especial [...]. Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace? (Freud, 1930/2010)

Quem pode prever o desenlace? Há 80 anos, em 1939, faleceu Freud, deixando um legado de inestimável valor, que revigoramos a partir da reflexão e desenvolvimento de suas ideias e descobertas. De certa forma, estamos mais preparados do que antes para viver o assombro que nos atravessa a cada dia, pois recebemos a herança psicanalítica construída no século XX, quando a psicanálise floresceu e nos proporcionou outras ferramentas para lutar. Uma aposta no futuro: o amor poderá vencer o ódio. Nunca imaginaríamos que a humanidade se relevasse tão cruel nos dias atuais. E a psicanálise tão necessária e transformadora.

Referências

- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização in S. Freud. *Obras completas* (Paulo César de Souza, trad., v. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Kristeva, J. (2019). *Prelúdio de uma ética do feminino*. Trabalho apresentado no Congresso da IPA, 51, Londres.

Recebido: 30/08/2019

Lucia Maria de Almeida Palazzo
luciampalazzo@gmail.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ

A Importância do filme “Orfeu Negro” no ano de 1959

Luiz Fernando Gallego¹

No ano de 1959, quando foi fundada a SBPRJ, a cidade do Rio de Janeiro ganhou visibilidade mundial através do cinema graças ao filme de produção francesa, mas inteiramente filmado no Rio e falado em português, *Orfeu do Carnaval* (*Orphée Noir*, título original).

Baseado na peça teatral *Orfeu da Conceição* – escrita pelo poeta Vinicius de Moraes entre 1942 e 1953 e encenada no Theatro Municipal do Rio em 1956, com cenários de Oscar Niemeyer – o filme recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1959 e também levou o Oscar de “filme estrangeiro” (na verdade, a categoria se refere a filmes falados em língua não inglesa) referente àquele ano, entregue na premiação realizada no início do ano seguinte, como de hábito.

Cultuado mundialmente até hoje, sessenta anos depois de seu lançamento, o filme mereceu, há tempos, uma edição em DVD (duplo) ou em Blu-Ray (único) da prestigiosa *Criterion Collection* que reúne filmes expressivos da história do cinema mundial, sempre com imagens e som restaurados e com extras de interesse informativo e/ou analítico. Foi o 48º filme incluído na coleção, que já chega a 983 lançamentos. É a excelente cópia da *Criterion* que pode ser vista na íntegra, com 100 minutos de duração, pela internet, através do YouTube.

O encantamento internacional que transformou este filme numa obra *cult* não se reproduziu no Brasil: a crítica rejeitou o que pareceu, a olhos brasileiros, uma construção idealizada e artificial da realidade de nossas favelas. De fato, o filme é construído a partir de um olhar estrangeiro que se mostra fascinado com o que lhe parece “exótico” no carnaval de rua dos anos 1950 (provavelmente as filmagens ocorreram em 1958) e na

representação de um ritual afro-brasileiro. Algumas tomadas de cenas são longas e comprometem o ritmo cinematográfico em favor do ritmo das baterias de escolas de samba ou dos tambores de um “terreiro”, sem que o arco dramático e o prosseguimento da história careçam de tomadas tão longas para o desenvolvimento da trama ficcional que, a rigor, é simples.

O filme começa com a chegada de uma barca ao então Distrito Federal. O Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil. Os passageiros se movimentam ao ritmo de uma bateria até mesmo quando descem da barca, que é daquelas que faziam (e até hoje fazem) a travessia entre Niterói e o Rio. Ou da Ilha de Paqueta – ou da Ilha do Governador – para o Rio, através da Baía de Guanabara.

A câmera segue a jovem Eurídice de pele cor de canela, que é interpretada por uma atriz e dançarina norte-americana, Marpessa Dawn, na época casada com o diretor do filme, Marcel Camus (nada a ver com o mais famoso escritor Albert Camus). Ela vem de outra cidade, não identificada, dizendo estar fugindo de um homem que – ela tem certeza – quer matá-la, sem que surjam maiores explicações sobre isso. Ela está procurando a casa de uma prima que mora num morro próximo.

Embarca em um “bonde” – um modelo de transporte coletivo movido a eletricidade que iria ser extinto na década seguinte – aberto nas laterais, o que era bem de acordo com o calor da cidade, ainda que menos conveniente em dias de chuva mais forte. Nas imagens vistas, ninguém parece simplesmente andar nas ruas do Rio: sem chegar a assumir o aspecto de um filme musical americano com suas danças estilizadas, quase todo mundo que a câmera focaliza dá passinhos de samba ou saltita alegremente, o que vai se repetir com os personagens que veremos nos cenários da favela onde Eurídice encontra a prima que, com um namorado gorducho, compõe um casal de aspecto cômico, algo histriônico, em contraste com o casal romântico que vai se formar entre Eurídice e Orfeu.

Ele aparece inicialmente como “motorneiro”, condutor do bonde para o qual Eurídice foi literalmente içada. Orfeu também é afrodescendente como todos os personagens importantes do filme. Ficamos sabendo que ele é cantor e compositor muito admirado pelos que o conhecem, além de membro de destaque de uma Escola de Samba. O personagem é vivido por Breno Melo, que não era ator, mas jogador de futebol no Rio, de origem gaúcha. Orfeu está noivo de outra moça, Mira, mas há falas de outros

personagens que informam como ele desperta enorme interesse feminino e usufrui amplamente da atração que provoca. Mas a paixão que Orfeu vai desenvolver por Eurídice será irresistível.

Ela está realmente sendo perseguida por um homem cujo rosto jamais será visto: ele usa uma máscara que lembra uma caveira e veste uma roupa de corpo inteiro. O papel é de Ademar Ferreira da Silva, medalhista de ouro em duas Olimpíadas na modalidade de salto triplo. A roupa estabelece evidente associação com uma representação física da Morte.

Durante o carnaval de rua, os amantes se perdem e Eurídice, de fato, morre. Desesperado, Orfeu a procura num “Departamento de Pessoas Desaparecidas” – que lembra uma repartição pública burocratizada, repleta de papéis empilhados, com apenas um funcionário que diz que nunca encontraram ninguém ali. Uma escadaria em espiral é vista, quase às escuras, com uma iluminação vermelha no final, embaixo.

Orfeu prossegue a busca num “centro espírita”. Em determinado momento, escuta a voz de Eurídice atrás de si, pedindo-lhe que não olhe para trás. Mas ele se vira e descobre que a voz vem de uma senhora idosa – sugerindo que seria alguém que “incorporou” o espírito de Eurídice.

Ele se sente enganado e, por fim, num necrotério, entre vários corpos de pessoas ainda fantasiadas, encontra sua amada. Toma-a nos braços e a leva para o alto do morro onde se amaram na véspera, falando como se ela estivesse viva ou pudesse ressuscitar. Mira, enciumada e enraivecida, seguida por outras mulheres que estavam em volta de uma fogueira vista à distância, atira uma pedra em Orfeu que cai num precipício. Vemos, numa tomada de cima, seu corpo e o de Eurídice enlaçados.

Algumas crianças que admiram Orfeu (e que já foram vistas várias vezes ao longo do filme) pegam o violão do cantor morto e, ao amanhecer, dizem que conseguiram “fazer o sol nascer” – como acreditavam que Orfeu teria realizado o nascer do sol em uma cena anterior. O filme termina com as crianças dançando uma das músicas do filme.

Aliás, teria sido a trilha musical um fator importante para o culto que o filme conquistou no exterior? Ou o filme despertou interesse por seu exotismo aos olhos de outros povos e serviu como meio de divulgação de suas canções em todo o mundo? Fato é que “Manhã de Carnaval”, de Luís Bonfá, com letra de Antonio Maria, tornou-se uma das canções brasileiras de maior sucesso até hoje, com centenas e centenas de gravações em

diversos países, sempre associada ao filme *Orfeu Negro*. Bonfá foi o autor desta e da canção que encerra o filme, o “Samba de Orfeu”.

Antonio Carlos Jobim, que já havia composto músicas para a peça original, *Orfeu da Conceição*, criou para o filme, com letras de Vinicius de Moraes, “A Felicidade” (“Tristeza não tem, fim, felicidade sim”), “O Nosso Amor” (“...vai ser assim, eu pra você, você pra mim”) e “Frevo”, depois conhecido como “Frevo de Orfeu”.

É dito, frequentemente, que o filme colaborou com a divulgação da Bossa Nova brasileira no exterior. Entretanto, a Bossa Nova propriamente dita tinha uma batida rítmica bem diversa das músicas do filme: “Manhã de Carnaval”, independentemente de sua beleza melódica, é o que se considera um “samba-canção” e, portanto, não tem a batida típica de “Garota de Ipanema” ou do “Samba de Verão” (de Marcos e Paulo Sérgio Valle), que são duas canções emblemáticas da Bossa Nova mais gravadas em todo o mundo, com um espírito alegre, tanto nos versos como nas melodias, transmitindo uma leveza diferente do aspecto trágico das narrativas que envolvem os arquetípicos Orfeu e Eurídice, seja na sua origem mitológica, seja nas adaptações feitas pelo cinema² a partir do mito. E, obviamente, um frevo não é uma bossa nova, como não o são os sambas de Bonfá e de Jobim que ouvimos neste filme.

Da mesma forma, o que Jobim compôs para o espetáculo de 1956 também não renuncia o estilo bossanovista que logo ele iria compor com parceria de Newton Mendonça (“Desafinado”, “Samba de uma nota só”, “Meditação”), ou com Vinicius de Moraes (“Brigas, nunca mais”, “Este seu olhar”, “Insensatez”, “Garota de Ipanema”, “Ela é carioca” etc.) A música mais conhecida da peça é “Se todos fossem iguais a você”, também um samba-canção. E apenas “Lamento do Morro”, um samba, só veio a ser executado no formato de bossa nova bem mais tarde.

Entre o enredo da peça e o roteiro do filme há diferenças marcantes. A ideia de Vinicius foi a de retratar o alto do morro – onde Orfeu é cantor e compositor celebrado – como uma espécie de “Olimpo” do qual ele desce para a cidade enlouquecida pelo carnaval. A agitação carnavalesca serviria como um equivalente às dificuldades do percurso do Orfeu da lenda para chegar ao reino dos mortos do qual vai tentar resgatar sua amada. Já o filme, desde o início, vai transcorrer durante o carnaval, começando no asfalto

para, em seguida, subir o morro onde se dá o encontro romântico dos apaixonados.

Na peça, a mãe de Orfeu critica seu amor exclusivo por uma mulher, preferindo que ele namore todas as que se encantam com sua beleza e sua música. A morte de Eurídice, que lança Orfeu no desespero, faz com que sua mãe amaldiçoe a morta com palavras bem duras e até mesmo chulas. Mas o filme francês omite totalmente os personagens dos pais de Orfeu, embora numa outra versão da peça, dirigida por Cacá Diegues e lançada em 1999, a personagem da mãe tenha sido reaproveitada com as mesmas falas e atitudes em relação à mulher pela qual o filho abandona todas as outras.

Da mesma forma, na peça não existe o aspecto da chegada de Eurídice vinda de outra cidade e nem há um perseguidor fantasiado. Ela morre pelas mãos de Aristeu – que tem o mesmo nome do apicultor que persegue a Eurídice do mito que, ao fugir, é picada por uma serpente. Vinicius tenta seguir o mito um pouco mais de perto, incluindo personagens com os nomes dos deuses que reinam no mundo dos mortos, Plutão e Prosérpina (além do de Aristeu), mas não chega a haver um paralelo maior no texto teatral com o que acontece depois na antiga lenda: a volta de Orfeu à superfície, nem com o que o levou a procurar a mulher morta no reino das trevas – aspectos que mais nos interessam do ponto de vista psicanalítico. Por isso, agora, vamos nos deter um pouco mais sobre o mito original.

Inconformado com a morte da amada, o Orfeu mitológico terá sido um dos raros mortais que desceram ao Hades, o reino dos mortos, e conseguiu voltar de lá vivo. Para conseguir penetrar no mundo ctônico, a beleza de sua música, poesia e voz cativou até mesmo o cão Cérbero, monstro que tomava conta das portas do Hades e que lhe deu passagem. Comovidos, os deuses Plutão e Prosérpina permitem que Orfeu leve Eurídice de volta ao mundo dos vivos, mas com a condição de que ela o siga, sem que ele a olhe enquanto estiverem percorrendo os caminhos ascendentes para sair dos infernos.

Orfeu aceita a privação de não olhar para ela até que estejam de volta à superfície, mas pouco antes de chegar perto da luz do dia, inseguro, temendo que tenha sido enganado e que não haja ninguém atrás de si, não aguentando mais a interdição que o impede de olhar para sua amada, volta-se para trás. Neste instante, ele a vê por um instante, mas já se esvanecendo, como que morrendo uma segunda vez.

Sem conseguir amar outras mulheres, rejeitando-as, Orfeu será dilacerado por elas, ultrajadas com a fidelidade do poeta-cantor a uma mulher morta. Em outra versão, a fúria das mulheres adviria da criação da pederastia por parte de Orfeu depois da perda de Eurídice. Seja como for, sua cabeça, jogada nas águas de um rio, ainda murmurava o nome dela.

Um dos mitos mais antigos, Orfeu já era mencionado na lenda dos Argonautas que teria surgido durante o século VI a.C., sendo um personagem fortemente ligado à música: teria sido ele o inventor da cítara ou, pelo menos, teria aumentado o número de cordas do instrumento, de sete para nove, homenageando as nove musas.

Algumas das mais antigas óperas que permanecem sendo encenadas tratam do mito de Orfeu e Eurídice: *L'Orfeo*, de Monteverdi, é de 1607; e *Orfeo ed Euridice*, de Gluck, é de 1762. Nesta, encontramos a famosa ária “Che faró senza Euridice?”, que também tem uma versão em francês “Je perdu mon Euridice”. Em alguns desenvolvimentos posteriores do mitologema surge a queixa de Eurídice por estar seguindo o esposo que não lhe dirige o olhar, o que provocaria a transgressão do vate ao voltar-se para trás, olhando-a. Para, imediatamente, perdê-la definitivamente. Seja como for, em letras de Vinicius de Moraes para algumas das canções feitas para a peça estreada em 1956, a enorme dor/angústia pela impossibilidade de ele olhar para ela (ou de ela ser olhada por ele) surge em vários e belos versos.

Em “Lamento do morro”, temos:

“Não posso esquecer
o teu olhar longe dos olhos meus.”

E o último momento em que ele a olha, perdendo-a imediatamente, também está nos versos seguintes:

“Ai, o meu viver é te esperar
pra te dizer adeus”

O choro pela perda está em:

“Mulher, amada, destino meu,
é madrugada
e o sereno dos meus olhos já correu.”

Já na belíssima “Valsa de Eurídice”, com melodia do próprio Vinicius, que quando foi escutada no espetáculo de 1956 ainda nem tinha letra, vamos encontrar as seguintes alusões ao olhar interdito como algo inexcedível:

“Não há nada que conforte a falta dos olhos teus
Lembra que a saudade, mais do que a própria morte,
pode matar-me. Adeus!”

Nesta construção, é como se Eurídice dissesse: “de que vale voltar à vida se eu não tiver teu olhar voltado para mim?”. A necessidade de espelhamento no olhar de outra subjetividade é um aspecto fundamental na estruturação do self, segundo as teorias de Heinz Kohut. Sem isto, o sentimento de si-mesmo (self) e, mais, a própria estrutura do ser podem ficar comprometidos em vários graus quanto à coesão, à vitalidade e à harmonia do self, o “eu-total” diferente do ego do aparelho psíquico tripartite da segunda tópica freudiana.

A repetição da perda (ou a vivência de uma perda que se eterniza) também pode ser encontrada nos versos iniciais da “Valsa de Eurídice”:

“Tantas vezes já partiste
que chego a desesperar.
Sofro tanto, estou tão triste
que já nem sei mais chorar”.

A angústia de separação é expressa no trecho seguinte:

“Ah, minha amada, não partas,
não partas de mim!
Ah, na partida que não tem fim!”

Quem fala neste trecho? Orfeu temendo a perda da amada? “*Não partas de mim*” sugere um estado fusional de tal intensidade que a situação de perder a amada é equalizada à de perder-se a si próprio. Tal luto se torna impossível de ser elaborado, um luto patológico, pois em um luto normal sabe-se o que se perdeu; já na melancolia, não se sabe nem mesmo quem se perdeu: o próprio sujeito perdeu-se de si mesmo.

Em uma comunicação pessoal sobre seu belo trabalho “Amor, Luto e Psicanálise”, publicado na revista *Ide*, Jansy Berndt de Souza Mello comentou um trecho do poema de Rainer Maria Rilke “Orfeu, Eurídice, Hermes”, no qual

(...) em vez da esposa apaixonada que segue Orfeu, implorando-lhe que se volte para ela e confirme o seu amor (pois Orfeu está proibido, pelo acordo com os deuses, de se virar para olhar Eurídice), ela, em Rilke, já “virou raiz” e se entregou ao mundo das sombras “como uma flor que se fecha ao entardecer”. E quando Orfeu acaba se virando é porque, aflito, tenta conferir se a amada o segue, trazida pela mão do deus Hermes. E vai ser o deus que lamenta a transgressão, exclamando ansioso: “Ele se virou!”. Eurídice, que nem mais se recorda de Orfeu, pergunta: “Quem?” antes de, lentamente, retornar para as sombras, longe, agora para sempre, de Orfeu.

Jansy prossegue, em um trecho do trabalho citado:

Seria preciso que Orfeu e Eurídice amassem de um modo diferente quando ela não se deixaria mergulhar na realidade dos mortos, nem deitar raiz naquele chão. Orfeu, mais do que unir-se à esposa perdida, precisaria resistir aos apelos de Eurídice, assim como aos seus mais íntimos anelos que o distanciam da realidade do seu luto.

Voltando ao ano de 1959, o da fundação da SBPRJ, data que serviu de mote para este pequeno apanhado sobre o que pode ter acontecido de significativo no cinema e de importante para nossa cidade nesse mesmo ano em que a nossa Sociedade foi oficialmente estabelecida, o lançamento mundial de *Orfeu Negro* terá sido um acontecimento realmente importante?

De certo modo, sim. Por exemplo, em sua autobiografia, o ex-presidente Barack Obama comenta o significado do filme para sua mãe e para ele mesmo. Tal como a mãe de Obama, muitas pessoas ficaram encantadas com as paisagens naturais do Rio e tiveram sua atenção voltada para a música que se produziria quase concomitantemente à distribuição mundial do filme. O famoso Concerto de Bossa Nova no Carnegie Hall de 1962 teria como um de seus momentos mais aplaudidos a interpretação do cantor Agostinho dos Santos em “Manhã de Carnaval”. Não sabemos se reconheceram que a “voz” de Orfeu quando canta “A Felicidade” e “Manhã de Carnaval” era a deste cantor que havia dublado Breno Melo nas melodias. De qualquer modo, foi ali que expressiva parte dos americanos se deixou encantar por Tom Jobim e por João Gilberto, mesmo que jazzistas já tivessem percebido e admirado a riqueza musical das canções de Bossa Nova e as interpretações inovadoras de João.

Mas há um aspecto fundamental no encantamento que o filme pode sempre despertar e que deixamos para o final: o elenco negro. Isto já era uma exigência na peça de Vinicius de Moraes. George Gershwin já havia composto sua ópera *Porgy and Bess* em 1935 para cantores/atores negros; o cineasta Otto Preminger já havia filmado uma versão da ópera *Carmen* de

Bizet, com elenco negro e versos adaptados para a língua inglesa no filme *Carmen Jones* em 1954. No mesmo ano de 1959, Preminger levou a ópera de Gershwin para as telas. Mas *Orfeu Negro*, falado em uma língua pouco entendida em tantos países, acabou tendo uma receptividade especial. A beleza dos atores centrais nos retirava do rígido padrão de beleza caucasiana excludente. Os ritmos das batucadas, talvez “selvagens” para ouvidos não brasileiros, terá sido um fator de curiosidade pelo “exótico” e, de certa forma, a alteridade do terceiro mundo em relação ao hemisfério norte se impõe sempre que o filme é admirado ou redescoberto na Europa, na América ou no Japão, dentre outros países que pouco conhecem sobre o Brasil além do futebol e do carnaval: *Black Orpheus* (título internacional) é mesmo uma referência.

Já as limitações do filme frequentemente são mais lembradas entre nós, deixando de lado que as cores das roupas (o azul que veste Eurídice quando se fantasia, assim como o dourado do colete trançado sobre o corpo negro de Orfeu) são fascinantes. E que a fotografia que capta o colorido da cidade vista do alto e das vestimentas foi obra de Jean Bourgoïn, cinegrafista que teria seu talento reconhecido em 1963 com um Oscar pelo filme *O mais longo dos dias*, já tendo sido fotógrafo de outro filme cultuado, *Meu Tio*, de Jacques Tati, de 1958.

Se nos parece até absurdo que em Cannes *Orfeu do Carnaval* tenha recebido o prêmio máximo quando havia na competição obras-primas como *Hiroshima, meu amor*, de Alain Resnais, *Nazarin*, de Louis Buñuel. e *Os Incompreendidos*, de François Truffaut, é preciso compreender que, apesar dos pontos frágeis do filme que já foram levantados na época (e de, hoje em dia, outros aspectos terem envelhecido mal), alguma coisa disruptiva do caráter de brasilidade que transpira nas imagens superou a admiração por obras que podem até ser mais perfeitas e brilhantes cinematograficamente.

O diretor Marcel Camus nunca teve outro sucesso, o produtor Sacha Gordine nem mencionou o Brasil no seu agradecimento de 10 segundos no Oscar, mas o filme ainda conquista novos espectadores pelo melhor que a paisagem do Rio e nossa música popular da época sempre podem oferecer – além da negritude que Vinicius exigia para os intérpretes.

Muitos anos antes do clichê, Vinicius já antecipava que “Black is beautiful” – na pele, nos corpos, na música, no ritmo, na alegria que busca superar o banzo da escravidão e suas repercussões transgeracionais.

Referências

Souza Mello, J. B. (2011). Amor, Luto e Psicanálise. *Ide*. São Paulo, 34 (52).

Recebido: 16/07/2019

Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro.
2. É bastante conhecida a versão de Jean Cocteau em seu filme de 1950, *Orpheu*. Existe uma segunda adaptação da peça de Vinicius, dirigida por Carlos Diegues em 1999, *Orfeu*. E não se pode deixar de associar a questão do apaixonamento por uma mulher morta (caso do personagem vivido por James Stewart) na obra-prima de Hitchcock, *Vertigo (Um corpo que cai)* que, de certa forma, tem fortes paralelos com o mito de Orfeu. Lembrando que o mito de Orfeu (que sempre perde Eurídice, de novo, de novo e de novo...) já seria uma forma de ensinamento sobre a impossibilidade de reviver os objetos perdidos pela morte... e a impossibilidade de uma vida plena se há um luto nunca elaborado.

Considerações sobre o 1º caso clínico sob supervisão oficial

Luiza Carolina Proença Nabuco¹

Venho, no momento em que a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro completa seus 60 anos, fazer um breve relato do meu 1º caso clínico sob supervisão oficial da Dra. Zenaira Aranha, realizada nos anos de 1991-1992. Acalento esta ideia há muitos anos, mas só agora, neste aniversário da nossa Sociedade, senti ser possível realizar este velho sonho. O paciente me foi indicado por um amigo seu que já fazia análise com analista da SBPRJ. Para facilitar o tratamento analítico, o paciente inscreveu-se na Clínica Social e começamos a análise sob supervisão em abril de 1991 com cinco sessões semanais. O paciente a quem dei o nome de André tinha na época 37 anos, estava desempregado e morava com a mãe viúva. É o penúltimo de um casal com cinco filhos. O pai morreu quando tinha 18 anos. Formou-se em arquitetura e conseguiu durante certo tempo trabalhar na área.

André apresenta um estado de saúde precário, referindo-se à necessidade que tem de fazer uma cirurgia cardíaca de ponte safena. Logo no início, fiquei sabendo que era sustentado pela namorada, que é aquela que trabalha. André diz: “Através dela tenho o meu contato com a realidade”. A supervisora acrescenta: “Ele não sabe, mas a namorada permite a ele ser desocupado”. Em maio, já não me paga, o que provoca este comentário de Dra. Zenaira: “A analista trabalha para ele como a mãe e a namorada, isto me faz lembrar a Doroteia de Nelson Rodrigues”. Ao mesmo tempo, a Dra. Zenaira mostra outro aspecto do paciente, o que pensa e sofre porque não me paga. A respeito da mãe: P – “Eu quero me tratar, mas quero tratar também da minha mãe”. Quem é ele, quem é a mãe, comenta a supervisora. Em outra ocasião: P – “Eu gostaria de pegar a minha mãe no colo; ela está velha e é um bebê e eu não consigo estar com ela de igual para igual”. Dra.

Zenaira acha bonito o que o paciente disse e comenta: “A analista deve valorizar a parte André que ama a mãe e quer cuidar dela”. Outro comentário de Dra. Zenaira que me ocorre agora: “Em vez de ‘paciente especial’ use ‘paciente exigente’ e evite fazer uma afirmação, é preferível dizer ‘você sente assim...’”.

O paciente encontra-se muito regredido. Descreve sua condição como vítima do pragmatismo financeiro: P – “Vivemos em uma sociedade em que o dinheiro é importante, sempre pensei filosoficamente como é que era nos povos primitivos ou na sociedade do futuro”. Através de Dra. Zenaira aprendi que o paciente é doente de medo, o agora o assusta. Tem medo das relações, de se relacionar. André “quer ver a imagem que ele passa”: “Sei que passo alguma coisa que provoca violência no outro, estive pensando e acho que eu afasto as pessoas”. A analista sente falta de um André mais espontâneo e o paciente se manifesta assim: “Sempre que quero ser espontâneo dá tudo errado; não consigo conquistar as pessoas, eu acabo perdendo-as”. É triste. Conquistar o outro é torná-lo aliado da sua maneira de pensar, que não pode ser contestada de jeito algum. O paciente diz “gostar que as pessoas vejam pela minha ótica”. Qualquer discordância de opinião pode levar a um confronto e isto a analista tenta evitar. Em outro momento dá uma versão diferente: “Quando todo mundo concorda, fico pensando como consegui enganar todo mundo”.

O paciente pode se aproximar para obter alguma vantagem e passa a ver uma coisa sua no outro. Esta foi a maneira que Dra. Zenaira encontrou para me fazer entender o uso que André fazia da projeção. Ao me dizer “não gosto de mim”, o paciente coloca o “não gostar” nos outros e se sente perseguido. André tem alguma noção do que estou falando: “Talvez eu perceba nos outros porque sinto em mim”. Em outro momento: P – “Fico me perguntando se as pessoas gostam de mim”. A – “Está me perguntando se estou gostando de tê-lo como paciente do jeito que você é?”. Dra. Zenaira sente o paciente extremamente infeliz e acha que a analista mostrou certo afastamento ao responder-lhe desta forma. Poderia ser assim: A – “Quer saber se gosto de você como você é?”. Para o paciente se achar legal, precisa que os outros pensem assim dele.

Em outra sessão, André voltou a perguntar: P – “E a senhora gosta de mim”? Para pensar nisso voltei à sessão anterior quando André disse que tinha ido a uma mãe de santo levado por sua irmã. O paciente diz que a mãe

de santo afirmou que ele era Oxossi e que tinha a figura de um caçador: “Era assim que eu sentia quando era pequeno”. No “final da consulta a mãe de santo sorriu para mim e depois disse que eu tinha me comprometido”. A – “Como assim”? P – “Não perguntei, mas a ideia que eu tive é que eu devia ficar engajado”. Na sessão seguinte, quando faz novamente a pergunta se a analista gosta dele, respondo que a analista, como a mãe de santo, se interessa por ele, mas assim como ele não se comprometeu com a mãe de santo, parece estar avisando à analista que o mesmo pode acontecer com ela.

Dra. Zenaira achou muito vivo este material. Nesta mesma sessão o paciente diz: “Eu me sinto como se fosse um caçador, sempre na espreita”. Era comum durante a sessão André ficar deitado de lado como se estivesse se sentindo ameaçado, à espera de algo ruim, sentindo-se perseguido. Na supervisão, soube que o paciente devia estar tendo uma alucinação. Isto ficou mais claro para mim quando o percebi olhando atentamente, de lado, para um canto da sala, oposto ao divã.

O paciente apresenta um quadro de transtorno delirante e persistente com uma personalidade dissociada. Dra. Zenaira descreve o paciente como uma pessoa cujo ego é de muita pouca ajuda, o id duro e o superego severo. Não se reconhece bom: “Gostaria de ter nascido gostando de mim”. A supervisora pensa que o paciente não tem a intenção de pagar e não acredita no seu trabalho. P – “As pessoas precisam se convencer de que eu preciso trabalhar”. A – “Creio que está me falando que precisa se convencer da necessidade de trabalhar”. P – “Fui procurar uma agência que me ajudasse com o meu currículo. Achei o preço que me pediram caro; aí a moça que estava me atendendo perguntou se eu não poderia fazer um logotipo para a empresa, isto poderia me ajudar a pagar. Achei a ideia boa, resolvi fazer”. O paciente traz os desenhos que fez para me mostrar: P – “A senhora gostaria de ver os desenhos”? A – “Sim”. De pé, ao meu lado, P – “O que ela quer e o que eu imagino que seria o melhor”. A – “Qual o último desenho”, pergunta a analista. O paciente mostra, eu olho e ele deita. P – “Sei que posso fazer as coisas bem feitas, não o melhor como havia dito”. A sessão termina. Dra. Zenaira diz à analista: O paciente captou que a analista gostou do desenho.

Guardei esta lembrança muito viva em mim. Dra. Zenaira pensa que o paciente não tem intenção de pagar e propõe o término da análise. A – Estive pensando sobre a questão de você não me pagar desde maio, acho mais razoável interromper a análise até que você encontre condições para

pagar. Tenho certeza de que terei um horário para você caso queira se tratar. Temos o mês de fevereiro para nós conversarmos”. P – “Gostei da forma como foi feito”. Na sessão seguinte: P – “Eu gostaria de acreditar em mim como a senhora acredita”.

Foi um período difícil para todos nós. Agradeço à Dra. Zenaira o ensino e a inspiração que tornaram possível este depoimento.

Recebido: 01/08/2019

Luiza Carolina Proença Nabuco
Luiza.carolina@terra.com.br

1. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ

O tempo que não tem tempo!

Margaret Waddington Binder¹

Última chamada para “Retratos”, publicação a ser feita pela *Trieb*, especialmente para comemorar os 60 anos de existência da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Falando assim, é apenas o aniversário de uma Instituição como outra qualquer, mas não, estamos falando da Brasileira, e aí tudo muda. O que era só mais um ano de existência passa a ser um fato a ser pensado, sentido, escrito e comemorado.

Ontem, estava no aeroporto esperando meu vôo para Londres, para o Congresso Internacional, e encontrei um pessoal de Brasília que me apresentava “Esta é a Margaret da Brasileira”. “Você já conhece a Margaret da Brasileira?”. Era quase como um sobrenome. Aliás, era o meu sobrenome, meu nome de família analítica. Depois disso, tive a certeza que, por mais difícil que pudesse ser, tinha mesmo que escrever algo sobre a minha linhagem, meu nome de família, minhas origens neste mundo da Psicanálise. Minha casa estava fazendo 60 anos. No último número do Intervalo Analítico, cujo tema era “Escrever é preciso”, eu dizia que, quando precisamos escrever, é difícil escrever; e quando alguns de nós, eu entre eles, só acreditamos nas palavras que brotam, nas palavras vivas, que carregam uma emoção verdadeira, aí temos mesmo é que esperar as tais palavras. Não servem palavras encomendadas. As palavras precisam contar o que vai em nossa alma. Não era ainda a hora de escrever.

Agora, já em um segundo momento, ainda em Londres, sentada no avião, após o Congresso Internacional da IPA no Queen Elizabeth II Centre, me pego tão emocionada sem mesmo entender o porquê. Agora sim, talvez seja a boa hora de escrever. Dias de profunda emoção. Que coisa forte esta sensação de pertencimento. Quanta alegria ao encontrar alguém da minha família. Que farra. Vivemos emoções intensas neste Congresso. Já vínhamos de um prêmio importante no Congresso da FEBRAPSI, quando Bernard foi

premiado. E agora na IPA, prêmios também incríveis, Sonia Eva e sua equipe com o Escutar e Pensar, Teresa Rocha e seu grupo com o Projeto Travessia. Foi tão especial sabê-los todos premiados. Nosso Sergio Nick tão desenvolto em função tão importante. Em determinado momento do Congresso, foi projetado um vídeo em um telão, mostrando as mulheres pioneiras da Psicanálise, e lá estavam nossas queridas Inaura, Maria Alzira, Rosa Beatriz e Zenaira. Era tão especial ver nossas pioneiras no telão, ver nossa gente, nossa Brasileira. Que sentimento grande era este? Quase como se, de repente, em um congresso internacional, você visse a foto de um parente querido, projetada, para que todos tomassem conhecimento do importante papel que tivera, principalmente para a Psicanálise no Brasil. Lembrei-me do nosso pequenino painel de fotos ao lado da biblioteca. Nossos muitos presidentes, pequenas fotos, mas que nos remetem a um universo de memórias. Lá estão nossos presidentes, nossos analistas, professores, supervisores, amigos, lá estão nossos quase parentes. E são tantas as vezes que chego naquela casa e me deparo com alguém parado diante daquelas fotos, perdido em seus pensamentos.

Ser psicanalista não é mesmo um ofício como outro qualquer! Difícil explicar, mas também muito simples. Dedicamos nossas vidas a este ofício, nosso tempo, nossos estudos, nossa saúde mental e física.

Dei-me conta que entrei na Brasileira em 1988, portanto lá se vão 31 anos. Na minha vida, estou há mais tempo dentro da Brasileira do que fora dela. A história do meu trabalho, a preparação para o meu trabalho, se confunde completamente com a história da minha vida, com a história do meu desenvolvimento como ser humano, como mulher, como esposa e como mãe. Talvez daí o tom intimista, de bate-papo. Não poderia falar da Brasileira de outra maneira, pois não posso falar diferente de como tenho vivido. Acho que este é o retrato que me interessa mostrar.

Entretanto, em uma galeria de memórias, surgem inúmeros outros retratos. Alguns, já meio desbotados, outros um tanto amarelados, perdidos no tempo, mas certamente fazem parte de tudo que vivi nesta casa e também de tudo o que a Brasileira representa para muitos de nós.

Um dos primeiros retratos tem mais de 40 anos. Conversava muito com um amigo querido, Geraldo Jucá. Foi ele quem me encaminhou para o meu analista Alípio Pessoa Neto. Jucá contava do seu trabalho no consultório, seus estudos, suas idas à Sociedade para noites científicas, seminários

clínicos, grupos de acompanhamento. E ficava evidente o quanto aquilo tudo ocupava do seu tempo de viver. Naquele momento, eu pensava ser um exagero. Mas decidi fazer a minha Formação na Brasileira. Segui a minha análise que, para minha sorte, já acontecia há muitos anos, mas que agora passava a ser uma análise de Formação. E tive como analista-espelho alguém tão especial quanto o Alípio. Por anos a fio assisti todo o seu compromisso, dedicação, generosidade, ética e amor pela Psicanálise. Era mesmo um processo intenso, profundo e genial. Com ele, modifiquei o meu viver e o meu lugar no mundo.

Como pode um trabalho absorver tanto de alguém e proporcionar ainda mais a outro alguém?

Veza por outra, em meu consultório, me pego emocionada e grata pela profissão que escolhi. Um privilégio mesmo poder dedicar a minha vida profissional a este ofício. E sempre me lembro da sessão de análise em que eu contava para o Alípio que havia atendido o primeiro paciente no meu consultório particular. Tinha pouca experiência clínica. No meu relato, eu falava do quanto estava decepcionada, envergonhada mesmo comigo, após tê-lo atendido. Estava tão excitada, assustada, emocionada, e meu coração batia tão alto que eu mal consegui escutar as palavras do meu paciente. E, para minha enorme surpresa e gratidão, ouvi do Alípio: “Que boa notícia você me traz hoje, Margaret. Está me contando que vai trabalhar com o coração”. Palavras que ainda hoje reverberam em mim.

Outro retrato muito antigo é o da primeira vez em que entrei no auditório da SBPRJ, já como candidata. O clima era solene, um tanto quanto pesado, talvez até severo. Tenho dúvidas se era mesmo tão severo tal qual descrevo, ou se era eu, assustada, enfrentando pela primeira vez aquele lugar formado por pessoas de certa forma idealizadas, poderosas, ditas saudáveis. Mas, entrar ali, agora como candidata, não era pouca coisa. As exigências eram enormes, muitos anos de análise, experiência psiquiátrica, e outros tantos requisitos. Entrevistas e mais entrevistas. Mas eram outros tempos, éramos, muitas vezes, até mesmo chamados de senhor e senhora, não importando quão jovens fôssemos. Quase não acredito quando hoje olho este mesmo auditório, e um clima tão diferente. Um clima tão mais democrático e melhor. A Psicanálise mudou, a Brasileira mudou, o mundo mudou, eu mudei.

Tenho ainda muito vivo o retrato do grupo de observação de mães-bebês. Meu grupo menor e tão querido, composto por Olga Goldfeld, Maria de Lourdes O'Donnel, Jefferson Soares e Vera Bulak. E todos subordinados ao grupo maior, coordenado por Geny Talberg e Joaquim Couto Rosa. Inicialmente, não tinha ideia da importância deste grupo, e de como serviriam como continente para nossas angústias e medos, para os bebês que habitavam em cada um de nós naqueles momentos iniciais. Uma experiência genial que, na prática, nos ensina o que é observar, entender, construir hipóteses, estar neste lugar tão difícil do não desejar. Ensina-nos a enxergar o muito que existe onde pouco se vê e a importância destes primórdios para a constituição mesmo de um aparelho psíquico robusto e saudável.

Em um retrato especial, carrego meus supervisores nesta casa. Ney Marinho, ainda antes da Brasileira, que também contribuiu muito para a minha escolha pela mesma e a quem devo a curiosidade de sempre buscar a clínica na teoria. E ler, ler muito. Não havia supervisão que ele não sugerisse um ou dois textos para leitura. E também com quem aprendi a respeitar e a entender a Brisa e o paciente psicótico. Em uma supervisão, houve um telefonema de emergência, um paciente do Ney em crise extrema e ele foi atendê-lo, deixando a porta da sala aberta. E eis que entra Brisa, um cachorro da raça Fila, na realidade um quase pônei, conhecido pela sua habilidade e ferocidade em proteger a casa de desconhecidos e invasores. E lá ficamos, Brisa e eu, durante longos minutos, o que me fez pensar muito e fazer a analogia de que, muitas vezes, era assim que nos sentíamos ao enfrentar um paciente do qual não sabemos o que esperar e que pode transferencialmente confundir-nos com o agressor de outros tempos.

Depois, Rosa Beatriz e Zé Cândido, meus supervisores oficiais. Rosa me ensinou a não temer, a ousar e a acreditar em um estilo próprio. Lembro-me que escolhi uma ficha da clínica há muito tempo rejeitada por muitos analistas em formação. Ao perguntar à Rosa se ela achava difícil aquele caso para uma principiante, ela não titubeou e disse “Somos sempre principiantes. Vamos juntas com este paciente”. E foi, possivelmente, um dos casos clínicos que mais me marcou e onde mais aprendi sobre o ofício de ser psicanalista. Com Zé Cândido aprendi o humor na sessão, o respeito ao sigilo e, principalmente, que os analistas eram seres normais, passíveis de erros, falhas e dificuldades. Zé Cândido exigia que o paciente, mesmo não

sendo da clínica, soubesse que era um caso oficial e que seu material seria compartilhado com mais alguém. Com ele, aprendi a pedir permissão ao paciente para usar pequenas vinhetas do seu material em sessão, em trabalhos teórico-clínicos, mesmo que totalmente disfarçadas. Também aprendi a me implicar na sessão, a não ter pudores em achar aqui e ali, onde eu estava contratransferencialmente. E aprendi o valor de uma caixa de umbigos! Ah, aquela famosa caixa de umbigos do Zé Cândido.

Outro retrato especial seria o do grupo de Ferenczi, coordenado por Jane Kezem. Um grupo dos mais férteis, onde fomos todos, de certa forma, contaminados pela ousadia do autor estudado e também pela ousadia da Jane. Anos a fio estudando, discutindo, aprendendo e ousando. Penso que Jane é uma das analistas com funções plenas que mais incentiva os jovens analistas daquela casa. Incentiva-os a escrever, apresentar trabalhos, participar, enfim, a ser um analista pleno daquela instituição. Tenho por ela também extremo respeito e gratidão.

Aos poucos, ao longo desta escrita, vão surgindo mais e mais retratos, meu querido grupo de Psicossomática, com Admar Horn sempre tão generoso como coordenador, Sonia Bromberger e Miguel Calmon como parceiros. Percorremos um lindo caminho de formação juntos e agora seguimos caminhando e propagando tudo o que tivemos o privilégio de aprender. E, principalmente, seguimos curtindo a nossa longa amizade. Também meu grupo clínico com Sonia Eva e sua turma, um grupo mais recente, onde temos podido discutir teoria e clínica de forma aberta e segura.

São tantos os retratos que vou deixar muitos deles para os setenta anos.

Mas há um retrato que não quer calar. Nos últimos tempos, ao entrar naquele auditório, tenho uma visão tão interessante da Brasileira. Como o tempo passou. Como mudamos. Como temos conseguido, à custa de muito esforço, negociação e um tanto de sofrimento, nos adaptar aos novos tempos. Quantas discussões, diferentes pontos de vista que vêm sido acomodados aqui e ali, não sem dificuldades, mas com um enorme desejo de todos de fortalecer a nossa Instituição. As idealizações há muito caíram por terra, vez por outra vemos um lado menos nobre deste ou daquele colega. Mas nada que modifique radicalmente o que sentimos em relação àquele lugar.

Sentada de frente para a escada, vejo cada um de nós subindo aqueles degraus, chegando para mais uma jornada. Uma maioria trabalhou todo o dia e está visivelmente cansada. Muitos de nós agora com os cabelos brancos. Estamos todos mais velhos, alguns já subindo com dificuldade, ou mais devagar, não é mais possível subir aquela escada encaracolada de dois em dois degraus, ela nem mais existe, mas ainda assim subimos com um frescor juvenil. Muitas noites, dividimos as escadas com aquela garotada recém-chegada e que nos traz tanta coisa boa e interessante. Já faz tantos anos que fazemos este mesmo ritual, chegamos para as Assembleias, reuniões do Conselho Diretor, noites científicas, noites clínicas, o cinema do Gallego e, o mais incrível, sentimos sempre uma atitude de curiosidade e novidade no ar. O tempo vem passando, estamos muitos com mais de 75 anos. Alguns com mais de 80, e mesmo assim continuamos a nossa caminhada. Que espetáculo de profissão. Se a vida não nos pregar uma peça, trazendo doenças e limitações, podemos ficar cada vez melhores, mais prontos, mais curtidos, mais tolerantes. Vamos nos tornando melhores analistas ao longo de toda uma vida!

Agora, muitas vezes olho aquele auditório e, mesmo lotado, vejo cadeiras vazias, cadeiras que jamais serão ocupadas novamente. Nelas, sentaram-se pessoas tão especiais que a sua marca ficará para sempre naquele auditório, naquela instituição e em nossos corações. Onde estão a Celmy, o Zé Cândido e tantos outros? Estes lugares não serão mais ocupados, e sim lembrados e reverenciados. Vejo a nós todos como se estivéssemos numa grande caminhada em equipe, cada grupo sucedendo o grupo anterior, e percebo que cada vez mais vamos chegando perto da turma que carrega o bastão. Vamos também fazer a nossa parte, já a fazemos ocupando as muitas funções burocráticas e didáticas daquele lugar. Mas chega um momento em que é hora daquele grupo que carrega o bastão convencer àqueles que o seguem de quão linda é essa caminhada.

Parabéns, Brasileira! Parabéns, amigos de caminhada!

Recebido: 19/08/2019

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ

Rua David Campista, 80. Até onde esse endereço me levou...

Maria de Fátima Lobo Amin¹

Esse endereço conta e faz história. Infinitas vezes me destinei e me destino a ele.

Entrei para a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro há trinta e um anos, e nesse momento estou a caminho, indo para lá. Tempo tem duração. Esse percurso de 31 anos parece caber nesses 25 minutos, que é o que levo de minha casa até lá. Rememoro.

Acabo de decidir escrever para o número da TRIEB, que comemorará os 60 anos da Brasileira. Fui editora dessa revista, ela faz parte da minha história e eu faço parte da lista de editores que compuseram a sua história. Interferi em alguns números, escrevi alguns editoriais, junto aos editores que estiveram comigo durante esse tempo. Discutimos seu destino e para quem gostaríamos que ela se destinasse. Um destino sem Tirésias. Um destino sem predestinações. Apenas constituído pelo desejo de compartilhamento. Ser editor é ao mesmo tempo, uma linha direta com o autor que envia o texto a partir de um tema proposto, como também com o leitor, esperando que aquela leitura o inspire. O editor está colocado no centro desse diálogo. Vejo-me assim, colocada no centro de muitos diálogos, que são os intercruzamentos de fios de significação, resultante de tantos acontecimentos, tantas vivências, convivências, tanto aprendizado! Memórias significativas de todo esse tempo de compartilhamento societário. Também edito uma história. Mas essa, pessoal.

O tempo desliza fácil e me desloca, lúdico, para o início da formação, para a lembrança da minha trajetória como candidata: lembro-me do impacto que foi para mim começar a ler e estudar “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900) na formação psicanalítica. Era diferente, tinha sabor

de história. Começavam ali várias dimensões de apaixonamento, buscas de significações, um claro desejo de aprofundamento. A psicanálise me inspira desde há muito, e os amigos que fui conquistando ao longo desse percurso, também. O tempo, além de duração, também cria tessituras, recuos e ondulações, sua trajetória não é linear, por mais que nos possa parecer. O entrelaçamento de muitas motivações, de tantas realizações e da consciência de que “descobri, cedo naturalmente, que toda paixão leva à dor” (Freud, 1900) e que a dor é intrínseca a toda descoberta. Constitui as muitas perspectivas da história vivida, contada e retratada. Vários patamares de memória, algumas vivas, outras distantes. Umas, porque foram compartilhadas e são lembradas nas rodas dos amigos, no meio de muita cumplicidade, e outras, absolutamente inesquecíveis, que parecem compor o relicário onde guardamos a lembrança dos encontros mais queridos. Aqueles que me transformaram e fazem parte não só da pessoa que sou hoje, e principalmente, da analista, na qual me constituí, ao longo desses 31 anos de pertencimento. Tenho uma consciência muito clara, (porque é impossível passear por esses domínios sem me sentir muito grata), de que a minha trajetória na Brasileira, a minha vida institucional contribuiu e contribui de maneira efetiva para a minha vida como analista, para a profissional que sou.

“Não há na travessa achada, número de porta que me deram”... (Álvaro de Campos, *Lisbon Revisited*, 1926). Mas, com todas as chances que temos na vida de não encontrarmos o que buscamos, posso dizer que eu encontrei. Mas o que buscava? Deslizo mais uma vez no tempo, e encontro uma das principais matérias de que são feitas as nossas buscas: o sonho. Parafraseando Winnicott: encontro, justamente, o que estava ali, para ser encontrado. Na ciranda das ilusões e das decepções, das infinitas elaborações, no exercício de ser e sustentar ser, encontro um acontecer. Tecida numa trama complexa de várias temporalidades, imbricada entre o que sonho e a realidade de um tempo que nos abarca, extraída do exercício de uma escuta que descobre uma dinâmica transferencial, processada entre o silêncio e a palavra, inscrita no desejo, estava ali a possibilidade da prática clínica, a clínica psicanalítica, o meu sonho possível de ser psicanalista.

Do aprendizado com mestres e escolas que se enriquecem, num espaço plural de profícuas e profundas trocas, retiro o insumo necessário para alimentar um entusiasmo com que sempre posso contar, para me

comprometer e me vincular às funções e às atividades institucionais. E a Brasileira é pródiga em produzir e reproduzir a riqueza de uma psicanálise viva, que não abdica de estar no mundo ocupando espaços de reflexão, comprometida com a dor psíquica intrínseca a todo viver. Fazemos história, e por postura ética, preferimos participar da história.

Uma vez que os fóruns de debate se multiplicam num mundo que se apresenta e se reapresenta cada vez mais complexo em suas relações culturais, socioeconômicas e pessoais, a psicanálise segue sendo esse espaço de resistência, onde os vínculos protagonizam esse fazer ser humano. Dessa forma, somos convocados como psicanalistas a atualizar o sentido de uma civilidade que, em nenhuma instância está garantida. Muito pelo contrário, o recorrente embate entre Eros e Tânatus, além de nos manter suspensos na perplexidade diante de um desamparo desafiador, também nos lança na vida de ligações, compondo infinitas resoluções criativas, desde as narrativas individuais às construções coletivas, inventando um mundo de relações totalmente imprevisível, em sua desordenada busca por si mesmo.

Essa travessia civilizatória não passou despercebida a Freud, que comprometeu a teoria psicanalítica com todos os embates da cultura. Do desamparo absoluto ao narcisismo, da imagem corporal à construção da subjetividade, nascemos e somos lançados num caminho marcado pela incerteza das encruzilhadas identificatórias. Nesse caminho, não prescindimos de encontrar pela frente, o enigma que Édipo ultrapassou para entrar em Tebas, e viver o seu destino: “decifra-me ou devoro-te.”

O esvaziamento simbólico na composição das subjetividades dos indivíduos, de uma contemporaneidade considerada líquida na promoção de seus vínculos passageiros e superficiais, remete-nos, paradoxalmente, à necessidade de pensarmos o papel da psicanálise na cultura. A Brasileira, como instituição psicanalítica, não se isenta do seu compromisso ético com a produção e a transmissão do conhecimento. Diálogos com outras disciplinas e áreas do saber, interfaces importantes têm nos enriquecido bastante, no âmbito institucional. Psicanálise e literatura, psicanálise e filosofia, psicanálise e cinema... minha memória passeia por vários eventos que privilegiaram e apostaram na riqueza dessas composições. Sinto-me extremamente grata por fazer parte dessa construção.

Estou a caminho da Brasileira, porque vou assistir a um filme, com debate subsequente. “Psicanálise e cinema” é uma atividade que enche a

casa, e nos gratifica muito. É um filme de Woody Allen. Divago. Apesar de não ser esse o filme que vou ver, dentro de mim encontro a Cecília, a personagem central da “Rosa Púrpura do Cairo”, que rasgando e atravessando a tela do cinema, entra no filme e realiza o seu sonho de protagonizar aquele enredo, que já vira inúmeras vezes. Identifico-me com ela. Em algum momento da minha história com a psicanálise, devo ter sido Cecília, e como ela, rasguei a tela, atravessei o sonho, mudei alguma coisa do meu enredo pessoal, tornando-me psicanalista. E agora me dirijo a esse endereço que me faz protagonista dessa história.

Rua David Campista, nº 80. O carro para. Desembarco. Em que ponto mesmo da história?

Recebido: 30/08/2019

Maria de Fátima Lobo Amin
mflamin@gmail.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ.

Imperfeições

Maria do Carmo Andrade Palhares¹

Era um rosto marcado. No alto da testa, à esquerda, pulavam dois ossos como se tivessem crescido para além da pele. Como sempre o conheci assim, o rosto do meu avô não me parecia estranho. No entanto, para além do familiar, algo se disfarçava dentro de mim. Queria me aproximar mais daquele detalhe diferente que eu apenas via e tocava.

Quase todas as noites, depois do jantar, contávamos histórias. Nesses momentos, eu tinha o hábito de pentear os cabelos do meu avô. Diante daquele rosto, com o pente na mão, eu começava a recobrir, cuidadosamente, aquelas pequenas montanhas solidificadas em sua testa. Olhava fixamente o lugar onde elas se pronunciavam. Na medida em que o pente ia, devagarzinho, passando pela superfície dura e imóvel, histórias percorriam minha cabeça. Com medo de machucá-lo com minhas perguntas, durante muito tempo tudo o que eu queria era somente esconder aquelas duas calosidades que faziam do rosto do meu avô, um rosto com história. Pedia para ele ir dormir assim para não desmanchar aquela proteção feita de cabelo, pensando que talvez daquele jeito ele não sentisse dor ao dormir.

Será que doía? Um dia, perguntei:

– Dói, vovô?

– Doeu um dia, respondeu.

Fiquei olhando para ele e para aquelas marcas. Ele começou a me contar uma história que eu não podia imaginar. Achava que aquilo tinha nascido de dentro dele, era da pessoa dele, da sua fermentação humana. Não era. Vinha de fora, por causa da fermentação das ideias. Na verdade, havia algo de dentro: suas ideias. Chocaram-se com algo de fora; daí discordâncias, brigas, morte. Um irmão foi assassinado. Meu avô fala em vingança, prisão, surra, violência. Calei-me assustada. Temia por seu sofrimento. Seus olhos

voltaram a chorar, sua voz, a se exaltar. Senti, naquele momento, a fúria da vida. Ele tinha 60 anos. Fomos até ao fim da história, não recuamos. Não tive mais medo. Mas doeu, desta vez em mim; sabia agora das imperfeições, e não somente aquelas do rosto do meu avô. Mas aquelas existentes nas relações entre os homens.

Estava indo nessa narrativa, carregando o detalhe expressivo das imperfeições, quando me lembrei de outro rosto. O rosto dessa senhora que faz 60 anos, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. No seu rosto/retrato confluem as marcas desse tempo que escoram encontros e desencontros. Em retrospecto, percebo que seu retrato foi ganhando densidade na medida em que soube assimilar suas imperfeições. Sobretudo, insistindo em mudanças internas. Onde há encontro genuíno, existem múltiplas faces, múltiplos retratos que expressam pluralidade e diversidade. As imperfeições nascem da possibilidade desse convívio arejado pelas diferenças. Pensar a existência humana ao longo do tempo de uma instituição potencializa o destino da vida e sua marca incontornável: a transitoriedade. Este processo, magnífico em sua imprecisão, nos revela um retrato em constante transformação da SBPRJ. Freud, citando Charcot, nos confirma, ao dizer: “Não se deve dar importância ao fato de se deparar com contradições por toda a parte, desde que se tenha trabalhado sinceramente” (Paim Filho, 2019, p.89).

Vislumbro, nessa jornada, janelas abertas para as metamorfoses contemporâneas retratando uma eternidade viva da obra, da teoria, da clínica em Freud com suas dobras e desdobramentos com e para além das instituições.

Referência

Paim Filho, I. (2019). Inconfidências Metapsicológicas: Das Unheimliche. Porto Alegre: Sulina.

Recebido: 30/08/2019

Maria do Carmo Andrade Palhares
mcarmoandrade@gbl.com.br

1. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ

Clínica Pais-Bebê da SBPRJ: consultas terapêuticas

Maria Lúcia Moret de Carvalho¹

A evolução emocional da criança tem início no começo da sua vida. Se quisermos julgar a maneira como um ser humano trata com os seus semelhantes e ver como edifica a sua personalidade e vida, não nos poderemos dar ao luxo de deixar de fora o que sucede nos primeiros anos, meses, semanas e mesmo dias de sua vida.

D. W. Winnicott

A Clínica Pais-Bebê da SBPRJ

Havia tempo que eu pensava em escrever sobre a Clínica Pais-Bebê, especificamente sobre consultas terapêuticas. A edição em homenagem aos 60 anos da SBPRJ é uma boa ocasião para divulgar um tipo de atendimento que usualmente não é realizado por psicanalistas. Incentivada por colegas, farei um relato sobre minha participação na história dessa clínica na SBPRJ.

A clínica foi inaugurada em 1999, há vinte anos. Eliane Pessoa, tendo passado alguns anos na Bélgica, teve a oportunidade de estudar e trabalhar com psicanalistas que se interessavam por atendimentos com pais e bebês, em especial Bernard Golse, que havia trabalhado em Paris com Lebovici. A convite de Eliane, Golse veio à nossa Sociedade inúmeras vezes para dar supervisão e falar de seu trabalho com bebês na França. Foi assim que fomos conhecendo esse tipo de atendimento para ajudar os pais que apresentam dificuldades de se relacionar com seus bebês.

Um curso sobre as Psicoterapias Pais-Bebê foi então oferecido no Instituto da Sociedade, sob a coordenação de Eliane Pessoa, que utilizou

material audiovisual das consultas terapêuticas de Serge Lebovici e sua equipe. Em 2001, deu-se o encerramento do curso e, a partir daí, um grupo de psicanalistas oriundos desse curso foi convidado para realizar atendimentos em um hospital público com mães e bebês prematuros.

Em 2004, foi criado, na Clínica Social, o setor Clínica Pais-Bebê. Paralelamente, para dar vida e suporte a esse setor, iniciou-se um grupo de estudos sobre teoria e técnica das Psicoterapias Pais-Bebê, que proporcionava uma modalidade de atendimento pioneira, voltada para uma população específica, integrando a psicanálise com a comunidade. Também foram promovidas palestras abertas aos profissionais que trabalhavam com a primeira infância, dentro de uma perspectiva psicanalítica.

Teve início, em 2016, um curso para profissionais e estudantes das áreas de saúde e educação. O curso consistia em dois módulos: o primeiro, sobre os casos clínicos de Lebovici; o segundo, subdividido em sete módulos, contou com a participação de professores psicanalistas de outras instituições, que discutiram casos clínicos de Bertrand Cramer e Francisco-Espasa, Monique Bydlowski, Sylvain Missonier e Dilys Daws.

A organização do curso consistiu em grande trabalho da equipe, que durante muitos anos se reuniu semanalmente para aprofundar os estudos nessa modalidade de atendimento. Durante aquele período, houve intensa produção científica, diversos trabalhos foram apresentados em congressos de psicanálise, tanto nacionais quanto internacionais.

Em seu artigo “Consulta terapêutica conjunta”, Eliane Pessoa de Farias destaca:

Essa clínica não faz exatamente o perfil do psicanalista: pode ser breve e focal, é descontínua, não é individual, tem pacientes que não falam nem se deitam no divã. Além disso, é multidisciplinar e implica em flexibilidade e mudança no *setting* – consultório, domicílio, UTI, corredor de hospital. Mas parte de um referencial psicanalítico para compreender, por exemplo, a constituição do psiquismo do bebê, o papel das identificações projetivas e da conflitualidade dos pais sobre o bebê, a transmissão transgeracional. (Farias, 2008, p. 227)

Para Lebovici,

é importante observar o que se passa entre o bebê e seus pais e as diversas formas que a transmissão geracional influencia a constituição da vida psíquica desse bebê. Nela vamos ouvir os pais falarem do seu passado e do lugar do bebê na vida imaginária e fantasmática. (Lebovici, 1996, 1998, citado por Farias, 2008, p. 331.

A Clínica Social Pais-Bebê da SBPRJ tem como objetivo oferecer atendimento à população de pais e bebês de pouco poder aquisitivo e em dificuldades e/ou sofrimento. A secretária responsável por essa clínica foi orientada, tão logo recebesse uma solicitação para atendimentos conjuntos, a entrar em contato com um dos membros da Clínica Pais-Bebê para marcar uma consulta, pois um bebê que está em sofrimento, apresentando alteração no seu desenvolvimento, não pode esperar. Em geral, os atendimentos são realizados na sede da SBPRJ, em uma sala adaptada para esse fim, contendo brinquedos adequados e disponibilizados sobre um tapete com almofadas, onde o bebê possa ficar em segurança. Os atendimentos também ocorrem nos consultórios dos analistas.

Características e especificidades das consultas terapêuticas

Os atendimentos a pais e bebê são uma abordagem utilizada no tratamento dos distúrbios nas relações iniciais. Trata-se de um atendimento psicoterápico imediato, destinado a bebês de 0 a 3 anos. Serge Lebovici, um dos pioneiros nos atendimentos precoces, era considerado um bruxo que fazia os bebês dormirem. Quando a queixa principal dos pais se referia a um distúrbio do sono, após uma única consulta com Lebovici o bebê muito comumente dormia uma noite inteira. Ele acreditava que uma única consulta terapêutica poderia causar verdadeiras mudanças.

Alguns bebês apresentam transtornos que interferem no curso natural de seu desenvolvimento e requerem providências imediatas. Psicanalistas como Fraiberg, Lebovici, Golse, Cramer, Palazzo-Espasa, Stern e outros ampliaram os estudos nessa área clínica, salientando ser indispensável a presença dos bebês durante os atendimentos, para que os movimentos sintomáticos na relação pais-bebê possam ser observados e evidenciados.

Ao perceberem que alguns distúrbios de ordem física, tais como os alimentares, do sono, do controle dos esfíncteres e do desenvolvimento motor, assim como os emocionais, podem refletir a dificuldade na interação pais-bebê, os profissionais mudaram a maneira de lidar com os transtornos que acometem o bebê. Alguns desses distúrbios passaram a ser considerados como expressão do conflito da parentalidade. O bebê é invadido pelos conflitos dos pais e o vínculo entre eles fica prejudicado.

Fraiberg (1974), pioneira nas técnicas de terapia mãe-bebê, em seu artigo “Fantasmas no quarto de crianças”, destaca os “invasores transitórios” que surgem como uma sintomatologia do bebê. Esses fantasmas representam a “repetição do passado no presente”: são vivências afetivas dos pais que, quando não elaboradas, retornam, interferindo no desenvolvimento dos filhos. Se os laços amorosos e o vínculo entre pais e bebê estiverem bem fortalecidos, ambos poderão estabelecer novas maneiras de se relacionar.

Trata-se do mandato transgeracional, presente em todas as famílias. Ser pai e mãe implica aceitar que fomos filhos um dia e que herdamos não só aspectos físicos e biológicos, mas também o jeito de ser de várias gerações, com todas as suas implicações. Quando o mandato transgeracional impede que o bebê ocupe o seu lugar na família, ele se torna o depositário das fantasias inconscientes e das vivências de outras gerações, daí advindo esses tipos de sintomas. Os pais ficam angustiados diante de um sintoma persistente e costumam abordá-lo como sintomas físicos, recorrendo a exames, frequentemente invasivos, causando sofrimento e intensificando os sintomas.

Para Winnicott (1982), existe uma condição necessária, a “preocupação materna primária”, indispensável na relação mãe-bebê. A “identificação materna-paterna primária” permite que os pais se identifiquem com o bebê e possam atendê-lo em suas necessidades. Desde os últimos meses de gestação até os primeiros meses pós-nascimento, os pais, e principalmente a mãe, experimentam breve estado de regressão psíquica, em que evocam lembranças e vivências primitivas.

Segundo Lebovici (1993), o analista contribui para dar sentido ao comportamento da mãe em relação ao bebê. Ele acrescenta que, através de atividades lúdicas e interpretações, ocorre uma dramatização. O autor percebe os sintomas do bebê como “recordação de eventos históricos de uma transmissão transgeracional” (p. 11).

O analista procura ser o interlocutor de algo que não está sendo pensado, mas sim expressado no corpo ou no comportamento do bebê. Isso se dá porque o bebê, sem condição psíquica para absorver uma carga intensa de estímulos e sem o uso da palavra, utiliza o corpo como recurso para manter sua capacidade integradora. O atendimento procura reduzir a sintomatologia, buscando compreensão para as projeções das fantasias

parentais sobre o bebê que estão intervindo na tríade mãe-pai-filho. Assim, o desenvolvimento psíquico do bebê e dos pais poderá retomar seu curso natural.

Atendimento conjunto a um bebê de 15 meses

Meu interesse pelas consultas terapêuticas ocorreu a partir da minha participação como coordenadora no grupo de observação mãe-bebê da SBPRJ. Senti necessidade de ampliar meus estudos para entender as projeções parentais que são feitas sobre o bebê, muitas vezes paralisando o curso natural do seu desenvolvimento. Após meu ingresso no grupo de estudos coordenado por Eliane Pessoa, fui procurada por uma mãe que soube, através de um parente, de meu interesse por bebês e seus pais.

Em nosso primeiro contato telefônico, informo à mãe que a consulta terapêutica era realizada com a presença dos pais e do bebê. Na primeira entrevista, a mãe comparece sozinha com o bebê e diz que o marido não poderá comparecer às consultas, porque trabalhava em uma cidade distante do Rio de Janeiro, mas concordava com os atendimentos.

A queixa inicial dessa mãe era a preocupação com o relacionamento com o seu bebê. O filho de 15 meses não conseguia se separar dela, o que lhe causava angústia e irritabilidade, a ponto de bater na criança quando ela não lhe obedecia. A mãe oscilava entre atitudes hostis e gratificação imediata: após bater no bebê, costumava oferecer o seio como consolo. A mãe manifestava vontade de interromper a amamentação, mas encontrava dificuldades para fazê-lo, uma vez que o marido não a apoiava, deixando-a sozinha nessa decisão. A ausência do marido poderia estar ligada ao pai ausente? Será que era a essa interdição que ela se referia e da qual necessitava para se separar do filho?

Ela era uma mãe dedicada e zelosa. Comparecia com o filho às consultas pontualmente, e o bebê estava sempre bem vestido. Algo a impedia de ir além desses cuidados físicos, mas sabia da sua importância na vida do filho e da influência que exercia nos primeiros anos de seu desenvolvimento. Trazia consigo uma “preocupação materna”, desejando poder oferecer algo para o filho que ela achava não ter recebido da mãe, pois desde pequena não pôde contar com os seus cuidados.

A analista intuitivamente pergunta-lhe se apanhava quando criança. Com 10 anos, era obrigada a cuidar dos irmãos e da casa e, se não o fizesse, era punida pelo padrasto, que batia nela. Fala, emocionada, que era uma criança e queria brincar. O pai saiu de casa quando ela estava com cinco anos de idade e tinha dúvidas quanto a sua paternidade, referindo-se ao possível pai com indiferença. Essa situação do terceiro ausente se repetia na história com seu filho. Ela dizia: “Minha relação com o meu filho é grudada demais!”.

O bebê gostava de brincar na pia do consultório. A mãe ficava incomodada vendo-o brincar com a água, algumas vezes tentou impedi-lo, pois essa situação provavelmente remetia à raiva que ela deveria sentir quando, na infância, tinha vontade de brincar e era impedida. Ela tinha dificuldade de perceber o filho como uma criança. Sentia-se perturbada com a atividade do filho, que passava dos limites da sua tolerância.

Certa vez, o bebê estava febril e queria brincar com água. A mãe, olhando-o, explica que ele não podia se molhar porque estava “dodói”. Ele reage e tenta bater na mãe; ela o impede, segurando sua mão e falando com firmeza: “Você não pode bater na mamãe, você não pode brincar na água hoje, você está dodói”. Enquanto falava com o filho, a mãe buscava no olhar da analista autorização para exercer seu papel. Nesse momento, o bebê bate muito forte com o violão no chão e depois passa a mão sobre os cabelos da mãe, carinhosamente. Ele fica mais calmo, senta-se no tapete e inicia uma brincadeira, que permite a todos participar. Com os blocos de madeira, construímos um “castelo”. Parecia que mãe e filho estavam construindo uma nova relação.

Ao olhar a mãe, o bebê a consagra em sua função materna, e essa troca de olhares possibilita ao bebê constituir uma autoimagem e experimentar estados afetivos diferentes.

O analista procura ser o interlocutor de algo que não está sendo pensado, mas sim expressado no corpo ou no comportamento do bebê. Isso se dá porque o bebê, sem condição psíquica para absorver uma carga intensa de estímulos e sem o uso da palavra, utiliza o corpo como recurso para manter sua capacidade integradora.

Após algumas sessões, a mãe conseguiu finalizar o processo do desmame e, ao final dos atendimentos, o bebê frequentemente chegava dormindo no colo da mãe. Certa vez, ao entrarmos na sala, ele despertou, espreguiçou-se,

sorriu, levantou-se e dirigiu-se para a pia. A mãe disse-lhe: “Hoje não vai poder brincar com água”. Ele aceitou e procurou os blocos de madeira. Sentou-se no chão e iniciamos uma brincadeira. Essa brincadeira a três foi o nosso trabalho ao longo das 16 sessões.

Considerações finais

A terapia pais-bebê costuma ser breve, com duração média de uma a 16 consultas, em geral uma vez por semana, e pode ser realizada no ambiente hospitalar, nos corredores de um hospital. O foco incide sobre o vínculo dos pais com o bebê. As consultas terapêuticas possibilitam um encontro emocional entre a mãe, o pai e o bebê. Este tipo de intervenção precoce previne complicações no desenvolvimento emocional da criança e no futuro da relação com os pais. Alguns bebês apresentam labilidade extraordinária e, em poucas sessões, o sintoma pode diminuir ou desaparecer. Embora a psicanálise entenda que uma transformação psíquica não ocorre de forma imediata, nestas situações, tendo em vista que o transtorno está em sua fase nascente, ele pode ser dissolvido com relativa facilidade, desde que com a colaboração dos pais.

Referências

- Farias, E. P. (2008). “Momento sagrado” com o bebê e seus pais – Consulta terapêutica conjunta. In A. Melgaço, J. Outeiral & N. Armony (Orgs.), *Winnicott: seminários cariocas* (pp. 227-239). Rio de Janeiro: Revinter.
- Fraiberg, S. (1974). Ghosts in the nursery: a psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships. In S. Fraiberg & L. Fraiberg (Orgs.), *Assessment and therapy of disturbances in infancy* (pp. 164-196). Northvale, New Jersey: J. Aronson.
- Lebovici, S. (1993). Consulta terapêutica madre-lactante. *Psicoanálise*, 15(1): 125-142.
- Winnicott, D. W. (1982). O desmame. In W. D. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (6a ed., pp. 89-94). Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 26/08/2019

luciammoretc@gmail.com

1. Psicanalista. Membro associado da SBPRJ. Membro da Clínica Pais Bebê da ABPRJ.

Chega de saudade: retratos do futuro

Miguel Calmon du Pin e Almeida¹

Para Júlio de Melo Filho, Neilton Dias da Silva, Helena Besserman Viana e Carlos Augusto Niceas, meus analistas ao longo da vida.
Enquanto em maio de 1968 Paris era subvertida pelo “É proibido proibir”, minha casa era sacudida pelo fato de minha mãe ter começado sua análise de grupo com o dr. Paes Leme. Muitos dirão que exagero na comparação. Talvez, mas vocês não conhecem minha mãe. Desde então, sua presença era trazida à tona e marcava nossos jantares e conversas mais íntimas. A análise trazia ventos novos para a vida de minha mãe.

Sem dúvida, nascia ali meu amor pela psicanálise e pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, onde, segundo minha mãe, o dr. Paes Leme dizia que eu deveria fazer minha formação psicanalítica.

Mas, como em toda novela familiar, aos 15 anos eu já estava mergulhado no “clássico”, e não no “científico” e, para ser psicanalista, teria que ser médico. Isto significava ter que trocar meu segundo grau e deixar as já tão amadas filosofia, história, e outras humanidades para me aventurar na dureza da química, da física... era demais para mim.

Formei-me em psicologia e, em 1979, a “Brasileira” passou a aceitar psicólogos para formação psicanalítica.

Alguns dirão: “... pronto, aí Miguel foi viver com seus “pais” em Corinto. Ele ainda não sabe de nada”.

Sim, eu acho que sim, porque tudo se mistura e condensa.

Des milliers et des milliers d'années
Ne sauraient suffire
Pour dire
La petite seconde d'éternité
Où tu m'as embrassé

Où je t'ai embrassé
Un matin dans la lumière de l'hiver
Au parc Montsouris à Paris
A Paris
Sur la terre
La terre qui est un astre.
Jacques Prévert -

Milhões e milhões de anos
Não seriam suficientes
Para dizer
O pequeno segundo de eternidade
Quando você me abraçou
Quando eu te abracei
Uma manhã na luz do inverno
No parque Montsouris em Paris
Em Paris
Na terra
A terra que é um astro.

Desde que li este verso algo em mim se esclareceu e encontrou uma boa morada: “o pequeno segundo de eternidade”!

Então algo de fundamental ali se revela e instala e nos acompanhará pelo resto de nossas vidas sem que possamos exatamente esgotá-lo em um dizer? Estaremos então condenados a dizê-lo infinitamente sem jamais alcançar o acontecido? Dele, do acontecimento, sabemos apenas do lugar e das condições concretas em que aconteceu sem que jamais pudéssemos descrever exatamente o que se passou naquele pequeno segundo?

Que tempo é este para o qual não tenho tempo suficiente? Que tempo é este, a eternidade? Não é infinita, posto que infinito é o que tem começo mas não tem fim. Eterno significa o que sempre esteve aí, mesmo quando eu não sabia? Mas que experiência é esta que se inscreve sem começo nem fim?

E quando então este acontecimento, que não tenho tempo suficiente para dizer nem em milhões de anos, aconteceu? Em um instante, “o pequeno segundo de eternidade”? A que se refere o instante? Instante não descreve o agora. Descreve um ponto na sucessão de infinitos pontos no

espaço orientados simultaneamente para o passado e para o futuro. Na sucessão de pontos, destaco o lugar de um ponto, o instante. O tempo presente instaura simultaneamente duas direções opostas: passado e futuro. O instante é o ponto que não cessa de se inscrever onde passado e futuro se concentram. Portanto, reúne em si passado, presente e futuro.

Pequeno segundo de eternidade!!

Talvez aí, nesta expressão, se realize o que a psicanálise me deu. A compreensão e uma infinita paciência para um tempo que não cessa de passar e de não passar, paradoxalmente, e assim ver escapar o que julgava “para sempre” e encontrar coragem para recomeçar. Para sempre recomeçar.

Por isso, chega de saudade!

Se hoje ainda pudesse conversar com João Gilberto, talvez lhe dissesse: “João, foram tantas as vezes que cantei com você o desejo que ela voltasse. “Ah, se ela voltar, se ela voltar, que coisa linda, que coisa boa...”. Quem sabe se acompanhado por seu violão preciso, tocado com batida de tamborim, sua voz pequena e doce ela voltasse? “... E cada volta sua há de apagar o que esta sua ausência me causou?”. Perdoe-me se misturo as canções, mas há certos versos que, por serem versos, para serem versos, vêm carregados de exageros. João, já não somos mais os mesmos, nem ela, e com certeza nosso encontro não seria o tão sonhado de antes. Então, João, chega de saudade! Guarda a saudade no peito e bola pra frente. Ela, tal como sonhada por você, jamais poderá voltar. Mesmo que ela o queira. Você acha que se ela voltar a saudade acaba, João? A saudade se esgota nela, João? Ou será que você também sente saudade do futuro? Algo dela jamais deixará de continuar voltando, e você, tal como nós todos, insistentemente esperando. Aí, tudo muda, João. Chega de saudade.

Para todos nós há um tempo mágico, uma saudade, que jamais voltará, mas que permanece “documentando que alguém foi feliz”. “Lembra de mim”? Se não soubéssemos disso, por que gravaríamos nossos nomes nas paredes, nas árvores, com cadeados nas pontes?

Como nos ensinou Freud (em uma carta a Fliess):

Voce sabe que eu trabalho com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico teria surgido através de uma sobreposição de camadas, na medida que, de tempos em tempos, o material dos traços de memória existente experimenta uma reordenação seguindo novas relações, uma reescrita. O que há de essencialmente novo em minha teoria é a afirmação de que a estrutura na memória não seja simples, mas multívoca, foi sedimentando-se em diversas espécies de signos.²

A memória, tomada tal como Freud nos propõe, é um organismo vivo que, concretamente, se define através do seu poder de afetar e ser afetada. Escrita, transcrita e reescrita. Significa que nosso passado está constantemente sofrendo transformações que, por sua vez, modificam nosso futuro. Aí, tudo vive e muita coisa muda. Não nos satisfaremos mais em definir os acontecimentos por sua data e local, mas pelos afetos de que são capazes de promover.

Candidatei-me para formação na Brasileira em 1979. Descrever uma convivência de já 40 anos significa falar de uma experiência de amor e, hoje, 40 anos depois, quero falar dos 60 anos da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro não apenas através das minhas lembranças e daquelas dos que me antecederam, contemplando a dívida de gratidão, simbólica, que temos com nossos fundadores, mas também pelo futuro que ela nos abre e convoca.

Conhecer sua história, a história de cada um de nós, encaminha este retrato do futuro. Quero também saber o que faremos amanhã, SBPRJ, você não cessa de me provocar e de me deixar sem tempo suficiente para dizer sobre esse “pequeno segundo de eternidade” em que te abracei, abraço e abraçarei e por você fui, sou e serei abraçado.

Apenas lembrar o que um dia fomos nos amarra a uma nostalgia que nos constrange a teimosamente tentar corrigir a vida.

“E João, depois de tanto que cantei com você os “abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim”, depois que você deixou de apenas esperar que ela voltasse, você nos deu tanta coisa bonita. Muito obrigado, João. Bola pra frente. Um abraço do Miguel”.

Recebido: 29/07/2019

Miguel Calmon du Pin e Almeida
mcalmon.trp@terra.com.br

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ.

2. Citado por Byung-Chul Han, em *Agonia do Eros*, Editora Vozes (2012, p. 32).

Nasce um Intervalo

Monica Aguiar¹

“Não concordo com o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo.”

Voltaire

Era um almoço cheio de amigos nos idos de novembro, na casa da Fátima Amin. Aqueles que frequentam casa de descendente de libanês, sabe que aniversário é sempre motivo de mesa farta. Havia pratos típicos variados tais como homus, quibe frito, esfihinha de entrada e depois tabule, mjadra, kafta e ainda quibe crú. O único lugar que como quibe crú é na casa da minha amiga de berçário (embora tenhamos nascido em anos diferentes!). Tudo tão delicioso que era difícil abandonar o entorno da mesa. Num dado momento, satisfeita de delícias, me sentei junto ao casal Aloysio e Mariza.

Conversa vai, conversa vem, chegamos ao assunto do Boletim de Notícias. Aloysio defendia que todas as cartas da IPA deveriam ser publicadas na íntegra. Eu achava que era um desperdício, em 1998 a preocupação com papel ainda não havia chegado à SBPRJ. O calhamaço de páginas xerocadas de cartas que nos chegava, na minha opinião, encontrava um destino certo – o lixo. Somente poucos tinham a motivação suficiente para enfrentar aquele catatau de cartas mal copiadas, com péssima aparência. Discutia com Aloysio, alegando que as cartas na íntegra poderiam ficar na sede à disposição, num fichário e o boletim ter uma notícia editada, mais palatável que atraísse mais a atenção dos membros. Com toda sua calma, Aloysio me explicava que havia a questão da transparência para todos. Afinal, o assunto IPA era extremamente sensível naquela época. Os argumentos se sucediam: a confiança não iria ocorrer pela publicação que ninguém leria, salvo os mais envolvidos. Aloysio

retrucava, “Precisamos estimular os membros a lerem as cartas” e eu, “Mais fácil, lerem uma notícia mais resumida...” Mariza tentava intermediar, com seu jeitinho, vendo que estava difícil chegarmos a algum ponto comum. A festa acabou e, sinceramente, não lembro como deixamos a história, só sei que não brigamos, até porque era tudo só tese, sem nenhum efeito prático.

Chegaram as eleições e Aloysio se tornaria presidente, coisa que eu, particularmente, nem sabia no mês e meio que antecedeu as eleições. Tinha uma filhinha pequena de 3 anos que absorvia toda minha atenção e paixão das horas vagas. Talvez, naquele momento, eu mesma sentisse muita falta de notícias da sociedade, mas sem o tempo necessário para me ater a isso. Passaram-se as férias do início do ano de 1999, quando me surpreendi com um recado do Aloysio. Um convite para assumir o Boletim de Notícias! E carta branca para fazer o que eu achasse bom!!!! Aloysio podia discordar, mas respeitava e valorizava um argumento que julgasse proceder. Não sei se fiquei mais feliz com a confiança que me havia sido depositada ou com a perspectiva criativa! Eu tinha participado, junto à Therezinha Câmara Leão, de um jornalzinho, ainda feito a mão: cortado, colado e xerocado, que havia sido abandonado há anos. Com ela, havia dado os primeiros passos e visto o potencial de um veículo de comunicação dentro da Sociedade. Lembro de Therezinha com muito carinho. Já muito doente, numa de minhas visitas a ela, entregou-me sua cópia do livro “A vida do bebê” do Dr. Rinaldo de Lamare, como último presente que recebi com tanta emoção.

Comecei a pensar em um nome para o jornal, ou boletim. Pensava em notícias sucintas, que pudessem ser lidas em pouco tempo. Época de consultórios bem cheios e tempo bem escasso. Pensava também no jornal como algo que adentrava as casas ou consultórios das pessoas. Como um dedo a chegar, enganchar e engajar o membro na sua outra casa. A casa onde se formou e se fez psicanalista. Sempre foi minha preocupação que puxássemos de volta aqueles cujo barco fosse se afastando a perder de vista, no mar das nossas lembranças que vão se apagando no horizonte distante. A vida é exigente e os ventos, às vezes, são fortes com correntezas puxando em outras direções. E pensando nos dez minutos que teoricamente completam a hora analítica, é que chegaria à ideia do intervalo que pode se dar entre um paciente e outro, quando alguém se atrasa ou quando o colocamos ali. Esse pequeno espaço de tempo, que não permite a concentração necessária a uma leitura mais densa porque aguardamos alguém, poderia albergar uma

notícia da Sociedade, um breve encontro com colegas, ainda que dentro da gente. Daí para o nome, Intervalo Analítico foi apenas um pulo.

Numa época ainda sem *smartphone* e *internet* na ponta dos dedos, a ideia de jornal era o pensamento de uma conexão possível. O perfil de um relojinho faltando 10 minutos era o logo do periódico que Celyne ajudava a programar. O tempo passou, diversas gestões se sucederam e as colegas e amigas como Celmy, Wânia Cidade, e Sandra Gonzaga levaram a tarefa adiante, assumindo o jornal e fazendo muitos bons acréscimos. Somente na gestão do Bernard como presidente, que me chamou para o Departamento de Publicação e Divulgação, Arquivo e Biblioteca é que eu voltaria ao Intervalo auxiliada pela minha mana, Ana Sabrosa e por Lúcia Palazzo. Nesta rodada, mais uma vez querendo aproximar os colegas, foi criado o “Fazendo parte da nossa história”, uma coluna no IA, para apresentar e reapresentar os membros antigos aos novos ou aos afastados e vice versa. Depois dessa gestão, ainda tivemos Denise Salomão, Lúcia Palazzo, e agora Margaret Binder, que fizeram outras tantas criações, adequando o IA aos tempos de cada momento de suas gestões. Fico muito grata a todas as colegas que vem contribuindo ao IA, permitindo que se atualize e se enriqueça, e especialmente ao Aloysio, que generosamente permitiu este nascimento!

Este ano o Intervalo Analítico está completando 20 anos! Nunca imaginei que chegasse tão longe. Nada mal para um pequeno jornal nascido numa tarde ensolarada de novembro entre quibes e risos no meio de amigos queridos.

Recebido: 08/09/2019

Mônica Aguiar
monaguiar27@gmail.com

1. Psicanalista. Membro Associado da SBPRJ

Alguns instantâneos 59x19

Ney Marinho¹

*Aos jovens
... de ontem, hoje e amanhã*

I – Dedicatória

Recordo-me de ter ouvido repetidas vezes que a idade média dos membros de nossa associação internacional – IPA (International Psychoanalytical Association) – é de 60 anos! Sei também que iniciativas têm sido tomadas – criação de *grupos de reflexão* (“*think tanks*”, uma linguagem sofisticada cuja conotação bélica mostra a gravidade da situação) e outras, como as que visam atrair os jovens para a aventura psicanalítica –, todas merecedoras de nosso apoio, embora sua eficácia não possa ser determinada. Apesar dos esforços de Marx, Freud e outros grandes pensadores da cultura, os mistérios dos caminhos da História permanecem ocultos à nossa frágil e recente capacidade de pensar.

Essas reflexões buscam apenas esclarecer o porquê de dedicar aos jovens esta simples homenagem aos 60 anos de nossa Sociedade. Acredito que se conseguir transmitir às novas gerações que nos procuram o mesmo entusiasmo que recebemos dos fundadores da SBPRJ, evidentemente em outros termos, terei oferecido o que de melhor conheço para levar adiante a aventura pessoal psicanalítica que uma formação requer, assim como mostrar a outros leitores um pouco do que acredito ser o legado freudiano – *uma herança sem testamento* (Marinho, 2006).

Resta um ponto: *quem são os jovens?* Não me refiro aos novos postulantes e alunos, mas – sem ironia – aos menores de 60! Esclareço: tem chamado a minha atenção – assim como a de vários colegas com quem

converso – o profundo desconhecimento das condições, do cenário, em que nossa instituição foi concebida, criada e desenvolvida. Sei que estou generalizando e muitos colegas são profundos estudiosos de nossa história, mas isto não é a regra! Cabe aos mais velhos, desconfiada a presunção da idade, dar o seu depoimento que sempre – por mais faccioso que seja – tem o sabor do vivido, com suas queixas, ressentimentos, saudosismos, mas, espero, com uma forte emoção resgatada!

II – A véspera

A frase de Freud em “Inibição, sintoma e ansiedade”: “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante *caesura* do ato do nascimento nos faz crer” (S.E. XX, p.138), tem sido objeto de inúmeros questionamentos, destacando-se o de W. R. Bion, que dela extraiu o conceito de *caesura*, ou seja, daquilo que marca uma inflexão, uma continuidade e uma descontinuidade, como a pausa poética da sexta sílaba do verso alexandrino, como nos costumava lembrar Paulo Dias Correa.

A rigor, é impossível precisar quando nascemos, mais ainda quando fomos concebidos. Certamente, muito antes da *impressionante caesura*; quer em uma tórrida paixão de nossos ancestrais, ou em um discreto e prolongado namoro, ou ainda em um ato de coragem de um casal apaixonado contra todos os obstáculos como, segundo alguns, na Verona de Shakespeare, foi concebida nossa humanidade!

As sociedades de psicanálise do Rio de Janeiro nascem no pós-guerra. Esta é a sua marca de origem, assim como as demais brasileiras têm as suas. São Paulo: a Semana de Arte Moderna; a SPPA: a fronteira, Argentina e Uruguai. Esses são os três principais pontos de irradiação da Psicanálise em nosso país. Não pretendo remontar no tempo nem traçar algum retrato histórico da SBPRJ, pois, como Monet nos ensinou, a Catedral de Rouen são várias, segundo o ângulo, a luz e a perspectiva do pintor. Pretendo apenas trazer instantâneos. Toda foto tem seu cenário que, por mais estático que pareça, determina o contexto, o momento daquele registro. Nossa véspera foi o ano de 1958.

1958 marcou inúmeras vitórias para o Brasil, sobretudo, a conquista de nossa primeira Copa do Mundo, fazendo-nos superar o terrível trauma de 1950. A alegria que Barbosa, Augusto, o *Príncipe* Danilo, Zizinho (*Mestre Ziza*) e Ademir não conseguiram dar ao povo brasileiro, o anjo de pernas tortas – maravilhosa figura linguística de Nelson Rodrigues – Garrincha, ao lado de Pelé (um garoto menor de idade!), juntamente com nove outros gênios (Nilton Santos, Belini, Didi...) realizaram. Em suma, eles demonstraram que, como JK previra, *nós podemos vencer!* Eram os anos de João Gilberto; de Celso Furtado (assisti, em 1958, com meu pai, aos 15 anos, sua exposição no ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, apresentando o plano diretor da SUDENE, como uma redenção do Nordeste); Dilermando Reis dando aulas de violão ao Presidente; Mário Palmério como nosso embaixador no Paraguai (depois eleito para a Academia Brasileira de Letras), autor de inúmeras guarañas até hoje ouvidas; Oscar Niemayer construindo Brasília; Luiz Carlos Prestes saindo da clandestinidade e deixando o edifício *Liberté* (no posto 6) para circular livremente. Isto, após uma frustrada tentativa de golpe direitista por parte de oficiais da Aeronáutica (Jacareacanga) que são logo anistiados, da mesma forma que os políticos que tentaram impedir a posse de JK/Jango. JK, com sua peculiar habilidade política e compromisso democrático, conseguia superar a grave crise que resultou no suicídio de Getúlio (1954) e promover o desenvolvimento econômico dentro de ampla liberdade política. Tudo isto está bem documentado no clássico filme de Silvio Tendler (*Os Anos JK*) e na série televisiva de Gilberto Braga (*Os Anos Dourados*). Além do mais... o ano se encerrava com uma edição extraordinária do *Reporter Esso*, a *testemunha ocular da História*: a inesquecível voz de Heron Domingues anunciava que o Ditador Fulgencio Batista acabara de fugir de Havana para Miami e esperava-se a entrada de Camilo Cienfuegos na capital e nos próximos dias a chegada de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara!

Pronto! Tudo indicava que o mundo estava dando uma volta espetacular e finalmente a *Revolução* chegava à América Latina.

Mas, o que era a *Revolução*? Não sabíamos – refiro-me a uma pequena, mas muito atuante, parte de nossa juventude que começava a se organizar, principalmente, na UNE (União Nacional dos Estudantes) –, entretanto, a desejávamos ardentemente, como se deseja uma artista de cinema, contudo... a proximidade nos assustava. Não obstante, tínhamos a certeza de

que com ela acabaria a brutal desigualdade em nosso país, viria a Reforma Agrária, a redenção do Nordeste e o desenvolvimento continuaria! Cheios de certezas, mais que esperanças, assim uma parte de minha geração viu nascer o ano de 1959!

III – Sonho, pesadelo e realidade

Marialzira Perestrello nos conta que, desde 1945, um grupo de jovens psiquiatras, guiados por seus sonhos, foi para Buenos Aires em busca de formação analítica². O mesmo sonho acalentava outros, que aguardavam a vinda de analistas europeus – Mark Burke e Werner Kemper –, enviados pela IPA para iniciarem sua formação aqui, no Rio de Janeiro³. Alguns ainda foram para a Inglaterra no mesmo sentido. Do encontro desses grupos surgiu a SBPRJ, reconhecida pela IPA em julho e, oficialmente, fundada em 9 de dezembro de 1959.

O ano de 1959 deu prosseguimento ao mesmo clima de realizações e novas esperanças que o anterior. Nosso basquete masculino levanta seu primeiro campeonato mundial, em Santiago. Eder Jofre se torna campeão mundial dos pesos galo. Explode a bossa nova, com Tom Jobim, Vinícius, Nara Leão, Johnny Alf, uma gama de autores e intérpretes que lançam uma nova forma de cantar, que afirma mundialmente nossa música. Também no teatro, com o *Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, que, no ano seguinte, no cinema, nos dará a Palma de Ouro, em Cannes, se reafirmam as grandes possibilidades do Brasil encontrar sua linguagem e caminho próprios.

Entretanto, ao lado de todo esse entusiasmo, sempre pairou a sombra da Guerra Fria. Terminada a II Guerra Mundial, os dois blocos – comunista e capitalista –, liderados por União Soviética e Estados Unidos, mantêm uma permanente tensão que vai penetrar todas as atividades, quer políticas, culturais, econômicas ou sociais. O papel da Guerra Fria nunca me parece devidamente considerado na história das ideias do século XX e, a rigor, até nossos dias. Como pretendo desenvolver, foi um dos fatores do *insulamento* – isto é: isolamento do ambiente cultural, acadêmico, científico e social – por muitos anos da SBPRJ. O que não quer dizer que nossa Sociedade não fosse profundamente afetada pelo cenário em que se desenvolveu. Esta é uma invariante dos instantâneos que procurarei expor.

O inegável e estrondoso sucesso do governo JK pedia um desenvolvimento. A questão social se impunha ante tão rápido progresso econômico e cultural. Apesar da já mencionada habilidade política de JK, faltou-lhe a perspicácia quanto à importância de fazer um sucessor. Ao que tudo indica, estava certo de voltar ao poder em 1965, pelo voto democrático. Como sabemos, o desastroso governo Jânio Quadros, subitamente interrompido por sua renúncia, deu início ao tumulto político que desaguou no golpe militar de 1964. Vitor Hugo disse que o “exílio é uma longa insônia”. Podemos parafraseá-lo: “qualquer ditadura é um longo pesadelo”. Assim, nossa personagem principal, a SBPRJ, nascida na euforia dos anos dourados, teve sua infância e adolescência cercadas pelos anos sombrios que muitos de nós vivemos e sobrevivemos, não sem profundas marcas.

Importante lembrar que, na segunda parte dos anos 1950, o conservadorismo dos costumes era muito forte. A oposição ao divórcio era poderosa, principalmente por parte da igreja católica, da mesma forma que o sexo antes do casamento; a educação sexual e até mesmo o ensino da teoria da evolução das espécies encontravam resistências! O racismo era evidente, mas camuflado pela dominante hipocrisia social que não permitia que fosse objeto de discussão, assim como o voto do analfabeto, uma eterna proposta das esquerdas que era visto até por intelectuais, como os *bacharéis da UDN* (o mais sofisticado dos partidos conservadores) como “um desestímulo à educação”! Portanto, não era de se estranhar que a Psicanálise fosse recebida com curiosidade e, por boa parte de nossa intelectualidade, com muito interesse, mas, pelo *establishment* social, com a devida distância. Atitude semelhante ocorria no ambiente médico e, em particular, no psiquiátrico. Importantes tais registros para uma correta avaliação do que foi o sonho de nossos fundadores e sua ousadia de criar uma sociedade de psicanálise em nosso meio.

Como psicanalista, tenho dificuldade em separar radicalmente a realidade onírica e a objetiva, a ausência de uma empobrece a outra. A *Brasileira* sempre foi, ainda é, e espero que assim continue, um sonho para ser vivido. Penso que este é o sentido mais profundo da formação psicanalítica. Tenho a esperança de que tal afirmação não seja confundida com ideal-ização, pois estou tentando falar algo da ordem do *ser* e não do *conhecer*. Segundo este ponto de vista, isso seria verdade para qualquer sociedade psicanalítica – lacaniana, francesa, inglesa, argentina, uruguaia,

africana ou asiática – que pretenda formar analistas e pensar, abrigar, o pensamento psicanalítico. Sabemos que tal *hospitalidade* é impossível, mas trabalhamos preferencialmente na fronteira, na *caesura*, no domínio do impossível.

IV – O encontro

Reconheço ser quase impossível, para mim, falar sobre a SBPRJ sem o viés autobiográfico. Se tal viés traz inconveniências, por outro lado, o aspecto testemunhal do relato também lhe dá força, uma vez que ninguém pode dizer o que a Brasileira representou para uma geração senão seus pares. Podem ocorrer várias vozes, mas não uma única.

Meu encontro com a SBPRJ se deu em 1975, embora seus pródromos datem de 10 anos antes, quando a escolhi para ser a instituição para minha formação como psicanalista. Análise individual, na frequência de cinco vezes por semana, com analista didata da Sociedade, por um período de, pelo menos, 10 meses antes das entrevistas de seleção (no meu caso durou três anos) e que continuaria praticamente por toda a formação. Que forte atração exercia sobre minha geração uma instituição que oferecia tantos obstáculos para ser alcançada? Afinal, era uma formação cara, exigente e fortemente seletiva. Penso em várias hipóteses: em primeiro lugar, a fama de ser um centro de excelência clínica, ou seja, tanto os critérios de admissão quanto o processo de formação privilegiavam a experiência de análise pessoal. Atraía também a forte influência inglesa – kleiniana – e a esperança de desenvolver o estudo aprofundado da clínica psicanalítica até quem sabe, investigar as psicoses.

Como psiquiatra (lembremo-nos que somente médicos eram então admitidos), da mesma forma que diversos amigos que tinham o mesmo projeto, a insatisfação com os recursos terapêuticos da época e a grande curiosidade quanto a uma aproximação psicanalítica das psicoses e dos casos graves em geral era muito forte. O contraste entre os métodos primitivos – insulino-terapia, eletrochoque, injeções de leite (visando produzir febre e assim debelar quadros de agitação) – com a psicoterapia psicanalítica era evidente! Já trabalhava em ambulatórios e hospitais psiquiátricos, com supervisão de psicanalistas formados pela Brasileira e,

então, em uma comunidade terapêutica de orientação psicanalítica – Villa Pinheiros –, à qual dedicava grande parte de minha paixão profissional.

O movimento de comunidades terapêuticas que prosperou nos anos 1960 e 1970 merece um texto próprio. Para efeito de nossos instantâneos da SBPRJ, cabe registrar que um considerável número de membros da sociedade participou deste movimento. A mencionada Villa Pinheiros fora criada por Walderêdo Ismael de Oliveira, Henrique Novaes e José Maria Paes Leme, e nela trabalhavam desde jovens psiquiatras e então candidatos até experientes analistas, como Paes Leme, Paulo Marchon, Roberto Martins, Maria Luiza Pinto e José Candido Bastos. Todos tinham formação também como analistas de grupos terapêuticos e utilizavam a técnica de atendimento em grupo para casos de psicose. Uma formidável experiência que, infelizmente, dadas as condições econômicas e sociais da época, não perdurou o tempo necessário para avaliação, desenvolvimento e registro que merecia.

Curiosamente, tais atividades em comunidade terapêutica ou grupos terapêuticos não eram discutidas na SBPRJ. Para a instituição, seriam alheias à Psicanálise; quando muito, aplicações da psicanálise. Da mesma forma que a medicina psicossomática, a qual, por sinal, tinha no Brasil nomes de proa – como Danilo Perestrello, Abram Eksterman e Julio de Mello Filho – que, embora membros da SBPRJ (um deles fundador!), não levavam para a mesma sua rica experiência.

Um necessário esclarecimento: o que chamei há pouco de *insulamento* era uma política predominante em *todas* as sociedades de psicanálise filiadas à IPA. Política que, em linhas gerais, defendia o ponto de vista que, para a preservação da psicanálise das vicissitudes das mutantes condições políticas e sociais, suas instituições (Institutos e Sociedades) não deveriam se aproximar de atividades fora de seu estrito âmbito, mesmo as culturais ou universitárias que pudessem ser questionadas pelos governos locais. Embora tal política fosse universal, tinha coloridos locais – segundo as forças políticas em jogo – próprios da Guerra Fria e de um maior ou menor conservadorismo social. Este insulamento atingia, em algumas sociedades, qualquer atividade fora dos consultórios.

Apesar de todas as ressalvas, o encontro foi quase epifânico. Afinal, a SBPRJ representava uma ilha de conhecimento, aventuras, aprendizado, incomparável com o deserto cultural que a Ditadura, através do exílio de

nossas melhores mentes e da solerte proibição de qualquer arroubo criativo, nos condenava. Assim, durante muitos anos, a sociedade e o consultório nos ofereceram os oásis para o dia a dia medíocre e cruel que vivíamos. Evidentemente, continuávamos nossas atividades legais e clandestinas de luta política pela redemocratização e pela volta dos dias de alegria e liberdade... tão distantes. Medo e esperança eram as nossas companhias. O estudo e o trabalho, os antídotos contra uma ameaçadora deterioração, quer pelo conformismo, quer pela desesperança.

V – O impossível insulamento

A experiência com grupos nos ensina que os membros de um grupo não precisam estar geograficamente próximos, nem muros ou oceanos os separam. Deste modo, por maiores que fossem as medidas para manter as sociedades psicanalíticas afastadas da grande sociedade, elas se mostravam muito mais dependentes de seu meio do que os dirigentes imaginavam. Isto tenho procurado mostrar, através de breves descrições da época e do cenário durante parte desses 60 anos. Assim, nos anos 1970, se iniciou um rumoroso caso de que poucos tomaram conhecimento na época, exceto as direções das sociedades – SPRJ e SBPRJ – do Rio de Janeiro. Refiro-me à denúncia atribuída à colega Helena Vianna – então membro associado e professora do Instituto da SBPRJ – de que havia um candidato, na SPRJ, Amilcar Lobo, que fazia parte de uma equipe de tortura do exército, como médico militar. Esta denúncia foi publicada no jornal clandestino do Partido Comunista Brasileiro: *Voz Operária*. Um exemplar foi enviado para a psicanalista austríaca radicada na argentina Marie Langer, de grande prestígio científico internacional, então editora da revista *Cuestionamos*, publicada em Buenos Aires. Langer não só publicou o texto denúncia, como escreveu um artigo exigindo das entidades psicanalíticas internacionais e brasileiras a apuração do envolvimento daquele profissional nas torturas de presos políticos (Coelho, 2000).

Fazia parte desse impossível insulamento considerar um ataque à psicanálise qualquer crítica ou denúncia a seus membros ou instituições, quanto mais se tratando de uma denúncia tão grave partindo de uma psicanalista de um longo passado de atuação esquerdista – tanto no PCB

como nos movimentos pacifistas e feministas – como era Helena Vianna. Assim, a denúncia foi tomada como uma calúnia pela direção da SBPRJ, sem a devida investigação. Somente anos mais tarde, com a confissão do próprio Amilcar Lobo e o país já redemocratizado, pôde a SBPRJ realizar o doloroso processo de reconhecimento de seu erro e a publicação em jornal de uma declaração desculpando-se em relação à Helena Vianna, denunciando a prática de tortura e exigindo o esclarecimento da morte do deputado Rubens Paiva, mencionada nas confissões de Amilcar Lobo.

Este episódio mereceu um livro (Vianna, 1994) e vários trabalhos (Veríssimo, 2018) que apontam para a inescapável necessidade de um compromisso rigoroso e permanente com a busca da verdade como a melhor forma de preservarmos a integridade da psicanálise.

VI – A vanguarda. Nossos anos rebeldes

Não por acaso, dentro da instituição, juntamente com uma febril atividade científica, começava também uma crescente discussão entre os candidatos e, embora sem contato algum, também entre os membros (somente soubemos depois) quanto à necessidade de uma reestruturação das sociedades e de seus projetos de estudo e transmissão da psicanálise.

A atividade científica da Sociedade sempre foi intensa. A visita de psicanalistas estrangeiros era frequente, muito mais que a de brasileiros e da nossa vizinha SPRJ. Assim, tivemos a oportunidade de assistir, levar material clínico para seminários, e ter, mesmo com alguns, um contato mais íntimo em fins de semana ou longos jantares, como com o casal Garma, Rosenfeld, Meltzer, Betty Joseph, Stolorow, Schwaber, Bion, Brandschaft, Hans Thorner, André Green, Joyce McDougall, dentre muitos outros. Como se pode observar, eram personalidades representativas de várias correntes de pensamento psicanalítico. Tal tendência ao pluralismo sempre existiu, acentuando-se na medida da perda da hegemonia kleiniana com o surgimento de outras escolas⁴. O pensamento kleiniano se manteve forte com vários grupos de estudo (Mario Pacheco, Côrtes de Barros e Luiz Werneck; Zenaira Aranha e o de Yara Lansac), além da atividade individual de importantes representantes, como Lyra e Mara Salvini. Apesar de marcadas e, em geral, rígidas diferenças entre os grupos dentro da

instituição, os visitantes eram recebidos pelo conjunto da Sociedade. Isto foi uma semente que resultou em rica diversidade, o que não era norma no movimento psicanalítico.

Outras iniciativas davam também o tom vanguardista à SBPRJ, como: a introdução da observação da relação mãe-bebê no curso de formação; o tradicional estímulo à investigação psicanalítica das psicoses (que veio a ter grande desenvolvimento nos anos 1990), assim como a análise de crianças⁵; o apoio ao reconhecimento das análises concentradas (longa e difícil luta de nossos colegas paulistas, que receberam um efetivo apoio nosso); defesa de uma ampla difusão da psicanálise através da criação de núcleos; participação intensa no processo de modernização e democratização da IPA; culminando com uma radical reforma estatutária (1982), com a admissão de psicólogos, e o estabelecimento da categoria única de membros (antes havia: os didatas, os titulares e os associados), e os candidatos também passaram a membros provisórios, o que levou à forte reação por parte dos setores conservadores, tanto externos quanto internos. Foram *os nossos anos rebeldes* que provocaram uma desastrosa intervenção da IPA. Outros certamente podem falar melhor deste momento, o que nos interessa é apenas mostrar como o cenário mudou. Não por acaso, paralelamente às mudanças sociais que ocorriam com a deterioração do regime militar autoritário, o retorno dos exilados e a redemocratização do país, em 1985.

VII – Um olhar retrospectivo

Ao mexer em velhas fotografias, prefiro o termo *instantâneos*, que nos evoca o segredo da captação do momento e, por associação, os lambe-lambe das velhas praças com suas máquinas, de tripé e capuz, que emolduravam o mistério a ser revelado em poucos minutos; mexemos também com velhas emoções (será que as emoções envelhecem?) e, assim, resolvi abandonar a cronologia e dar um salto para um olhar retrospectivo. Afinal, o que a SBPRJ representou e... representa para a minha geração e para a cultura brasileira? E para o nosso povo – negro, pardo, mulato, mestiço, índio, desdentado, analfabeto – que desconhecíamos?

Nesse revolver de velhas gavetas, lembro que quando entramos na faculdade de medicina (1962) – a saudosa e demolida (pelo ódio do governo

militar que nunca perdoou nossa resistência desde os primeiros momentos da ditadura) FNM da Praia Vermelha – fazíamos parte apenas do 1% dos jovens que tinham acesso à universidade. Este número, ontem como hoje, me pareceu tão extravagante que tive que consultar velhos contemporâneos para confirmá-lo, embora recordasse do *Auto dos 99%*, escrito por Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa e uma grande equipe, representado pelo Centro Popular de Cultura da UNE que denunciava tal situação. Por incrível que pareça, estatísticas daquela época ainda são de difícil acesso ou inexistentes. Contudo, para corroborar o extravagante número, temos outro: 57% da população brasileira era analfabeta em 1960! O que a impedia de votar, mas não de prestar serviço militar, ir para a guerra e... pagar impostos! Como então seria possível que em um país tão longe geograficamente, no fim do mundo (como diz o Papa Francisco sobre sua Argentina) e com uma cultura tão defasada fosse criada uma sociedade científica de ponta para a mais ousada pesquisa sobre a mente humana até hoje formulada: a psicanálise? Não tenho respostas, mas associações.

O grande escritor cubano, de origem francesa, Alejo Carpentier escreveu dois romances que descrevem algo parecido: *O Século das Luzes* e *O Reino deste Mundo*. O primeiro fala sobre um grupo de jovens em Cuba, no século XIX, sonhando com os ideais da Revolução Francesa, e o outro, sobre o primeiro movimento negro para criar um país – o Haiti – a partir da mesma Revolução, que pregava a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Minha conjectura é que a verdade, mesmo que não tenhamos critérios para alcançá-la, tem uma força que penetra diversas culturas e latitudes. Talvez, isto seja um fator da “Linguagem de Êxito” de que John Keats e Bion nos falam. Daí também o equívoco de Goebbels, que dizia que a mentira devia ser repetida até tornar-se verdade (não é literal minha citação). O erro epistemológico dos nazistas é que a mentira *precisa* ser repetida, enquanto a verdade não. É natural que surja a pergunta: o que tudo isto tem a ver com um retrato, mesmo instantâneo, da SBPRJ? Acho que tem tudo a ver, pois, com todos os seus erros, acertos e desvios, a SBPRJ se mantém pelo sonho de seus fundadores e das gerações que o levaram adiante e que, a meu ver, tem algo de muito verdadeiro. A Revolução Freudiana nos leva a repensar velhos tabus de nossa cultura e a ouvir, respeitar e pensar a verdade de muitas outras. Afinal, para a Psicanálise, o homem é universal em seu sofrimento, sua criatividade e ignomínia, sua arte e destrutividade, sua

capacidade de amar e odiar. De fato, esta proposta nos leva inevitavelmente às suas origens iluministas: a Psicanálise supõe universalidade e pede o lema de igualdade, liberdade e fraternidade para o seu pleno exercício.

Ainda há pouco falei sobre o vanguardismo que marcou a trajetória da SBPRJ, pelo qual pagou também seu preço. No processo de abertura para a sociedade mais ampla, muitas das iniciativas que de início encontraram resistências, estão sendo reconhecidas até por meio de premiações, como foi o caso no último Congresso Internacional (Londres, 2019): dos projetos Escutar e Pensar (inaugurado por Sonia Eva Tucherman) e o Travessia (por Teresa Rocha e Teresa Lopes). Foi pioneira também em estabelecer um curso permanente de estudo da psicanálise de idosos, por iniciativa de Miriam Fainguelernt e Maria Cristina Amendoeira, que veio a ter seus trabalhos premiados.⁶ Dentre todas as inúmeras iniciativas pioneiras da SBPRJ, ressalto o Projeto de Intercâmbio com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Por um lado, herdeiro dos Congressos Luso-Brasileiros iniciados na gestão na FEBRAPSI de Carlos Gary, com o apoio de Eliana Melo e Pedro Gomes, por outro, teve a peculiaridade de inaugurar amplo intercâmbio com *todos* os países da CPLP, em esforço formidável de uma equipe entusiasta que, a convite de Pedro Gomes, tive o enorme prazer de coordenar, e que congregou, em 2009, representantes de todos os oito países de nossa Comunidade. A importância desta iniciativa é de difícil avaliação. A leitura dos dois históricos números da *Trieb* – “Português: língua e existências” (2010); “O mar como fronteira, a língua como ponte” (2017) –, sem dúvida, pode dar a dimensão do empreendimento. Contudo, acredito que somente a ida a um desses congressos – agora patrocinados pela FEBRAPSI, desde o ousado convite de Aloysio d’Abreu, quando presidente – permitirá aos nossos jovens companheiros de aventura psicanalítica viver o significado do entusiasmo que tenho procurado transmitir neste texto e que herdamos de nossos fundadores. Difícil agora imaginar um congresso sem estudantes negros, com seus cabelos coreográficos, seus panos da costa ou capulanas, falando, participando, transmitindo sua experiência e curiosidade.

Este intercâmbio estreitou também nossas relações com Portugal que eram muito distantes. Neste contexto a SBPRJ, graças a gestão de Wania Cidade⁷, desenvolveu um amplo apoio ao movimento negro e a denúncia e investigação cultural do racismo, sob o ponto de vista psicanalítico. Tal tema

não frequentava nossos congressos, assim como o das migrações internas (nordeste/sul).

VIII – A SBPRJ hoje e amanhã ou “de que amanhã se trata?”

Este texto começou com os dias de alegria e esperança, os anos dourados, os anos JK. E termina com um presente sombrio, cheio de temores e ameaças. Desagradável, embora necessário, mencionar algumas: os fundamentalismos, agora acrescidos do evangélico, que nos atingiu em particular; discursos belicistas e nacionalistas; políticas anti-imigrações, excludentes e cruéis; desmonte e enfraquecimento de organismos internacionais e da Comunidade Europeia, Brexit, assim como ataques à cultura, ao meio ambiente, aos direitos humanos, à tolerância e à diversidade e, talvez, o pior: tentativa de legitimação pelo voto de regimes de extrema direita, muitas vezes com o apoio de uma mídia poderosa e irresponsável. Uns localizam o olho deste furacão na eleição de Trump, outros em fatores econômicos que remontam às políticas de Reagan e Thatcher, ainda outros ao *Ódio à Democracia* (Rancière, 2014), ou a um latente e antigo movimento anti-iluminista (Nancy, 2017). Certamente, não há um único fator determinante, mas uma gama de fatores, o que configura uma crise civilizacional. Desde os anos 1980 vem um *amigo da SBPRJ* – o filósofo Sergio Paulo Rouanet – alertando-nos em relação ao crescente irracionalismo em nossa cultura ocidental.

O que se convencionou chamar “a crise da psicanálise” – diminuição da procura para tratamento e para formação psicanalítica –, que atingiu seu auge nos anos 1990, seria sintoma desta verdadeira *invasão bárbara*, anti-iluminista. Crise que atingiu também a psiquiatria clássica, a qual foi substituída pela prática farmacológica destituída de reflexão humanista. Como agravante, os bárbaros não se encontram fora das fronteiras da língua grega ou do Império Romano, como na Antiguidade, mas dentro de nós (Roudinesco, 2008). Julgo que o mais grave é o fato que – independente de manipulações eleitorais que ocorreram: Trump eleito com menos uns quatro milhões de votos que sua oponente e, aqui, o principal opositor que chegou a ter 40% das intenções de voto (Lula) preso⁸ – os eleitos o foram com *milhões de votos*, apesar do discurso de ódio, inclusive contra os interesses

desses mesmos eleitores! Este, a meu ver, é o principal desafio para os psicanalistas. O mesmo levantado por Otto Fenichel e outros pioneiros nos encontros com a Escola de Frankfurt nos anos 1920 e 1930! (Rouanet, 1983)

Em suma: os desafios são enormes. Contudo, a SBPRJ, da mesma forma que o movimento psicanalítico em geral, se encontra em condições muito melhores que no passado para enfrentar tais questionamentos. A volta para a caverna é impossível!

Outro aspecto dramático de tal situação reside no fato que, embora o mundo, a cultura ocidental, em particular, e o homem como espécie, necessitem mais do que nunca de uma ciência ou uma atividade que os ajude a pensar, a psicanálise não parece ter sido a opção preferencial. A religião tem ocupado esse papel, como a farmacologia ocupou no caso da loucura, ou as drogas em todas as difíceis situações que a vida moderna nos coloca. Por sinal, um ponto que não mencionamos nos nossos instantâneos, certamente por estar oculto ao olhar sensorial é o da subutilização da psicanálise e dos psicanalistas em nossas políticas de saúde. Tal exclusão tem uma longa história que faz parte do caráter perverso de nossa assistência médica e psicológica: temos profissionais muito qualificados, com uma longa e exigente formação, ao mesmo tempo que subempregados e/ou com suas aptidões restritas a uma pequena camada social das grandes cidades.

Minha câmera não alcança o futuro. Assim, termino com Victor Hugo, citado por Roudinesco em seu diálogo com Jacques Derrida (2004):

“Tudo hoje em dia, nas ideias como nas coisas, na sociedade como no indivíduo, encontra-se em estado de crepúsculo. De que natureza é esse crepúsculo, o que virá depois?

Espectro sempre mascarado que nos segue lado a lado.

E que se chama amanhã!

Oh! Amanhã é o grande momento!

De que amanhã se trata?”

Referências

- Coelho, M. A. T. (2000). *Herança de um sonho, as memórias de um comunista*. Rio de Janeiro: Record.
- Dulles, J. W. F. (1977). *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Derrida, J. (2004). *De que amanhã... Derrida e Roudinesco, Diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e ansiedade. *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. S.E. London.: The Hogarth Press, 1971.
- Marinho, N. (2006). *O legado freudiano: uma herança sem testamento*. Rio de Janeiro: Mimeo, SBPRJ.
- Nancy, J.-L. (2017). *Banalidade de Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Perestrello, M. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rancière, J. (2014). *O ódio à Democracia*. São Paulo: Boitempo.
- Rouanet, S. P. (1983). *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Veríssimo, L. (2018). É tempo agora de vozes entre vozes apoiadas. *Calibán*, 16(2): 14-31.
- Vianna, H. B. (1994). *Não conte a ninguém...* Rio de Janeiro: Imago.

Recebido: 30/08/2019

Ney Marinho
neymarinho@globo.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto
2. Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderêdo Ismael de Oliveira.
3. Do "grupo de Burke" faziam parte: Luiz Werneck, Côrtes de Barros, Mario Pacheco, Pedro Ferreira e José Mariz. Havia também o "grupo dos ingleses" – Henrique Mendes, Manoel Tomas Moreira Lyra, Edgar de Almeida, Décio de Souza e Domício Arruda Camara. Duas futuras fundadoras pertenceram, inicialmente, ao "grupo de Kemper": Inaura Carneiro Leão e Zenaira Aranha (mais tarde se reanalisou com Lyra). Dados mais precisos e as vicissitudes deste movimento podem ser encontrados no livro de Marialzira Perestrello sobre a história da fundação da SBPRJ (Perestrello, 1987).
4. Inicialmente, a Psicologia do Self, através de Inaura Carneiro Leão, uma importante liderança no movimento psicanalítico nacional e internacional, e Paulo Roberto Sauberman. Mais tarde, a corrente freudiana, representada nos primórdios por Danilo Perestrello, sucedido por Abram Eksterman, foi reforçada com a vinda de Oscar Carrera da Argentina. As ideias de Winnicott foram muito bem acolhidas (Carlos Doin e Julio de Mello, acredito terem sido os primeiros a divulgá-las, além de Inaura e Maria de Lourdes O'Donnell). Bion foi introduzido por Bahia e recebeu o forte apoio de Jayme Salomão, Paulo Dias Correa, Waldemar Zusman e Rosa Beatriz Pontes de Miranda. Em torno desta última se organizou um grupo de estudos que durou mais de trinta anos e, atualmente, continua no curso permanente sobre a obra de W. R. Bion. Os franceses foram os últimos a chegar com a vinda de Fernando Rocha e a adesão de Helena Vianna, originalmente, de filiação kleiniana. Havia um estímulo ao estudo dos pioneiros (Ferenczi, Abraham, Fenichel), mas somente mais tarde tornaram-se objeto de cursos. Lacan não era estudado, neste período.
5. A análise de psicóticos, assim como a de crianças, não eram universalmente admitidas no movimento psicanalítico. Dada a origem fortemente kleiniana da SBPRJ, tais práticas sempre foram estimuladas. Chegamos a ter durante 10 anos um curso, em quatro semestres, de

Investigação Psicanalítica das Psicoses, que congregava em torno de 12 professores, de diversas correntes, que se dedicavam ao estudo e tratamento de pacientes psicóticos.

6. Uma esclarecedora curiosidade: quando de nossa entrada em formação (década de 70) havia o limite máximo de idade, se não me engano, 50 anos.

7. No movimento psicanalítico tivemos importantes lideranças afrodescendentes como Virginia Bicudo e Maria Manhães. Contudo, a presidência de uma negra e militante do movimento negro, Wania Cidade, deu uma dimensão expressiva à nossa participação. Sempre chamou a nossa atenção a ausência de debates sobre o tema também nos congressos internacionais, por exemplo: o da IPA em Chicago (cidade com grande população negra; residência eleitoral de Obama) e os da FEPAL (grande o contraste entre os índios nas ruas de Lima, por exemplo, e sua ausência no interior do Congresso).

8. A exclusão de representantes das classes trabalhadoras nos momentos importantes de nossa história faz parte de nossa herança escravagista, excludente. Isto pode ser visto num relato *isento* do historiador John W. Foster Dulles (1977).

SBPRJ – 60 anos: algumas lembranças

Roberto Bittencourt Martins¹

O convite para participarmos todos nós, desta publicação relativa à comemoração do aniversário de nossa Sociedade se inicia com os versos de Cecília Meireles sobre a percepção da passagem do tempo em nossas vidas: “Eu não tinha essas mãos sem forças, tão paradas... Eu não dei por esta mudança...”.

É verdade. O tempo passou, foi andando, talvez depressa demais, no correr desses sessenta anos. Mas posso reunir aos versos de Cecília aqueles de um outro poeta, o espanhol Antonio Machado, no poema que tem duas estrofes famosas, mas que não custa lembrar por inteiro:

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en le mar.
(Machado, A., 1913).

Diferente do que em nosso portunhol poderíamos imaginar, o significado de *estelas* é o de sulcos de espuma deixados pelos barcos em sua navegação pelo mar. E são esses rastos – bastante pessoais – que pretendo recordar nesse adendo à comemoração de aniversário de nossa Sociedade, voltando as vistas para seus primeiros tempos, época de minha formação. Há dez anos,

em seu cinquentenário, busquei rememorar suas origens em “Os quatorze fundadores”, tendo a satisfação de contar entre os presentes com a Dra. Marialzira Perestrello, sua maior historiadora e, na ocasião, única sobrevivente daqueles que a fizeram nascer. Dez anos antes, atendendo à solicitação do diretor do Conselho Científico, deixamos, Paulo Marchon e eu, nossos respectivos depoimentos sobre nossas gestões para a Mesa Redonda que comemoraria os 40 anos da Sociedade em 1999.

Eu não estava nela quando o Grupo de Estudos foi aprovado como sociedade componente da API no Congresso de Copenhague, em 28 de julho de 1959, nem também em 9 de dezembro do mesmo ano, quando ela foi fundada e teve sua primeira Assembleia Geral (Perestrello, M., 1987). Nela ingressei em 1961, na segunda leva de candidatos. Éramos 14 naquele primeiro ano, uma turma bastante heterogênea quanto à idade e à experiência: alguns psiquiatras com vários anos de prática no Serviço Nacional de Doenças Mentais ou noutras instituições (como Geraldo Jucá, Sylvio Menezes, Mara Salvini de Souza, Rosa Beatriz Pontes de Miranda, Eduardo Vetter, Anália Telles Nobre, Dirceu Quintanilha, Paulo Dias Corrêa, Paschoal Baldi e Wanda Leme Pereira), e outros bem mais jovens (como Otávio Mora Couto e Silva, Carlos Fernando Almeida, José Carlos Carpilovsky e eu). Os regulamentos de então permitiam o ingresso na formação de estudantes de medicina das últimas séries; eu cursava o quinto ano da Faculdade Nacional, fazia o internato no Instituto de Psiquiatria e morava em seu Pavilhão Maurício de Medeiros, conhecido como “o PM”, local de residência de seus alunos estagiários – aliás, como Carpilovsky que, recém-formado em Porto Alegre, seguia sua especialização no IPUB.

O clima daquela “república”, animado pelo entusiasmo e a curiosidade próprias da juventude, mantinha um interesse natural pela prática psiquiátrica e por suas teorias psicológicas, desde aquelas ditas “clássicas” (Jaspers, Kraepelin, Kurt Schneider) até aquelas então mais atuais e inovadoras, como as expostas nos livros de Noyes, Arietti e Mayer-Gross. O mesmo interesse se voltava também para os processos terapêuticos modernizadores, como a arte-terapia e os progressos trazidos pela descoberta de psicotrópicos mais eficazes. Alguns jovens privilegiavam a reflexologia, sobretudo por um viés político; a maioria, porém, era atraída pela psicanálise, cujas compreensões revolucionavam a assistência psiquiátrica e a própria cultura, sendo bem vindas na cátedra

abrangeiramente atualizada do professor Leme Lopes. Era este meu caso, por todos os motivos, e entrei, assim, aos 24 anos, para a Sociedade, através de seu Instituto de formação; são, portanto, muitos e muitos anos de pertencimento e lembranças.

Na época, existiam duas instituições psicanalíticas no Rio de Janeiro reconhecidas pela API, muito prestigiadas, entre outros motivos, por integrarem a instituição psicanalítica mundial criada por Freud. Eram conhecidas corriqueiramente pelos nomes de seus líderes: a “Sociedade do Kemper” e a “Sociedade do Décio”, e havia entre elas uma certa rivalidade – apesar dos laços de amizade e até parentesco que uniam muitos de seus membros. Nossos seminários eram noturnos, duas vezes por semana, na sede, um sobrado alugado em Botafogo, na rua 19 de Fevereiro, quase junto à São Clemente, e que ainda hoje está de pé. Não lembro seu número, mas sua disposição era semelhante à de nosso prédio atual antes de suas duas reformas. Ali tínhamos nossos seminários coordenados por Décio (Técnica Psicanalítica e Análise de Crianças), Walderedo (Teoria Psicanalítica e Estudo Clínico das Neuroses), Danilo Perestrello (Obra de Freud), Marialzira Perestrello (Desenvolvimento Emocional da Criança e Perversões e Personalidades Psicopáticas – este em conjunto com Walderedo), Bahia (Estrutura Psíquica e Desenvolvimento do Pensamento Psicanalítico), Edgard de Almeida (Interpretação dos Sonhos).

Às vezes, o seminário ocorria na casa de seu coordenador e posso lembrar algumas situações singulares, como um deles, coordenado por Danilo Perestrello em seu apartamento na Glória, em que uma de nossas colegas foi alvo de várias brincadeiras pois, sendo declamadora – atividade artística muito prestigiada então –, compareceu ao seminário vestida em trajes de gala, vinda de um espetáculo em que acabara de atuar. Excelente anfitriã, neutralizou, porém, pouco depois qualquer ânimo de zombaria, oferecendo em seu aniversário um conjunto de quitutes de sua terra natal, que muitos de nós – eu, inclusive – desconhecíamos totalmente. O ambiente entre nós, alunos, era de amistosa cordialidade. Os trabalhos clínicos apresentados pelos membros da Sociedade – não muitos, creio – não podiam ser frequentados pelos candidatos. Mas recebíamos a visita de analistas como Paula Heimann e Michel Balint, entre outros.

Os seminários clínicos se iniciavam no terceiro ano, quando estudávamos também Medicina Psicossomática e Desenvolvimento da

Psicanálise nas Américas (com Danilo Perestrello), Posição do Analista na Sociedade Atual (com Bahia), Psicanálise e Cultura: Antropologia, Estética e Política (com Walderedo), Clínica das Psicoses e Contribuição de Melanie Klein (com Décio) e Terminação da Análise. Creio que esse estudo (voltado para Fenichel, Theodor Reik, Otto Rank, Alexander, Abraham, Marie Bonaparte, entre tantos pioneiros) era bastante amplo, refletindo bem as questões da psicanálise na época. E as vertentes teóricas na Sociedade poderiam ser identificadas como freudiana, kleiniana e, em maioria, o chamado “middle-group”, embora fosse atribuída externamente à SBPRJ uma grande identidade com as ideias de Klein. Winnicott ainda não era bem conhecido (pelo menos, por muitos de nós) e recordo a reação de estranhamento quando Décio nos apresentou as ideias de seu artigo sobre o ódio na contratransferência. E, em minha memória, a influência de Bion naqueles primeiros anos estava mais restrita à sua obra relativa às experiências com grupos. Aliás, devo assinalar, nessas lembranças minha admiração pela clareza didática de alguns professores, como Décio e Bahia.

Também julgo imprescindível apontar que na vida societária coexistiam duas tendências políticas bem nítidas: pró e contra o golpe (para alguns, revolução) de 1964 – esta, a “esquerda”, ao que me parece, majoritária. Suas divergências não impediam o convívio, tendo em vista a causa maior da psicanálise e de sua instituição, muito embora tenham posteriormente se aguçado e criado situações bastante graves na segunda metade dos anos 70. Havia também outro polo de divisão entre os membros e os alunos da Sociedade: a Psicoterapia Analítica de Grupo. Para alguns, inteiramente equivocada; para outros, como eu e vários amigos, fascinante campo de pesquisa do inconsciente, que atendia às ideias de Freud para estender a um maior número de pessoas os benefícios da psicanálise. Introduzida no Brasil por Bahia, que a exercia no Serviço Nacional de Doenças Mentais, tinha em Walderedo seu grande incentivador no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Nela nos guiavam, além dos supostos básicos bionianos, as ideias de Foulkes e, principalmente, do trio argentino, Grinberg, Langer e Rodrigué, autores de um livro básico para a compreensão psicanalítica da dinâmica grupal.

A Clínica Social da Sociedade funcionava a contento, tendo inúmeros inscritos jovens e, entre esses analisandos, muitos estudantes de psicologia e medicina – alguns dos quais vieram posteriormente a enriquecer os quadros

da Sociedade. Se não me falha a memória, nossos dois Casos Oficiais tinham a duração de dois anos e um ano e meio. Os honorários que recebíamos por seus tratamentos eram transferidos à nossa Instituição. Os Relatórios, em mesmo número, mas bem mais resumidos do que os atuais, eram examinados por três didatas, sendo que o candidato não participava dessa avaliação. Seu resultado era também sucinto: aprovado ou reprovado. Neste último caso – raro durante minha formação – um dos examinadores se reunia com o candidato para discutir os motivos de sua não aprovação.

A formação durava em geral cinco ou seis anos; em meu caso, contudo, ela teve maior duração – provavelmente devido à necessária maturação de quem entrara tão jovem e pouco experiente no Instituto. Entre outras vantagens, contudo, esse tempo mais longo tornou possível a convivência e o aprendizado com um número maior de colegas e professores. Tive como supervisores Drs. Lyra, Bahia e Côrtes de Barros. E minha formação teve seus pontos altos e baixos; em determinado momento, cheguei a pensar se não deveria desistir dela e dedicar-me ao exercício de uma psiquiatra de qualidade que soubesse reunir o uso de medicamentos com alguma psicoterapia. Felizmente, esta ideia não prosperou e, em julho de 1969, fomos, meus caros amigos José Barbosa Vasco, Paulo Marchon e eu, qualificados como Membros da Sociedade.

Para nossa surpresa, recebemos em seguida convite do Secretário da Sociedade, Dr. Luiz Werneck, para exercermos as funções de secretários auxiliares – convite que, aceito, iniciaria para nós três uma longa sequência de funções administrativas. A motivação do convite, que me pareceu estranha e apressada na época, era de que “eles”, os fundadores e seus gestores, não iriam durar para sempre – hoje posso compreendê-la bem... Fomos também convidados como professores assistentes dos mestres coordenadores dos seminários, em meu caso, por Dra. Inaura. E, por indicação de Dr. Perestrello, passei posteriormente a coordenar o curso sobre “Interpretação dos Sonhos” de Freud, cujo estudo mais apurado e abrangente me trouxe muita satisfação. Tenho hoje a crença de que convites como esses não só valorizam os novos membros, como desempenham uma função fortemente agregadora na Sociedade. Muito embora, quanto a essas funções de ensino e administração, seja impossível não reconhecer que nem todos possuem igual aptidão para exercê-las. Tal reconhecimento, em relação à melhoria das técnicas didáticas, levou muitos de nós, sob o influxo

do colega Eksterman, a frequentar um breve curso de pedagogia na Fundação Getúlio Vargas, com melhores ou menores resultados.

Vivíamos então uma época de grande florescimento e valorização da psicanálise na cultura e na medicina. E, considero hoje, também de alguma idealização de seus efeitos no plano social. Mas, apesar das muitas horas de trabalho clínico e em instituições, conseguíamos tempo necessário para exercer funções na Sociedade, por vezes até exaustivas, mas também capazes de proporcionar grande satisfação. O Instituto precisava formar bons analistas, capazes de lidar bem com as dificuldades da prática psicanalítica – tanto mais que a SBPRJ era vista como uma instituição de muita ênfase na clínica. Não éramos tantos os seus membros e, em geral, aceitávamos realizar muitas tarefas. Estive, algumas vezes, no exercício de muitos cargos societários e de ensino, à frente de situações difíceis e impregnadas de polêmica, controvérsia e hostilidade. Fazem parte também desses sulcos deixados na memória, com suas satisfações e decepções, mas trazendo sempre a sensação de um dever cumprido.

Numa época inicial da Sociedade, podia ser ouvida a reclamação sobre a escassez de trabalhos apresentados na Sociedade. Mas, como os Congressos Brasileiros escolhiam geralmente dois Temas Oficiais para que cada Sociedade os desenvolvesse, apresentasse e fossem debatidos, formavam-se então grupos de estudo que, a princípio, neles se aprofundavam e, a partir de suas discussões, redigiam seus Relatórios Oficiais. Participei de vários deles e, não importa a qualidade maior ou menor de seus resultados, guardo a melhor lembrança dos trabalhos em equipe que desenvolvíamos, lendo os artigos sobre o assunto, aliando seus conceitos com nossa experiência clínica, discutindo, redigindo e, depois, apresentando o texto final nas reuniões do Congresso e na Sociedade, onde eram novamente debatidos.

Paradoxalmente, muitos anos depois, ouvi de uma de nossas alunas, num grupo de Acompanhamento, a reclamação de que havia um número demasiado de trabalhos e reuniões em nossa Sociedade, tornando impossível ao aluno o comparecimento a todos, não obstante seu interesse. A observação da aluna – que hoje é uma de nossas mais respeitadas professoras – me fez pensar na diferença dos tempos e, ainda, na evolução sofrida por nossa Sociedade. Antes, o sentimento de falta de trabalhos e reuniões; depois, o de seu excesso. Acho que o saldo é positivo e permite agora uma seleção dos temas que estejam atraindo a atenção de cada um na

ocasião. E penso com saudade no colega José Cândido, que dá nome a nosso Auditório e que, por morar ao lado da Sociedade, tinha grande facilidade de estar presente em suas numerosas atividades. Ele manteve, inclusive, até quase seus últimos dias, um Grupo de Estudos, atividade também de incalculável valor na troca, no aprofundamento e na atuação de nossos conhecimentos, e do conhecimento pessoal entre os Membros, facilitando o entendimento e desfazendo eventuais equívocos.

Todas essas atividades, desenvolvidas no âmbito societário ou dele derivadas, abrangem, inclusive, uma inovação nossa, os Grupos de Acompanhamento que, algumas vezes criticados, apesar de eventuais defeitos, sempre me pareceram capazes de criar e incentivar uma atmosfera de maior liberdade e participação dos alunos na Sociedade e em seu Instituto.

Apontei, já no título deste texto relativo às comemorações dos 60 anos de nossa Sociedade, para a direção que seguiríamos: um olhar para seu passado, no rumo dos sulcos que foi deixando em minha lembrança. E, tendo abordado a questão dos trabalhos apresentados, detenho-me agora nas comemorações de seus 30 anos. Era 1979 e, por conta da celebração do trigésimo aniversário da Sociedade, foi distribuída a seus Membros uma transcrição de reunião anterior realizada em homenagem ao Dr. Mark Burke, pioneiro dos momentos iniciais da formação analítica no Rio de Janeiro. Nela foi distribuído também um artigo seu, que talvez possamos considerar como o primeiro publicado em nossa cidade, então capital da República, por um membro da API. A SBPRJ não existia ainda, mas na instituição da qual germinaria – o Instituto Brasileiro de Psicanálise – exercia funções didáticas o analista inglês de origem polonesa, analisado por James Strachey, vindo ao Brasil por recomendação da Associação Psicanalítica Internacional.

Seu trabalho “A Técnica Psicanalítica”, publicado na *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia* em fevereiro de 1949, partindo do exame da relação entre personagens de *O Pato Selvagem* de Ibsen, aborda duas situações clínicas, uma delas acontecida em seu próprio consultório. Destaca a importância do uso das palavras na relação analítica, tendo em vista o conjunto de ideias que cada palavra expressa e rotula, detendo-se então em duas delas: uma, técnica – a “transferência” – e outra, da linguagem comum – o verbo “amar”. Assinala o enorme volume de significados que as palavras

podem ter e o valor da compreensão desse avultado “embrulho”, ressaltando o cuidado que o analista deve ter em sua utilização. E, ao enfatizar como é necessário ao analista o conhecimento de seus próprios conflitos para auxiliar o paciente a conhecer os dele próprio, sinaliza a transferência que o analista sente em relação ao paciente: a contratransferência. Esta, ele considera então, mereceria maior estudo na literatura psicanalítica, embora Freud a houvesse apontado desde seus tempos de colaboração com Breuer no caso de sua primeira paciente – e estivesse já mais bem compreendida, determinando, portanto, a imprescindível necessidade da análise pessoal do analista.

O artigo de Burke retrata bem a época da chegada da psicanálise em nosso meio, visível até em suas duas vinhetas clínicas, e penso que apresenta algumas ideias bastante interessantes. Uma delas, relativa à ênfase sobre a necessidade de estudar mais detidamente a contratransferência, o que seria feito por Racker e Paula Heimann. Relata então um momento em que uma paciente falta às sessões e, numa carta, acusando-o de crueldade, ameaça suicidar-se. O analista examina seus próprios sentimentos, percebe medo e ódio, não responde e consegue aguardar o retorno dela, o qual se efetiva, dando prosseguimento à análise e à compreensão do episódio.

Uma outra ideia ressaltada no artigo de Burke é relativa ao “embrulho” de sentidos das palavras, dentro do universo subjetivo de cada pessoa e também determinado por tempo e local de vida e origem. A este respeito guardo duas experiências marcantes: uma, antiga, de minha análise pessoal, expressão utilizada por meu analista, corriqueira no Rio, mas de significado hostil em meu estado de origem. A segunda, decepcionante, quando utilizei numa interpretação uma palavra para mim neutra e comum, mas que causou na analisanda terrível contrariedade e a impulsionou a interromper sua análise. O foco de Burke no conteúdo de múltiplos significados das palavras torna-se bastante compreensível se pensarmos que, poliglota, aprendeu também português, idioma que utilizava na análise de alguns dos fundadores da SBPRJ, como João Côrtes de Barros, Luiz Werneck, Mário Pacheco de Almeida Prado, Manoel Thomaz Lyra e Edgar de Almeida, sendo que os dois últimos deram a ela continuidade em Londres, com outros analistas. Seu trabalho foi apresentado no V Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal em novembro de 1948, no Rio de Janeiro. E, em 1953, pouco aclimatado à vida em nossa cidade, regressou à

Inglaterra; transferiu-se bem depois para a Califórnia, onde seu filho era professor universitário e ali veio a morrer em 1975.

Poderia agora, num salto no tempo, focalizar também os 40 anos da Sociedade e os depoimentos então solicitados pelo Conselho Científico aos ex-presidentes, em 1999, sobre nossas gestões e o relacionamento com a API. Serei breve na transcrição resumida desse depoimento. Durante minha gestão (em 1993 e início de 94), como escrevi na ocasião, as dificuldades se avolumaram e, paradoxalmente “congelada” por intervenção de autoridades da entidade internacional, a Sociedade, cindida, entrou em ebulição, fazendo com que, após muito esforço, ao reconhecer limitações e impossibilidades, eu julgasse mais conveniente renunciar à gestão, acompanhado pelo Conselho Diretor. Feita nova eleição, os problemas foram sendo sanados, reformas nos Estatutos puderam ser efetuadas, soluções encontradas e os tempos de tempestade foram se dissolvendo – até chegarmos a esses dias de céu claro em que acabamos de ser tão justamente premiados, por conta das ações das equipes coordenadas pelas colegas Sonia Eva Tucherman e Maria Teresa Rocha, no último Congresso Internacional.

Muitos anos se passaram desde a fundação da Sociedade. É longo também o tempo em que nela tenho estado. E imensa a quantidade de coisas que ela me fez aprender desde aqueles tempos dos Seminários na rua 19 de fevereiro – como aluno, professor, supervisionando, supervisor – e em aulas, cursos, reuniões clínicas e teóricas, grupos de estudo, simpósios, congressos e infinitas trocas de ideias em conversas com colegas... Aprender, por exemplo, a sentir a beleza de uma sessão em que a verdade nasce de algum *insight* numa construção; aprender a tolerar aquelas sessões em que, após seu término, sentimos vontade de chamar o paciente de volta para trazer alguma compreensão que não havíamos tido ou retificar algo equivocado que não deveríamos ter dito. Aprender ainda a necessidade da busca incessante do conhecimento do inconsciente e da liberdade de pensar e repensar as questões que esse conhecimento suscita.

À SBPRJ e, é claro, à paciência de todos os pacientes que ela me possibilitou acompanhar, minha gratidão. Sentimento que me conduz de novo à visão dos rastros deixados na memória em tantos anos de navegação nesse ofício às vezes considerado impossível. Volto à poesia que pode retratá-los bem, como sabia Freud. E a um outro poema de Machado, que

me atrevo a traduzir: “Nossas horas são minutos / quando esperamos saber / e séculos quando sabemos / o que se pode aprender”.

Há muito o que aprender ainda. E alcanço imaginar o retrato de um futuro em que neurociências, genética, antropologia e psicanálise, entrelaçadas, possam reunir uma compreensão maior do ser humano e de seu psiquismo. De um tempo em que esse saber, ampliando também a compreensão do funcionamento coletivo tanto nos pequenos quanto nos grandes grupos, possa ser de ajuda na resolução dos problemas que vão surgindo, ameaçadores, diante de uma Humanidade instada a decifrá-los em sua modernidade globalizada.

Alguns dos leitores de agora, também gratos pelo aprendizado, poderão estar aqui, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, talvez até para o retrato de seu centenário. O retrato de uma Sociedade que, já tendo atravessado tantas tempestades, soube sobreviver e hoje está comemorando seus 60 anos. Ao trazer-lhe meus parabéns e bons augúrios, registro aqui também algumas lembranças de seu passado e de nossa longa convivência. Sem esquecer, é claro, o “muito obrigado, Sociedade”, por tudo o que nos trouxe.

Referências

- Abreu, A.; Ambrosio, C.A.; Murat, R.; Martins, R.B. (2005). Grupos de Acompanhamento e Avaliação Contínua: um instrumento a mais na transmissão da Psicanálise. *Trieb*, vol. IV (n. 1 e 2), 253-266. Rio de Janeiro: Imprinta Express.
- Burke, M. (1949). A Técnica Psicanalítica. *Revista Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n. 154/155 (fevereiro/março). (Separata). Rio de Janeiro.
- Machado, A. (1913/1981). *Antonio Machado – Poesias*. XVII edición. Buenos Aires: Editorial Losada.
- Marchon, P. (org.). (2012). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Coleção Memória do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes.
- Martins, R.B. (1999). Filiação a IPA – 40 anos, Gestão 1993/1994. *Boletim Científico Especial*, n. 8, agosto. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- Martins, R.B. (2009). Os 14 Fundadores. Apresentado na Reunião Comemorativa do Cinquentenário da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- Martins, R.B. (2003). Vicissitudes da formação analítica. Aula inaugural do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise, proferida em 24/03/2003.
- Perestrello, M. (org.). (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.

Perestrello, M. (1984). Contribuição para a história da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. *Boletim Científico*, n. 86, julho. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Prado, M.P. de A. (org.). (1977). Homenagem ao dr. Mark Burke. Rio de Janeiro: Fon-Fon (Seleta Editora, 1979).

Recebido: 28/07/2019

Roberto Bittencourt Martins
robertomartins1701@gmail.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Um percurso pessoal na história da SBPRJ

Ruth Lerner Froimtchuk¹

Sempre permaneceu em mim a ideia de que comecei minha formação prematuramente. Pelo menos era a realidade daqueles tempos, nos idos anos 70, quando era bastante incomum alguém entrar para a Sociedade Brasileira de Psicanálise sem alguma experiência clínica em consultório particular e, mais ainda, sem conhecimento da obra de Freud ou de conceitos básicos da Psicanálise. No entanto, a bem da verdade, trazia uma sólida experiência no lidar com o sofrimento humano, seja do paciente clínico, seja do paciente psiquiátrico, obtida ao longo do curso médico. Fui acadêmica bolsista e plantonista por dois anos no Hospital Souza Aguiar e na emergência do Hospital Pinel. Comecei a frequentar o Pinel no terceiro ano da faculdade e tive oportunidade de participar da pioneira experiência da Comunidade Terapêutica, onde conheci vários psicanalistas da nossa Instituição.

Iniciei a minha formação em 1974, tão logo me formei na Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha, Urca, em dezembro de 1973. Testemunhei com enorme desolação a destruição daquele majestoso prédio de arquitetura clássica, sólido e amplo, parte do conjunto onde ainda se encontra a reitoria da UFRJ.

Situado quase ao lado do acesso ao Pão de Açúcar e da Praia Vermelha, a Faculdade Nacional de Medicina, com seus corredores enormes, anfiteatros que abrigavam mais de 300 alunos e um aprazível jardim interno, era um convite ao encontro e à convivência dos alunos numa época de grande repressão aos movimentos estudantis. Assim foi traçado o seu destino: era preciso afastar os estudantes da cidade, levá-los para bem longe – a Ilha do Fundão, diluindo a possibilidade de realização dos grandes eventos políticos estudantis que reuniam todas as faculdades deste conjunto universitário.

Enquanto aluna da Faculdade de Medicina, sempre estive envolvida nas atividades estudantis, políticas e culturais, bem como na função de

representante de turma em algumas cadeiras de ensino. Tive alguns problemas por ter participado do Diretório Acadêmico, mas que felizmente foram superados, até porque tinha uma boa performance acadêmica e fui apoiada e ajudada pelos professores catedráticos da época.

Foi neste contexto turbulento daquela época, em 1974, concomitantemente com a realização de um curso de Especialização em Psiquiatria no IPUB, que me candidatei à formação psicanalítica. Parecia muito natural que essa fosse a sequência dos acontecimentos, tanto mais que já fazia análise cinco vezes por semana com um analista didata da SBPRJ – o que muitas vezes exigia um tempo maior de espera para aqueles interessados em ingressar na SBPRJ.

Vim a constatar que o clima repressivo vigente na sociedade maior estava presente, também, na instituição psicanalítica. Deveria ser preservado o silêncio sobre qualquer inclinação ou atuação política que não estivesse de acordo com as regras de censura estabelecidas pelo governo de exceção sob o qual vivíamos. Era o tempo da psicanálise “intramuros”, fortaleza indevassável. E por que não admitir que, mesmo nos processos analíticos conduzidos naqueles tempos, pouco espaço havia para trabalhar a “realidade externa” em sua objetividade?

Foi, portanto, com grande surpresa e perplexidade que ouvi do meu analista, sempre tão neutro e voltado para a escuta das fantasias inconscientes, que não deveria mencionar sob hipótese alguma a minha experiência de movimento estudantil nas entrevistas de seleção, sob pena de não ser admitida.

Foi um batismo de fogo que certamente gerou em mim um temor reverencial, ao mesmo tempo em que sentimentos ambivalentes se faziam presentes diante do poder exercido por tais psicanalistas. Havia uma nítida divisão entre eles – os mais progressistas e os mais conservadores, gerando uma hostilidade latente e, muitas vezes, manifesta. Lamentavelmente, esse clima de divisão exigia “fidelidade” (sobrevivência?) dos analisandos aos seus próceres, resultando em conluíus e pactos transferenciais numa sociedade pouco aberta ao diálogo.

Minha turma de formação era composta de colegas mais velhos e bem mais experientes que eu, a “mascotinha” do grupo, muito defasada em relação ao saber psicanalítico dos demais – pelos quais, entretanto, me sentia bastante aceita e estimulada. Eram eles: Alberto Abuchaim, de Porto Alegre,

José Carlos Zanin, José Hamilton, Celmy Quilleli, Norma Costa Ferreira, Franklin Rubinstein, Geny Talberg.

Celmy e Geny, assim como outras que vieram depois, faziam parte de um grupo de psicólogas que foram fazer Medicina para serem aceitas nas sociedades psicanalíticas da época! Mulheres corajosas e valentes que se empenharam em fazer valerem seus projetos profissionais.

Não foi fácil esse período inicial: lembro-me do medo que sentia durante as aulas do Dr. Danilo Perestrello diante de sua exuberância e vivacidade (que para mim pareciam intimidatórias), quando interpelava diretamente os alunos, desafiando-os a mostrar seus conhecimentos. Lembro-me do pânico diante da primeira apresentação de material clínico num seminário ministrado pelo Dr. João Cortes de Barros. Assim como me lembro que o clima das sessões científicas não era muito convidativo para a participação dos alunos em formação (quicá mesmo para os já psicanalistas). E certamente não para mim, que admirava aqueles poucos que ousavam...

Surpreendentemente (agora me dou conta), minha formação se deu em tempo recorde, para o bem e para o mal, se comparado aos tempos atuais. Iniciei em 1974 e em 1978 fui homologada como membro associado. Isto certamente incluiu a frequência aos cursos obrigatórios e eletivos, bem como as duas supervisões de caso clínico. Talvez fosse mais fácil obter pacientes que se dispusessem à frequência de cinco vezes por semana, como eram nossas análises pessoais... E foram muitos e muitos anos de análise e reanálise nesta frequência com o mesmo analista e, depois, com outra analista por mais uma dezena de anos, mas numa frequência menor.

Nunca soube quais foram os analistas da chamada Comissão de Ensino que avaliaram meus relatórios clínicos, assim como nunca recebi nenhum retorno, nenhuma observação, nenhuma contribuição que pudesse somar a essas experiências. Soube apenas que havia sido “aprovada”.

Enfim, foram vivências muito intensas em nível institucional, de um clima opressivo, de tensões reprimidas que vieram a se manifestar em conflitos e crises mais graves que culminaram, inclusive, com a intervenção da IPA, exatamente quando se encaminhava para uma abertura e maior independência dos ditames desta Instituição enquanto agência reguladora. Fomos vítimas de uma política autoritária que desprezava nossas especificidades. Nessa ocasião, dentro dos regulamentos que instituíamos para ampliar o número de analistas didatas, cujo poder era reduzido a uns

poucos ungidos como tal, eu já era analista didata. TODOS os analistas didatas admitidos pelos critérios até então vigentes foram obrigados a validar sua condição de didatas através da apresentação de trabalhos teórico-clínicos diante de bancas constituídas com este objetivo. Infelizmente, muitos desistiram ou se recusaram a se submeter a essa prova, o que foi uma perda para nossa instituição.

Ao longo de todos esses anos de pertencimento à SBPRJ, desempenhando várias atividades institucionais, tive certamente o privilégio de acompanhar e participar das transformações que foram ocorrendo, da abertura para um diálogo mais livre e criativo, com uma contribuição efetiva de todos aqueles envolvidos no processo de formação. Essas mudanças tenazmente conquistadas se refletem numa convivência mais amistosa e tolerante, apesar das diferenças e contradições que fazem parte de qualquer instituição que se pretenda democrática.

Recebido: 08/08/2019

Ruth Lerner Froimtchuk
ruth.lf@gmail.com

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Meu amor à Brasileira

Ruth Naidin¹

Como esta é uma história de amor, vou logo dizendo de que espécie de amor se trata: trata-se de um amor com início precoce, construído ao longo da vida, sincero e profundo, muito idealizado às vezes, feito de doação e entrega e esperança de futuro. Mas é também um amor impuro, misturado, ambivalente e contraditório. Amor como são os amores, às vezes sofrido, às vezes pleno, rico.

Uma vez, ainda menina, na casa de uma amiga, eu me lembro de ter me dado conta da existência do inconsciente. Eu ouvi uma pessoa descrente dizer à outra “...é, mas lá no fundo, você...”. Nesse dia, por alguma razão, fez sentido o “lá no fundo”. O lá no fundo era algo que não era a pessoa toda. Era só parte da pessoa. Era, digamos, uma contradição dentro dela.

Aquilo da “existência de algo lá no fundo que era uma contradição com o todo da pessoa” apareceu com muita frequência na minha infância. Eu o sentia na percepção e no olhar de alguns adultos sobre mim, e às vezes no meu próprio, e era perturbador.

Retrospectivamente eu lembro que muito pequena passei a não gostar de uma aula de iniciação musical porque a professora me entendia demais. Muitas vezes, aliás, eu me senti atravessada pela perspicácia dos adultos, mais ou menos fulminada por revelações a meu próprio respeito, daquilo que eu não havia ainda pensado. Isso foi um bom conselho muitos anos depois. Mas na minha infância, fulano ser “analisado” era um susto, um fantasma para mim.

Foi uma triste iniciação. Mas que se transformou e que me transformou.

Que essas coisas acontecessem assim, penso hoje, foi graças às grandes descobertas e à popularização do conhecimento freudiano. Mais restritas inicialmente, explosivas depois de sua enorme difusão nos consultórios, nos grupos de estudo, nos debates entre as pessoas cultas, nos filmes, na

literatura, em toda parte. A Psicanálise chegara para ficar. Meio selvagem inicialmente, amada e odiada, controvérsica, mas presente, tornou-se moda.

A história oficial das Sociedades no Rio de Janeiro andava em paralelo. A Brasileira, fundada há pouco, era ainda desimportante para mim. A Brasileira passou a existir como entidade quando chegou a vez de os meus amigos começarem a se analisar e, então, seus analistas ou pertenciam ou não pertenciam à Brasileira.

Eu ainda demorei a chegar à análise e mais ainda a chegar à Brasileira. Mas quando finalmente foi o caso, as portas não se abriram para mim, o que, é claro, faz parte das coisas dolorosas acerca do meu amor à Brasileira. Como psicóloga, ser excluída e rejeitada era uma enorme injustiça, se não um completo absurdo, eu achava.

A situação de exclusão obrigou os psicólogos a se organizarem para encontrar alternativas de estudo e pertencimento, e eles de fato encontraram! No meu caso, entre psicanalistas argentinos. Eu me beneficieei muito daquele esforço, aprendi muito, mas apesar de tudo (e não foi pouco), eu sentia a exclusão e um desmerecimento, e sentia haver no entorno um desdém suspeito pela Brasileira.

Serão inesquecíveis as palavras de uma amiga psicóloga, àquela altura já psicanalista, num aniversário de criança: “psicóloga só sossega quando faz a formação!”. Daí foi rápido, e eu não disse fácil. Eu já estava em análise, a Brasileira agora nos aceitava e o ressentimento era história.

Na nossa entrada fomos recebidos pelos pioneiros, já velhinhos, alguns dos quais eu só vi aquela vez. Muitos eram, até ali, apenas nomes que eu ouvira a vida inteira e estavam agora bem vivos andando por perto. E falando à noite, ou dando seminários. A Sociedade fervilhava – ou meu coração, talvez? e vivia cheia de gente, alunos, professores, muita atividade e muita discussão.

Paralelo à euforia, eu tinha uma sensação de tempo a recuperar e desejo de estar junto aos meus pares. Então frequentei quase freneticamente, durante algum tempo, todas as atividades. Sem critério: todas! E estudei também. Meus critérios, criei-os aos poucos escolhendo as ideias que faziam sentido para mim, encontrando figuras de identificação e também reconhecendo aquilo de que eu não gostava.

A vida em Sociedade é riquíssima. Variada, complexa. Faz-nos pensar e obriga-nos a repensar. Mas é cheia de conflitos, rivalidades, competição. Os

meus argentinos falavam em “depositária de nossas partes psicóticas e agressivas”. É, talvez.

Logo no início da minha formação, a Brasileira sofreu um golpe duríssimo e, em consequência, uma crise com prejuízos profundos e sofridos. Foi uma fratura exposta, ela rachou. Velhos amigos brigaram, muitos membros, de ambos os lados, foram embora. Os que ficaram estavam ressentidos e tristes e encarregados, ainda, de rejuntar os pedaços. As formações congelaram, ninguém novo podia entrar, quase perdemos nossa filiação à IPA. Até hoje, quase 30 anos depois, a crise repercute. Superamos, mas a efervescência se foi.

A Brasileira é um celeiro onde conheci pessoas as mais interessantes e marcantes, e algumas que se confundem com o meu amor por ela. E cursos, alguns foram tão importantes que se tornaram parte da matéria de que sou feita como analista. Mas de todos, o meu amor mais sincero e agradecido à Brasileira foi por ter me conduzido ao meu analista, com quem pude visitar longa e profundamente aquele “algo lá do fundo que era uma contradição com o todo da minha pessoa”. Agora, já sem susto e sem medo, celebro os 60 anos de minha querida Brasileira, junto a amigos de todas as idades e gerações e com muita esperança no seu futuro.

Recebido: 07/05/2019

Ruth Naidin
ruthnaidin@gmail.com

1. Psicanalista, membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Laços verdadeiros no desarrumado da mente

Samantha Nigri¹

*Uma chave em East Lansing
Sou uma chave de limado aço.
E meu formato não é arbitrário.
Durmo o meu vago sono em um armário
Que não enxergo, presa a meu chaveiro.
Há uma fechadura que me espera,
Uma somente. A porta é de forjado
Ferro e firme cristal. Do outro lado
Está a casa, oculta e verdadeira.
Altos e na penumbra os desertos
Espelhos veem as noites e os dias
E as fotografias dos defuntos
E o tênue ontem das fotografias.
Em dado instante empurrarei a dura
Porta e farei girar a fechadura.*

Jorge Luis Borges

Faça o seu retrato da nossa Brasileira em seus 60 anos...

A cada convite da equipe da Trieb para textos celebrando os 60 anos da SBPRJ com um fato histórico ou uma poesia, eu recebia um chamado para o sonho e para a fantasia...

Munida de minhas *lentes mentais*, eu esbarrei na poesia de Borges que havia lido logo após a saída de uma analisanda. De alguma forma o acontecido naquela sessão despertou o desejo de *escrever um retrato da minha Brasileira*: um lugar *em mim* onde se encontra o percurso da minha

formação psicanalítica na casa de número 80 da Rua David Campista, no bairro do Humaitá, no Rio de Janeiro.

Pensei na *Antologia Pessoal de Ferreira Gular – O Prazer do Poema*, na qual encontrei a poesia acima, e no fato, curioso, de Gular ter reunido de forma involuntária e desinteressada, durante mais de quarenta anos, poemas que o *deslumbravam*. Por deslumbramento ele se referia a um tipo de curto-circuito que certos poemas promovem. Recorro com alguma regularidade à poesia ou à música quando algo dessa ordem acontece no consultório e preciso encontrar, após a saída do analisando, *um continente* que absorva o curto-circuito que se deu no encontro analítico.

Rosa levanta-se da poltrona cambaleando. Não faz uso dos dois beijinhos melados e habituais de despedida que pareciam selar uma distância entre nós duas. Aqueles eram beijos que nos afastavam daquilo que precisávamos aproximar.

P: Até amanhã Samantha.

A frase trivial ganhou consistência em sua voz. A preposição falou mais alto que o advérbio. Eu capturei um movimento, uma aproximação diferente da mulher-menina que durante anos me dizia estar até aqui com as pessoas, acenando com a mão o gesto de estar afrontada até não poder mais. O ressentimento de Rosa transbordava.

Naquela sessão, a primeira da semana após finalmente conseguir visitar o parente que está se perdendo por uma demência, algo emergiu. Eu enxerguei pela primeira vez um rosto humano, no lugar da cabeça e do olhar de tubarão que falava, vociferando com os dentes enfileirados todas as mazelas que passara na vida. Uma predadora de olhar frio e sem expressão.

P: Jorge teve um momento de lucidez. Sinto tanta raiva dele, cara desprezível, tudo o que não fez estava ali. Mas ele me olhou e disse – sabe Rosa do que eu sinto mais falta? Eu já não me lembro de nada, mas o pior é que eu não consigo lembrar da nossa relação...

Rosa engasga e o choro aparece. A água que brota, mesmo em sua tentativa de segurá-la, parece lavar a esclera, e os olhos apertados de predadora cedem lugar a um olhar de desespero.

Há tempos me sentia num tanque apertado com essa mulher-tubarão, mas algo mudou. A chave de Rosa começara a girar e ela abriu um portão que não sabemos onde vai dar.

É do ponto de vista desse curto-circuito, dessa chave que gira e abre uma porta genuína, que clico meu retrato da SBPRJ, lugar consistente que absorve as vicissitudes do trabalho analítico.

Laços. É a palavra que saltou para mim ao lembrar Rosa e seu temor de ser esquecida por Jorge, horror de Jorge esquecer os laços que os uniam. Laços tumultuados e doídos, mas laços.

E pensei: os laços verdadeiros são fundamentais para o desarrumado da mente...

E que desarrumação o tornar-se psicanalista faz na vida de uma pessoa para que ela possa aventurar-se no fazer psicanálise com outras pessoas...

Posso dizer que cheguei meio arrumadinha, cheia de ilusões e idealizações na SBPRJ. Mas a travessia da análise pessoal e a trajetória da formação foram desarrumando o que era necessário. Aos poucos fui percebendo que a valsa que veio de Viena precisa aprender a ser sambada na *Brasileira*. E aprender a sambar é como analisar-se, pelo menos para mim, que não nasci com todo aquele samba no pé... E falo de samba, pois ele se originou do sofrimento de nossa origem escravagista, foi produto da possibilidade de criação a partir de uma devastação. De alguma forma percebo assim o contato com o sofrimento mental. É preciso tempo, persistência e, mais do que tudo, desejo. É preciso ter contato, estranhar, cair dentro, observar. É preciso reescrever a própria história e achar as raízes que te fazem gingar. E os laços que o coletivo SBPRJ oferece certamente colaboraram para a minha *virada de chave*.

Laços de estudo teórico e clínico, de supervisão. Amizades de todos os tipos, muitas delas profundas e marcantes. O compartilhamento de fortes vivências no contato com a turbulência da vida mental e das mazelas e das benesses da sociedade desigual em que vivemos.

Haja diversidade... Tem de tudo na SBPRJ. Há aqueles que têm os olhos voltados para um passado nostálgico e aqueles que são fluídos na tradição e na invenção da Psicanálise. Há os que ficam no ressentimento diante do mundo em que vivemos e os que olham para o nosso futuro, que fazem a roda da vida institucional girar para que novos laços se aproximem e, com eles, novos desenvolvimentos e desafios.

O meu retrato da SBPRJ não está focado nas normas e nas regras que mantêm a instituição, e sim nos laços que não podem ser esquecidos, negligenciados, apagados. Mesmo que haja conflito, discordância, frustração e desencontro, cabe aos psicanalistas fazerem contato, e fazerem frente ao silêncio desolador da pulsão de morte também nas instituições psicanalíticas. Suportar a tensão do conflito pulsional é uma árdua tarefa, como bem lembrou Joel Birman em visita à nossa casa. Retratar em psicanálise é um processo delicado. A fotografia que nos interessa é aquela que mostra o que os olhos não veem de primeira, como descreveu Walter Benjamin (2012, citado por Magda B. Martins Costa, 2013).

Lembrei-me dos livros de Harry Potter em que as fotografias se passavam como um filme, um sonho vivo. O meu retrato da SBPRJ é o da travessia da minha formação analítica junto com os colegas de todas as

idades e tempos de psicanálise e, por isso, não é circunscrito. Psicanalistas não podem olhar para os retratos estaticamente, nem tampouco deter-se na nostalgia que eles são capazes de trazer. Psicanalistas precisam sonhar os retratos. Por esse viés, penso ser eu mesma um dos inúmeros retratos dessa casa que promove o encontro e o pertencimento psicanalítico num planeta cada vez mais carente de *palavras e laços verdadeiros, ou melhor, de palavras-laços*.

Referências

- Bion, W.R. (2004). *Transformações – Do aprendizado ao crescimento*. Início e capítulo 1. Trad. Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2004. (Trabalho original publicado em 1965).
- Costa, M.B.M (2013). Reflexões sobre Fotografia e Psicanálise – entre o visível e o indizível em cena. *Psicanálise – Revista da SBPdePA*, v. 15, nº, 395-402.
- Freud, S. (1976). *Os instintos e suas vicissitudes*. In S. Freud, *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Gullar, F. (2014). *O prazer do poema – Uma antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro.
- Reunião Científica SBPRJ de 13 de junho de 2019: *Psicanálise com ou sem fim: ontem e hoje*. Introdução ao tema: Theodor Lowenkron. Relator: Joel Birman

Recebido: 15/08/2019

Samantha Nigri
sanigri@uol.com.br

1. Psicanalista. Membro Associado da SBPRJ.

Retratos da TRIEB

Viviane Frankenthal¹

Fernando Rocha²

Há a história de uma Revista e há a história que a Revista conta. A história de uma Revista diz respeito à sua fundação, aos seus fundamentos e aos seus pioneiros.

Essa história começa em 1991, quando Fernando Rocha e Viviane Frankenthal, respectivamente diretor e secretária do Conselho Científico, fundaram, junto com o corpo editorial descrito abaixo, a Revista TRIEB, que vem sendo editada ininterruptamente até hoje! A SBPRJ e seus Conselhos Diretores sempre valorizaram a publicação, que é uma de suas representantes no Brasil, e que também tem alcance internacional na sua distribuição. Por ser uma Sociedade pujante e com grande diversidade teórica, a responsabilidade da Revista é grande, pois precisa dar conta das discussões entre linhas teóricas, outros campos do saber e aspectos sociais de seu tempo.

Em sua origem, os editores se inspiraram, como diz Fernando Rocha em seu editorial da TRIEB em 1993,

[...] na ideia de propiciar à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro um espaço que fizesse circular mais amplamente pensamentos, inquietações e onde pudesse ser retomada a discussão de temas que, embora conhecidos, por constituírem a base da psicanálise, ainda são objetos de controvérsias. O próprio nome TRIEB, dado à Revista, indica nossa preocupação em manter vivo o debate em torno dos temas centrais da Psicanálise, enriquecendo-o com as contribuições pós-freudianas. (Rocha, 1993, p. 3)

Esse objetivo foi alcançado e a Revista segue ampliando seu campo de inserção com cada vez mais autores e mais leitores. O trabalho minucioso de Munira Aiex Proença como assistente editorial desde 2006, organizando as normas de publicação e na correção das referências nos textos da Nova Série

criada em 2002, propiciou a indexação em base de dados local, o que aumentou o interesse de autores acadêmicos, além de psicanalistas ligados à universidade. A obtenção de indexação em base de dados internacional continua sendo um desafio para os próximos anos.

A história que a Revista conta refere-se principalmente aos trabalhos nela publicados. Sua inserção cultural em seu meio, através do diversificado trabalho editorial ao longo dos anos, dá o tom dessa história. Foram publicados artigos psicanalíticos teóricos e clínicos das mais diversas escolas, trabalhos sobre política, arte, cinema, conferências e projetos sociais, tendo sempre como referência os conceitos psicanalíticos. O primeiro editor, Fernando Rocha, foi sucedido por Miguel Calmon, que deu continuidade aos princípios editoriais da Revista. Em seguida, criamos um regulamento que estabelecia que a TRIEB deveria ter dois editores, no mínimo, pois assim as diferenças e semelhanças entre eles já implicariam em debate de ideias desde o início.

Os três primeiros editores – Fernando Rocha, Marci Dória Passos e Viviane Frankenthal – criaram a Nova Série da TRIEB para que a numeração e a frequência dos exemplares pudessem servir à indexação em base de dados. Seguiram como editores Aloysio d'Abreu, Maria do Carmo Palhares e Sherrine Maria Njaine, esta substituída por Maria de Fátima Amin. Depois vieram Bernard Miodownik, Maria do Carmo Palhares e Maria de Fátima Amin, que foi substituída por Munira Aiex Proença, passando a acumular o trabalho de editoria com o de assessoria editorial. Atualmente, as editoras Karla Loyo, Maria Noel Sertã e Rebeca Machado continuam editando a TRIEB com competência, carinho e criatividade.

Achamos pertinente reproduzir aqui, neste momento histórico da SBPRJ, o primeiro editorial de 1991, assim como o editorial do primeiro número da Nova Série de 2002. É interessante notar como, no espaço de 11 anos entre um e outro, a TRIEB se fortificou e cresceu como publicação, passando a fazer parte indissociável da SBPRJ. Hoje, com seus longevos 28 anos, a TRIEB reveza seus editores e se atualiza constantemente sem perder sua qualidade.

EDITORIAL DA TRIEB Nº 1 de 1991

O nascimento de um homem não é resultado de um fato biológico ditado pela Natureza. Há necessidade de o homem criar para nascer. Nada mais estranho a um animal, no sentido instintivo do termo, que o nascer para

nascer. “Para nascer, nasci”, nos diz com força, sutileza e com-cisão o poeta Neruda. Eis, de forma sintética, a consequência de TRIEB.

Pensar em PULSÃO é falar do que é próprio ao homem. Rompimento com o mundo animal, aí se define o humano Não há dizer que diga toda verdade. Todo dizer é dizer da representação. Conceito limite entre o somático e o psíquico, corte trágico entre a Natureza e o homem, é a sua inscrição no psíquico que vai transformar o corpo biológico em corpo erógeno. Ato de criação.

Conceito nodal para a Psicanálise, TRIEB foi o nome escolhido para nossa publicação. Tal como no conceito, a Revista TRIEB, que hoje se inaugura, pretende abranger toda diferença, desde a mais inusitada até a mais familiar, tendo ao mesmo tempo uma cara onde cada um de nós se identifique e se reconheça.

Por maiores que sejam essas diferenças, que o humano nos sirva como lugar de encontro e, se possível, de criação.

Corpo Editorial

EDITOR: Fernando José Barbosa Rocha

CO-EDITORA: Terezinha Camara Leão

COORDENADORA GERAL: Viviane Frankenthal

COMISSÃO EDITORIAL: Carlos Alberto Quilelli Ambrósio, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Raimundo José Reis Porto e Sonia Cecília Bromberger

EDITORIAL DA TRIEB, vol.1, nºs 1e2 | março-setembro 2002

A Trieb fez dez anos, tempo de experiência que permite novos horizontes. Partilhar saberes e democratizar o conhecimento, para que não sejam excludentes, encastelados ou hierárquicos, nos pareceu um bom alvo. Em tempos de perdas de algumas utopias, de realizações guiadas por um desejo do melhor para todos, a construção de ideais é pertinente. Teorizar é pôr palavras na experiência, e nesse empenho apurar a reflexão. Entretanto, falar em nome próprio não é tarefa simples. Tendemos à repetição de uma palavra autorizada, seja ela de Freud, Lacan, Klein, Bion, Kohut, Winnicott, etc, com poucas chances de mudança num discurso que circula narcisicamente entre pares. Para que surja algo novo, temos de suportar o desamparo da não-certeza, do não-saber, do desconhecido. É preciso, então,

abrir a escuta, o olhar, a sensibilidade, e deixar que o novo faça efeito em nós mesmos. É preciso se despir dos preconceitos, das ideias prontas e reconhecer que o outro diz o que eu posso nunca ter pensado, e isso me ajudará a ver o mundo sob novos ângulos.

Ao assumirmos a direção da revista, assumimos também os desafios decorrentes desses especiais dez anos, em que assistimos ao nascer do terceiro milênio trazendo radicais transformações socioculturais com fortes efeitos no universo da psicanálise. São transformações marcadas pela velocidade com que conhecimentos são gerados e informações difundidas, e que reafirmam a importância de se discutir as novas formas de produzir, adquirir, transmitir e estocar conhecimentos. Dominados pela linguagem digital, diante das novas qualidades das telecomunicações, adquirimos a possibilidade de acesso aos mais diversos tipos de informação que se deslocam num mundo sem fronteiras, nas interconexões do tecido eletrônico da rede planetária. O espaço, mesclado por diferentes raças, credos, idiomas e etnias, se constitui no locus da informação compartilhada. Nesse planeta em mutação, vivemos exigências que impõem outras maneiras de entender e apreender as diversas realidades, construídas por saberes que se entrecruzam e se fertilizam.

Para a nova série da TRIEB, buscamos algumas marcas de origem. Há dez anos, já era um dos objetivos dos editores romper com a mera circulação familiar de artigos produzidos e divulgados somente dentro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). A ideia inicial de alcançar outros leitores e cumprir critérios seletivos para tornar pública uma fala autoral ganhou força. A consequência está no projeto de atender certas regras que permitam a indexação da revista numa base internacional de dados e a torne ainda mais interessante.

Neste número inaugural da nova série decidimos trabalhar o conceito de pulsão - Trieb, que dá nome à nossa revista e fundamenta nosso ofício de psicanalistas. Se a pulsão é uma das peças fundamentais da teoria psicanalítica é porque, segundo Freud, ela faz a ponte entre soma e psique, definindo o homem como ser de desejo, diferente do animal, ser de puro instinto. Nessa ciranda de saberes, na roda-viva do conhecer, no giro do mundo científico, subjetivo e humano, no umbigo do redemoinho... lá está a TRIEB, a pulsão, o desejo, o problema da vida, o cerne da questão. Mistérios da vida, do sexo, da morte, se tornam enigmas, e o prazer de pensá-los

aciona um processo de deciframento. De onde, para onde, por que, como? Eis o nosso leitmotiv para este número: a vontade de saber, a curiosidade científica, a pulsão epistemofílica.

A SBPRJ vem mostrando sua capacidade de se movimentar em várias frentes, como no Projeto Comunitário, no programa da Rádio MEC, no interesse em conhecer e respeitar ideias diferentes, ampliando seus horizontes. Afinados com esse projeto formamos o Conselho Editorial. Seus membros pertencem a diferentes campos do saber, merecem o atributo de distinção em suas áreas e mantêm um olhar curioso em relação ao conhecimento. Promover circulação de ideias, troca de conhecimentos e desenvolver o pensamento crítico é o que buscamos. A psicanálise é o cerne de nosso trabalho, e a partir desse núcleo identitário conclamamos outras vozes para ouvir e ser ouvidas.

Para Freud a teoria das pulsões, embora inconclusa, explicava certos paradoxos da clínica ou da cultura. E para os psicanalistas de hoje? Para sustentar a psicanálise viva, em constante produção e recriação, o psicanalista não prescinde de um olhar sempre indagativo sobre a operacionalidade de seus conceitos fundamentais, numa permanente abertura para novas construções, que respondam melhor aos apelos da clínica. O mito pulsional, então, ainda faz sentido? Para refletir sobre a pulsão convidamos alguns colegas que, cada um a seu modo, contribuiriam para uma atualização conceitual e clínica.

A artista plástica Lena Bergstein criou uma nova capa e um novo texto para a inauguração desta nova série, tal como havia feito para a primeira publicação da TRIEB. Desta vez, escreve sobre seu caminho artístico e fala das vicissitudes de sua arte, que expressam suas transformações subjetivas.

Pontuando a clínica, quatro analistas comentam o Homem dos Ratos, este importante caso clínico de Freud que, ainda hoje, nos orienta sobre os pilares da prática analítica. Desse modo mantemos a tensão entre os dados clínicos e os conceitos metapsicológicos. Aida Ungier, em um estilo próximo à literatura, conta o caso, trabalha o conceito e aponta questões instigantes e atuais. Sônia Eva Tucherman e Norma Costa valorizam a versão subjetiva de toda leitura e, no caso do Homem dos Ratos, realçam as entrelinhas do que se passa entre este e seu analista. Carlos Fernando Motta inicia seu texto com ênfase na expressão teórica, e no decorrer do artigo vai nos situando nos meandros pulsionais.

Na sequência de artigos, contamos com a contribuição de Zeferino Rocha, que articula, de maneira rigorosa e de muito agradável leitura, os conceitos de inconsciente e pulsão. Sua formação lhe permitiu um olhar pela via da filosofia, a partir da qual nos oferece uma perspectiva da gênese desses conceitos. Claudio Frankenthal opta pelo ponto de vista econômico e retoma o Projeto para uma psicologia científica, perpassando a teoria das pulsões em toda a obra de Freud. O texto de Ruth Rissin é um mergulho literário, sem perder o pé do trabalho teórico, e no qual as pulsões de vida e de morte se entrelaçam nos personagens de Moacyr Scliar. Maria Lidia Arraes articula sublimação e teoria pulsional, e nesse esforço teórico utiliza um viés lacaniano. Rosine Perelberg nos leva, através de fragmentos clínicos referidos ao conceito de pulsão, a questões transferenciais específicas para certos pacientes. Olga Ruiz, a partir da perspectiva transgeracional, utiliza a clínica como suporte para sua argumentação teórica. Carlo Plastino reafirma o conceito de pulsão como básico, obscuro, convencional e absolutamente indissociável da experiência clínica. Finalizando, um mestre da primeira linhagem freudiana, Jean Laplanche, numa abordagem histórico-crítica e metapsicológica. Em seu artigo ele também situa os fenômenos afetivos: amor e ódio. A concepção que orienta a argumentação de Laplanche é a da pulsão de morte como pulsão sexual.

Bem-vindos todos do Conselho Editorial, bem-vindos leitores e articulistas! Que o saber não seja forma de domínio, mas esperança de desalienação e liberdade.

Boa leitura!

Fernando Rocha, Marci Dória Passos, Viviane Frankenthal

Referências

- Rocha, F. (1993). Editorial: A visão do Édipo sobre o lugar da psicanálise. *Trieb*, 3(1): 3-5.
- Rocha, F.; Ambrósio, C. A. Q.; Almeida, M. C. P.; Porto, R. J. R. & Bromberger, S. C. (1991). Editorial. *Trieb*, 1: 1.
- Rocha, F.; Passos, M. D. & Frankenthal, V. (2002). Editorial. *Trieb*, 1(1/2): 7-10.

Recebido: 15/08/2019

Fernando Rocha
fernando1rocha@uol.com.br

Viviane Frankenthal
vivifrank2@gmail.com

-
1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ
 2. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ com funções específicas do Instituto.

Álbum de fotografias: folheando o tempo

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade¹

As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. Sem dúvida “no começo foi ação” e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou o progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras. Mas originalmente a palavra foi magia – um ato mágico; e conservou muito de seu antigo poder (S. Freud, 1976).

Início com um fragmento do texto de Freud, “A Questão da Análise Leiga – Conversações com uma Pessoa Imparcial” (1976), no qual ele se refere ao poder das palavras junto aos nossos analisantes. Neste mesmo parágrafo brinca, dizendo que a graça da mágica está justamente na rapidez de seu autor, o que marca uma diferença essencial da psicanálise, uma vez que o tratamento psicanalítico necessita de tempo. A palavra tem o poder de comunicar, de transmitir ao outro e a nós mesmos nossas ideias e sentimentos, e é ferramenta de trabalho do psicanalista. Entretanto, as palavras podem ser pérfidas e estar a serviço do desentendimento e da dissimulação.²

É uma preocupação de nosso ofício o modo como vamos nos comunicar com nossos analisantes e o cuidado implica certa delicadeza. De que forma atingiremos a liberdade pessoal, a ponto de usarmos a linguagem sem estarmos aprisionados à teoria e sem nos perdermos delas?

Há todo um percurso até nos sentirmos livres em nossa clínica, acompanhados de nós mesmos e de nossa auto-observação, mas, ainda assim, precisamos revisitar as teorias que nos formaram, e as novas que se apresentam para assegurar, eticamente, tal liberdade.

Fernando Coutinho³ (1998) escreveu um artigo para esta revista (Trieb) que me ajudou a caminhar alguns passos em minha formação. Foi a partir da leitura de seu texto, “Escrever (n)a Psicanálise: Um Impasse?”, que

comecei a redigir o Primeiro Relatório do Primeiro Caso sob Supervisão Oficial. Ele diz que “o analista precisa sustentar um discurso próprio que lhe assegure existência e identidade” (Coutinho, 1998, p. 29). Esta frase me estimulou a dar alguns passos em minha formação e foi inspiradora, mesmo depois de finalizar o curso formal, quando fui convidada, em 2010, para dar a aula inaugural para os novos alunos que iniciavam seu período de Formação Psicanalítica. Foi este convite e minha ligação com o texto de Fernando que me permitiram falar de minhas memórias, sentimentos, críticas e ganhos construídos a partir de minha própria formação, e é desta experiência que extraio o retrato de meu caminhar pela SBPRJ.

Foi com alegria que recebi a carta que me informava ter sido aceita como aluna do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Naquela época, existiam pouquíssimas sociedades de psicanálise e o acesso à produção científica da Instituição se dava através de textos dos membros da casa, publicados em livros ou revistas, da vivência de ser aluno de uma universidade na qual alguns deles lecionavam, ou ainda, através de supervisão. O nome *Brasileira* carregava consigo o significado de força e esta palavra condensava inúmeras qualidades, como profundidade, seriedade e vigor, apesar do estigma de exigências, cobranças institucionais elevadas e de certo conservadorismo. Era assim que eu a via.

Alguns psicanalistas criticavam duramente o “fechamento da *Brasileira*”, o regulamento rígido, a hierarquia fortemente demarcada, a incomunicabilidade com os outros campos do saber, o poder dos “didatas”, a intromissão nas análises, estabelecendo regras no Instituto que invadiam as análises pessoais. Dizia-se que ela sofria do mal da institucionalização, pervertendo os princípios básicos da psicanálise.

Era agosto de 1990, um período político-social em que engatinhávamos em um movimento de abertura. O primeiro presidente eleito pelo povo, após a ditadura, acabara de tomar posse, buscávamos brechas para deixar os tempos sombrios para trás. A Sociedade respirava este ar efervescente e teria também, naquele mesmo ano, a sua primeira eleição, em 30 anos de existência, com dois psicanalistas candidatos à presidência do Conselho Diretor. Até então, o Conselho em vigência indicava o seu sucessor.

Quando minha turma foi recebida, pelo então diretor do Instituto, cada qual trazia em seu íntimo um desejo, e o meu era ter um conhecimento mais

profundo e sistemático da psicanálise, ter colegas com os quais pudesse compartilhar minha prática. Eu sentia necessidade de estudar mais e, naquele momento, não era na academia, com cursos fixos; queria um estudo que me permitisse respeitar meu tempo particular e interesses pessoais. A formação é absolutamente singular, ao mesmo tempo em que nosso crescimento e aprendizado são construídos e partilhados com os colegas.

Desde então eu compreendia que a formação era algo que se passava no “entre” da dupla analítica, pelas nossas dores e alegrias, pelo divã onde nos deitamos; pelo “entre” das supervisões e diálogos com colegas mais experientes, que com sua escuta e olhar, de fora da dupla, podem ouvir e enxergar aquilo que nossas dores cegam. Entendia que o aprendizado da teoria e da técnica psicanalíticas não fariam sentido não fosse a vivência da própria análise.

Desde nossa Aula Inaugural, o encontro com os psicanalistas mais antigos nos trazia a oportunidade de ouvir as histórias que solidificaram o lugar onde estávamos nos assentando. Imponentes, do lugar da sabedoria que a idade e a experiência lhes concederam, eles guardavam entre si o apreço pela Instituição e, sobretudo, pela psicanálise. Lentamente, as histórias, somadas às experiências em articulação com os conceitos, iam ganhando sentido. Íamos vivendo e aprendendo sobre o fazer psicanalítico e sobre nossas bases históricas e políticas. Chamava a atenção uma característica da Instituição: a sua concepção pluralista, abrigando psicanalistas com diferentes orientações e, por conseguinte, possibilitando-nos lidar com a diversidade de pensamento.

Lembro-me de uma aula em que se sentaram à mesma mesa os membros fundadores: Inaura Carneiro Leão, João Côrtes de Barros, Marialzira Perestrello e Luiz Werneck, todos com personalidades marcantes, currículos extensos, incluindo contribuições importantes à Sociedade, e vasta experiência clínica. Os tempos eram outros e pude perceber uma formalidade em um tom além do que um ambiente intimista pedia. No entanto, os elementos distintos na abordagem e na compreensão psicanalítica de cada um deles ilustravam a diversidade à qual me referi.

Nossa grade curricular oferecia cursos das diversas escolas: Freud, Melanie Klein, Bion, Kohut e Winnicott; Ferenczi e Lacan vieram já no finalzinho do curso. Todos estes autores tinham seus adeptos e estudiosos. É claro que nem sempre era tranquilo lidar com as diferenças, os problemas

existiam, mas nada que nos desestimulasse a manter uma grade curricular diversificada. Os autores estavam, e ainda hoje estão por lá.

Outra referência significativa era a filiação à Associação Psicanalítica Internacional que, a meu ver, era apreendida como modelo de qualidade para alguns e, do mesmo modo, alvo de severas críticas para outros.

Nesse período inicial, havia em mim um misto de satisfação e incômodo. O sentimento bom derivava da viabilidade de conviver, nos espaços oferecidos pela Sociedade, com colegas que tinham muito a nos transmitir e de realizar o desejo de estudar em profundidade os textos psicanalíticos. Ao ouvi-los falar, sentia-me gratificada, embora algumas vezes fosse uma fala desestabilizadora, no sentido de nos retirar da posição de conforto. Assim, dedicava-me a buscar minha própria compreensão sobre o tema que discutíamos. Algo que perpassava o discurso de alguns desses colegas me fazia pensar nas formulações freudianas, no poder revolucionário do inconsciente, em sua insubordinação. Pensava então que não há como supor uma verdade definitiva na psicanálise; se há verdade, a que nos interessa é a do inconsciente. Portanto, a obediência ou o aprisionamento a uma verdade teórica ou política, como, por exemplo, o total alinhamento à IPA, que na época era uma preocupação nossa, parecia-me conflitante com o que a psicanálise propõe.

Iniciava, então, a Formação subjetiva. Eu começava a experimentar as contradições que fazem parte do processo de identificações e desidentificações que fazemos ao longo da vida.

O início da Formação...

[...] foi um período em que as experiências provocavam sentimentos antagônicos e atitudes radicais e o amor e o ódio eram a tônica. Ao mesmo tempo, o prazer de estudar a obra de Freud, a alegria das descobertas e de construir novas amizades suavizavam as tensões do momento. Em algumas situações, o estado de paixão atrapalhava a apreensão do que estávamos vivendo, mas tínhamos a liberdade interna, que nos permitia expor aspectos da Instituição que nos pareciam adormecidos. Esta liberdade é própria de um momento em que ainda guardamos viço, por não estarmos sobrecarregados de teorias e de transferências institucionais. Por isso, cada turma nova que chega inaugura uma possibilidade de renovação (Cidade, 2015, p. 4).

Era tudo muito intenso: as leituras, o curso Desenvolvimento Emocional da Relação Mãe-Bebê, o Grupo de Acompanhamento e Avaliação Contínua, experiências que abriam um canal com a minha própria análise que, por sua vez, dava sustentabilidade às experiências. Era o circuito criativo da vida

psíquica, que transformava as experiências em aprendizado e punha-me diante da decisão interna de enfrentar minhas questões e dificuldades. Havia uma idealização exacerbada, uma exigência de coerência absoluta em relação aos psicanalistas mais antigos. Levou tempo para que eu percebesse que mesmo os analistas mais experientes sentem medo, angústia, têm dúvidas e contradições, estando também imersos no vaivém da vida e das emoções, das ressignificações das experiências vividas. O tempo cuida de ampliar nossa capacidade de suportar as turbulências e de lidar com os conflitos.

A cada nova compreensão que adquiria internamente, maior era minha confiança na psicanálise. A coragem era outro sentimento revigorado. Digo coragem pelo esforço que o trajeto exige: a prática no *setting* analítico, exigindo a suspensão de nosso narcisismo para sustentar a função de analisar, os custos altos, o tempo de duração do curso, o retorno duvidoso, tudo isso cria uma atmosfera que testa constantemente o desejo de ser analista. No entanto, este movimento de modelo tríplice: análise, supervisão e seminários - hoje dizemos quádruplo, incluindo nele a vida cultural, científica e política da instituição - nos dá também capacidade crítica para avaliar nossa própria clínica. Esse processo de mudança faz toda a diferença em nosso trabalho. O que é fundamental, e experimentado pela maioria de nós, é o caráter permanente da formação. Ela não cessa, continuamos a ter dúvidas e a aprender e, talvez, as importantes aquisições seja o fato de nos sentirmos mais capazes de suportar o não saber, de pensar de maneira diferente sobre variadas questões e de termos um histórico maior de experiências. A vida também nos ensina que não somos tão originais quanto as nossas ideias e sentimentos nos fazem acreditar.

Vimos alguns colegas fazerem outras escolhas e trancarem suas matrículas no Instituto. Mudar o rumo é uma decisão difícil, e chegar a esta conclusão é uma atitude audaciosa que também requer coragem. Entretanto, não vejo este panorama de modo desestimulante, penso, sim, que isto só reafirma o papel transformador da psicanálise.

O nosso ofício se caracteriza pelo enfrentamento dos conflitos internos e dos homens. Ferenczi (1910, citado por Roudinesco & Plon, 1998), na carta inaugural da Associação Psicanalítica Internacional, “afirmou a necessidade de disciplina e da racionalização, advertindo contra os perigos que qualquer organização encerra” (p. 385). Diz ele:

[...]. Conheço bem a patologia das instituições e sei com que frequência, nos grupos políticos, sociais e científicos, imperam a megalomania pueril, a vaidade, o respeito por fórmulas vazias, a obediência cega e o interesse pessoal, em lugar de um trabalho consciencioso, dedicado ao bem comum (Ferenczi, 1910, citado por Roudinesco; Plon, 1998, p. 385).

Do início da psicanálise até os dias de hoje, muita coisa mudou, mas o homem continua a ser o homem e o psicanalista pertence a esta espécie complexa. Portanto, precisamos exercitar constantemente o respeito à alteridade para o benefício da convivência.

Vale dizer que também passamos por tempos difíceis. Em 1992, vivemos uma crise que resultou em um processo doloroso de ruptura. As diferenças de ponto de vista são naturais nos grupos humanos e podem ser produtivas e enriquecedoras, os erros são capazes de nos levar a profundos aprendizados quando encontramos espaço para reflexão. Entretanto, o narcisismo e a arrogância, quando são a tônica das relações, produzem resultados catastróficos, levando à desintegração ou submissão. De qualquer modo, todos saem feridos.

A “crise” deixou um rastro de destruição, perdemos direitos conquistados, posições e alguns amigos. As reformas progressistas do Estatuto, que nos colocavam um passo à frente, no sentido democrático, no cenário mundial tiveram que retroceder. Restou-nos a força, o amor à psicanálise e um alerta: os movimentos regredientes e repetitivos estão presentes nos grupos de psicanalistas, e por isso é preciso recordar e elaborar, caso contrário, corremos o risco de sermos tragados pelo caráter “demoníaco” da compulsão à repetição.

O curso Mãe-Bebê foi um aprendizado e um *re-conhecimento* da importância do contato humano. A proximidade constante e regular com a dupla, a observação de sua intimidade e a sutileza do desenvolvimento que se dava sob os meus olhos inevitavelmente tornaram-me implicada com ela, mas em silêncio, um silêncio ativo, é verdade, que frustra o desejo traiçoeiro de interferir.

Na interação entre mãe e filha pude verificar o valor da presença restauradora do pai (sua relação amorosa com a mãe a ajudava nos cuidados com a filha). Contudo, o simples fato de observar o cotidiano da família já me despertava certa ansiedade. Algumas sessões da observação me deixavam inquieta, e até mesmo angustiada, ora por conta de sentimentos

mobilizados no campo da observação, ora por identificação com a mãe ou com a bebê e, ainda, pelas discussões das observações de meu grupo.

O meu grupo tinha quatro coordenadores, bem diferentes entre si, o que, às vezes, provocava certa tensão e divergências em relação ao que se passava nas observações. Inicialmente, eu sentia desconforto ao percebê-los discordando, mas fui percebendo que o confronto de ideias também nos ajudava a entender a psicanálise como um sistema aberto, que compreendia interpretações distintas sobre o mesmo fenômeno.

O curso Mãe-Bebê promoveu uma cumplicidade entre meus três colegas de grupo e eu. Talvez ali, mais do que em qualquer outro lugar, no início da Formação, fosse o palco de nossa ansiedade e talento. Dividir com os colegas a experiência de observar e discutir o que vivíamos nos aproximava na humanidade e na loucura, o que de certa forma nos acalmava.

Recém-chegada à Sociedade, comecei em um Grupo de Acompanhamento e Avaliação Contínua de veteranos. O grupo tinha em torno de 15 pessoas, incluindo analistas e alunos. Esta configuração acabava por gerar uma diversidade bem interessante de ideias e modos de pensar a Instituição e a psicanálise. Quando comecei, os GAACs ainda tinham a função de avaliar os “Relatórios de Casos Oficiais”, e isto dava um caráter bastante clínico aos nossos encontros, o que eu achava bom. Além disso, era um aprendizado enriquecedor assistir os colegas mais experientes apresentarem seus trabalhos e ouvir dos coordenadores suas compreensões sobre o caso em discussão. Acredito que a nossa participação, como ouvintes, por vezes com perguntas e conjecturas sobre o caso, expandia o processo de avaliação. O aluno examinado tinha o direito de pedir para que a avaliação fosse privada, quando então só os coordenadores participavam. Este modo de avaliar, junto ao GAAC, dava mais segurança ao aluno, pois havia um vínculo de confiança em relação aos examinadores de seu trabalho, construído na relação grupal.

A existência e o funcionamento dos GAACs não são unanimidade entre nós, psicanalistas e alunos. Mas, para mim, mostra a face moderna da Sociedade, que abriu um fórum inédito nos cursos de formação psicanalítica. A atividade, ainda hoje, se oferece como espaço de elaboração de questões próprias à Formação, como espaço receptivo às dúvidas, aos impasses, de esclarecimento de assuntos e ações que se apoiam no Estatuto

ou nos Regimentos, e de troca criativa de ideias sobre a psicanálise, a formação psicanalítica e a instituição.

Hoje, que já passei pela função de coordenadora de Grupo de Acompanhamento, reafirmo a ideia de que o acompanhamento deve ser a tônica para uma avaliação condizente com o trabalho e a compreensão analíticas do aluno, respeitando sempre os estilos pessoais. Acredito ainda que a participação do analista/coordenador na vida institucional fortalece e legitima os princípios constitutivos do GAAC, pois integra as experiências vividas no seio da instituição com as reflexões produzidas no grupo.

Entretanto, sabemos que existem problemas que por vezes impedem o bom funcionamento dos grupos. A conversa entre todos os coordenadores de GAAC e as avaliações periódicas de seu funcionamento (de seis em seis meses) deveriam ser, a meu ver, o ponto de equilíbrio e força da atividade, especialmente pelo fato de a avaliação não ser somente de natureza cognitiva.

Outro dado que nos incomodava quando alunos era o fato de alguns coordenadores não frequentarem as atividades societárias e ocuparem o grupo para emitirem opiniões que deveriam ser compartilhadas nos fóruns instituídos para as referidas discussões. A palavra precisa circular entre os participantes e o coordenador, como ator/autor do grupo, entra nesta roda de reciprocidade, embora não se trate de uma relação simétrica, uma vez que temos aqueles que ocupam o lugar de quem acompanha e avalia, escutando as diferenças e as similitudes, idealmente com uma atitude de respeito para com o colega, esteja ele em processo de Formação, ou dividindo conosco a tarefa de coordenar o GAAC. Ressalto ainda a necessidade de uma postura receptiva e facilitadora no debate sobre as situações.

Passados vinte e nove anos, ainda atribuo ao GAAC peso significativo na interação dos psicanalistas com a Instituição, com os colegas e com o processo de formação psicanalítica. Mesmo os psicanalistas mais experientes têm muito a aprender com os jovens analistas e o grupo apresenta esta possibilidade. Como disse anteriormente, são os jovens que trazem críticas e frescor ao estabelecido, levando-nos a rever posições.

Se temos autonomia para as escolhas, a vida institucional pode estimular o pensamento crítico e a cultura psicanalítica. Os momentos científicos, em reuniões regulares, conferências e simpósios, as discussões clínicas que dão

vida e colorido aos nossos estudos e a vida política são caminhos potenciais para nosso crescimento. Aliás,

[...] minha participação ativa na “Representação de Alunos” foi mais um elo vigoroso de ligação e influência no percorrer e refazer da história. Para os alunos que chegam, a representação é parte essencial na organização da biografia histórica e política do dia a dia institucional. Eu diria que a Representação de Alunos é uma escola à parte (Cidade, 2015, p. 4).

No avançar da formação, desenvolvi admiração por alguns parceiros/psicanalistas que se debruçam sobre os estudos e as pesquisas da psicanálise e no cuidado com a continuidade desta dinâmica ou da própria Instituição. Há colegas que nos atraem pela narrativa e que despertam em nós o desejo de conhecer, de ir além do estudo curricular, que abrem diálogos que nos levam a pensar mais à frente do nosso quadrado, dentro e fora de nossa prática. Talvez seja esta viagem que nos aproxima mais da vida, não propriamente a técnica pedagógica, mas o senso ético e comprometido com o humano, com a transmissão do fazer diário, com as interpretações possíveis da vida e das emoções, apoiados nas teorias que nos habitam, mas igualmente livres delas.

A psicanálise “se faz também de poesia, de literatura, das artes plásticas, e das infinitas melodias e prantos que nos tocam emocionalmente” (Cidade, 2014, p. 241). Por isso mesmo, Freud acreditava que deveríamos nos afastar o máximo possível do saber médico e exato. Nossa tarefa é promover uma abertura que apure a escuta daquilo que se inaugura a cada novo instante, a escuta daquilo que não é enunciado e que nos aproxima de sentimentos e ideias remotamente organizados.

Entretanto, o inusitado que ajudamos a vir à tona, via transferência, traz consigo perigos. Estamos diante de conflitos infantis e da força dos desejos, sofremos pressões de todos os tipos, internas e externas. De nossa parte, também temos desejos e conflitos que podem entrar em movimento no encontro com o analisando. A função analítica, introjetada em nossa própria experiência de análise, pode ser insuficiente e em algumas situações entrar em colapso. Neste caso, a reanálise será sempre bem-vinda, especialmente na ocorrência de eventos que tragam em si uma carga excessiva e um sentido traumático.

O psicanalista precisa estar atento ao seu próprio funcionamento psíquico, especialmente por ser seu instrumento de trabalho. Por isso, a

evidência da necessidade de análise em seu processo de formação, e também de qualquer outro em que se veja impedido de praticar a autocrítica, a aproximação de suas fantasias, a percepção do fluxo de associações que a escuta do paciente desencadeia, e impedido de deixar brotar o tráfego de ideias que favorece as transformações. Precisamos de uma postura de abertura para que dali, entre a poltrona e o divã, nasça o encontro. Conforme Ogden (2006),

Uma pessoa consulta o psicanalista devido ao sofrimento emocional que, sem saber, é incapaz de sonhar (i.e., não consegue fazer o trabalho psicológico inconsciente) ou está tão perturbada pelo que sonha que o sonhar se interrompe. Como é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo não consegue mudar, crescer, nem ser diferente do que sempre foi. O paciente e o analista se empenham em um experimento, nos termos da situação psicanalítica, cujo intuito é gerar condições para que o analisando (com a participação do analista) seja mais capaz de sonhar seus sonhos não sonhados e interrompidos (p.173).

Além da análise pessoal e dos seminários teórico-clínicos, as supervisões nos ajudavam a suportar e a acolher o inesperado de todos os dias, o imprevisto em nós e no outro que nos procura. Nas supervisões, buscávamos uma escuta que nos ajudasse a compreender e a apurar a compreensão de nosso encontro com o analisante. Nesta tarefa, a confiança recíproca e a abertura para o novo eram fundamentais. Entendo que o que marca a diferença entre o supervisor e o supervisando é o longo percurso clínico e teórico do primeiro. O desejo de psicanalisar e de aprender podem ser equivalentes. Em um momento inicial, o supervisor é superinvestido de poder sobre a nossa própria história com o analisando, e leva tempo até conseguirmos falar com clareza de nossa compreensão sobre o caso. Contudo, esperamos sempre que o supervisor seja aquele que oferece sua escuta para o desenrolar de uma história, que nos ajude a repensar o que aconteceu no *setting*.

É um novo momento – o da escuta da escuta da sessão (método criado por Haydée Faimberg, 2010) – no qual o que se escuta foi o que restou no psiquismo do supervisando. Neste novo encontro, estamos diante da alteridade, do outro que necessariamente não pensa como eu, e tentamos nos aproximar da realidade psíquica do que, por hipótese, aconteceu na tentativa de ampliar a compreensão do que fora tecido pelo analista e seu paciente.

Os processos não param e, com o amadurecimento na vida institucional, vamos criando novos recursos para modificar aquilo que consideramos congelado. Assim como os movimentos pulsionais, que lutam para ultrapassar os bloqueios perpetrados pelo recalque e que irrompem sem que tenhamos controle, os movimentos institucionais se dão da mesma maneira.

Neste sentido, o nosso modelo de formação, criado por Eitingon (Roudinesco & Plon, 1998), deparou-se com discussões e questionamentos em todo o mundo. Não que se quisesse abrir mão da tradição, mas sim atravessá-la para caminhar. Se Eitingon nos visitasse, encontraria o mundo muito diferente, a começar pelo avanço tecnológico que tem nos tributado inúmeros desafios. Então, ele certamente nos diria estar muito espantado com a nossa prática, com as mensagens que recebemos pelo *WhatsApp*, com os telefonemas e as novas situações que diariamente se apresentam. O que dizer então da frequência de análise?

O clássico tripé de Eitingon continua vigente, mas...

Uma instituição que se quer movida pelo desejo precisa analisar constantemente seus princípios fundadores e seus movimentos desejanter. [...] é necessário revisitar aquilo que foi instituído como interdito fundante e o porquê dessa decisão, fazendo dessa transmissão algo vivo [...] é de fundamental importância o modo como esses processos se instalam, a forma como interagem e o grau de liberdade das escolhas singulares (Ripoll, Legey & Magalhães, 2017).

Foi a premência de produzir um ato que valorizasse nossa singularidade e necessidades particulares que fez com que convocássemos Eitingon para um diálogo, visando às mudanças essenciais à vitalidade da psicanálise.

Em 2015, sob a presidência de Miguel Calmon du Pin e Almeida e a direção do Instituto de Celmy Araripe Quilelli Corrêa, ocupamos os fóruns institucionais para refletir sobre o nosso modelo de formação.⁴ Inquietávamos questões que se passavam em nosso país e que afetavam, e ainda afetam, o nosso Instituto: mudanças de paradigmas na busca de tratamentos, como, por exemplo, a busca por psicoterapias que dialogam somente com a consciência e cuja duração é bem mais curta; a tendência à medicalização; a proliferação de sociedades de psicanálise; mudanças na própria postura do psicanalista em face de situações de grande gravidade, uma vez que hoje conta com ferramentas teórico-técnicas para se aproximar dos aspectos mais regressivos dos pacientes, dos estados fronteiros, daqueles casos cujas perturbações levam aos sintomas de natureza compulsiva, ou ainda das psicoses que nos dispusemos a compreender, desde Melanie Klein. No

cenário brasileiro, no qual nos deparamos com desafios bastante complexos nos campos social, político e econômico, o oferecimento da psicanálise e da formação psicanalítica fica bastante restrito, destinado a determinado grupo social⁵.

Ainda que tenhamos sido forjados nos moldes da psicanálise clássica, o movimento psicanalítico vem evoluindo e amadurecendo e precisávamos pensar a respeito das transformações ocorridas no mundo e que também nos influenciam.

Nossos diálogos avançaram até a formulação de dois pleitos à IPA, “visando ao fortalecimento das instâncias de avaliação já existentes e à revitalização da Sociedade”⁶. Apostávamos, então, no fortalecimento da dupla analítica e na valorização do processo de análise e, também, na confiança no analista que formamos. Foi a partir deste diálogo que encaminhamos à IPA pleitos que julgávamos justos e amplamente discutidos entre nós. Um deles foi “a variação do Modelo Eitingon, com o pedido de diminuição para três sessões semanais do número mínimo exigido para frequência na (de) análise de formação e no atendimento dos casos de supervisão”⁷.

Este pleito foi examinado e aprovado na reunião do Board da IPA de julho de 2017, em Buenos Aires, e com uma votação expressiva 18 x 04. Em 26 de agosto de 2017, sob a minha presidência, recebemos a confirmação de que o pleito tinha sido aprovado, necessitando, entretanto, de regulamentação para ser implementado⁸.

Um diálogo que durou dois anos, em reuniões permanentes. Mas iniciamos um movimento importante que entusiasmou e uniu uma parte significativa de nossa Sociedade.

Outras mudanças foram ratificadas, por votação, a partir da fértil reunião de Institutos da FEPAL, ocorrida em nossa Sociedade, em novembro de 2015. Esta reunião foi organizada pela Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise FEPAL, sob a coordenação de Cristina Fulco, Elizabeth Chapuy e Leda Herrmann. Sem dúvida, o debate abriu perspectivas que antes eram intocáveis, como, por exemplo, a extraterritorialidade; a possibilidade de as análises de alunos serem conduzidas por membros efetivos e a esperança da reflexão permanente em torno de assuntos que dizem respeito a todo o corpo societário.

Não é somente no divã que convocamos os demônios, a própria formação psicanalítica desperta sentimentos inconscientes, trazendo à tona conflitos antigos, a repetição e, por vezes, a polarização de ideias. O nosso fazer nos institutos também demanda escuta. Passamos por travessias individuais e coletivas, passagens que se dão na corrente das transferências e contratransferências, fazendo com que emergjam nossas diferenças e similitudes, mas criando consensos nos lugares institucionais marcados pelo debate. Com o tempo conseguimos reabrir trocas importantes e retomar assuntos muito caros para nós. No bojo das mudanças que promovemos, abrimos espaço para o intercâmbio permanente com colegas psicanalistas, professores e intelectuais de outras instituições psicanalíticas, de universidades e de outras áreas. A hierarquia está mais permeável, uma vez que os alunos reconquistaram cargos de representação e voto.

São muitas as influências, nesta passagem de um lugar ao outro, do lugar de analisante ao de psicanalista, até que nos autorizemos a falar em nome próprio.

As parcerias, as amizades e as afinidades, em relação à psicanálise e à vida, estreitam a distância entre nós e dão um “toque afetivo”, que se transforma em sentimento de pertencimento à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

É assim que nos vejo: marcados pela diversidade, por encontros e desencontros, por momentos de perdas dolorosas, de satisfação e alegria, pelo intercâmbio entre nossas raízes, legitimando o legado de Freud, mas acompanhando as transformações socioculturais e o pensamento contemporâneo que levam a psicanálise para novas frentes; reensaiando o diálogo horizontal, que busca agregar os alunos ao corpo da Sociedade, em permanente discussão sobre a psicanálise, a nossa prática e a atitude em nosso ofício.

Eis que percebo que falta uma foto, uma imagem, a apreensão da história, das experiências. Tornei-me presidente da SBPRJ, lugar transitório, efêmero, mas que talvez seja a fotografia mais nítida de minha particular relação com esta Instituição, e quis devolver com tintas fortes as letras que ela havia me ensinado, arrumar a sala, pôr flores nos vasos, músicas de variados estilos e sentar-me junto com parceiros, amigos, colegas e visitantes, e começar de novo essa caminhada sem fim.

Referências

- Cidade, W.M.C.F. (2014). Entre a montanha e o mar: o Rio de Janeiro. *Calibán: revista latino-americana de psicanálise*, 12 (2), 238-242.
- Cidade, W.M.C.F. (2015). Entrevista com Wania Cidade. *Intervalo Analítico*, 16 (6), 4-5.
- Coutinho, F. (1998). Escrever (n)a psicanálise: um impasse? *Trieb*, 6, 29-37.
- Faimberg, H. (2010). Método “a escuta da escuta”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (3), 33-41.
- Freud, S. (1976). A questão da análise leiga – Conversações com uma pessoa imparcial. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão (vol. 20, p. 209-283). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ogden, T.H. (2006). Esta arte de psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e choros interrompidos. In *Livro Anual de Psicanálise*, 20, 173-189.
- Ripoll, L.; Magalhães, P. & Legey, M. (2017). *Problemáticas da formação em psicanálise*. Tarde polêmica: Em pauta formação analítica. Representando: Beth Mourão de Melo, Leila Ripoll, Marielena Legey, Paula Gaudenzi, Priscila Magalhães e Vilma Rangel [*mensagem pessoal*]. Mensagem recebida por waniacidade@globo.com em 07/09/2017
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). Eitingon, Max (1881-1943). In E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise* (p. 171-174). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). International Psychoanalytical Association (IPA). In E. Roudinesco & M. Plon, *Dicionário de psicanálise* (p. 384-387). Rio de Janeiro: J. Zahar.

Recebido: 30/08/2019

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
waniacidade@globo.com

1. Psicanalista. Membro efetivo da SBPRJ.
2. A frase foi incluída a partir da leitura do Informativo Mensal da SBPRJ, Intervalo Analítico, Ano 11, nº 1, março 2010 (Matéria de Fernanda Marinho).
3. Em memória do querido mestre e colega Fernando Coutinho com quem convivi na SBPRJ e, posteriormente, como membro da Escola Brasileira de Psicanálise.
4. As colegas e amigas, Membros Associados, Luciana Carvalho, Eloá Bittencourt e Adriana Lasalvia, à época, Membro Provisório, foram importantes parceiras e interlocutoras na redação do Projeto de Mudanças, que nós quatro apresentamos à Sociedade.
5. Inspirado no documento/carta encaminhada por Miguel Calmon e Celmy Quilelli ao presidente da International Psychoanalytic Association – IPA, Stefano Bolognini, e ao Chair of the IPA Education and Oversight, Fernando Weissmann, no segundo semestre de 2016).
6. SBPRJ, Carta, 2016.
7. SBPRJ, Carta, 2016.
8. E-mail recebido de nossos representantes no Board da IPA: Claudio Rossi e Sérgio Lewkowicz.

Agradecimento aos colaboradores

Daniel Senos

Guilherme de Andrade Salgado

Marina Magalhães Leitão Miranda

Instruções aos autores

LINHA EDITORIAL

A Revista TRIEB, publicação oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, filiada à Associação Psicanalítica Internacional, vem sendo editada regularmente desde 1991. Sua proposta editorial caracteriza-se pela divulgação de artigos inéditos referidos ao campo teórico e clínico da psicanálise e às suas articulações com outros campos do saber. Os artigos sobre clínica são necessariamente acompanhados por uma discussão teórica e/ou crítica. As edições podem ser organizadas tematicamente e sua periodicidade é semestral. Publica, ainda, conferências, entrevistas, traduções, artigos de valor histórico e resenhas de interesse para o campo da psicanálise.

PROCEDIMENTOS DO CORPO EDITORIAL

Os editores apreciarão os artigos quanto à sua originalidade e adequação à linha editorial, podendo, a seu critério, submetê-los à apreciação de consultores *ad hoc* sem divulgação da identidade dos autores e vice-versa. Após análise do artigo, os autores recebem por escrito o resultado da avaliação: recomendado; recomendado com modificações; ou não recomendado para publicação. Caso seja necessário fazer modificações no texto, o autor será encarregado de providenciá-las, devolvendo o artigo reformulado no prazo indicado pelos editores em comunicação escrita. Caberá ao Corpo Editorial a decisão final acerca da publicação ou não do manuscrito, bem como a data de sua publicação. O Corpo Editorial reserva-se ainda o direito de introduzir pequenas modificações no texto aceito para publicação, com vistas a adequá-lo aos critérios de coerência, clareza, fluidez, correção gramatical e padronização editorial adotados pela revista. O artigo enviado para publicação deverá ser encaminhado de acordo com as instruções abaixo enunciadas. Recomenda-se a todos os autores que guardem consigo uma cópia do trabalho, uma vez que a TRIEB não se responsabilizará por devolvê-lo, mesmo no caso de artigos não aceitos para publicação.

APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deve ser encaminhado à Revista TRIEB em arquivo eletrônico Word, letra Times New Roman, corpo 12, entrelinha 1,5, formato *.doc ou *.rtf. Deve ter no máximo 40 mil caracteres, incluídos os espaços. Quando enviado por correio, deve ser apresentado em cd-rom, acompanhado de duas cópias impressas, aos cuidados da Secretaria da Revista TRIEB, Rua David Campista nº 80, Humaitá – Rio de Janeiro (RJ) – CEP: 22261-010. Se enviado por correio eletrônico, o endereço é revistatrieb@sbprj.org.br. A apresentação do artigo deve obedecer à sequência e aos padrões gráficos e normas de citações no texto e referências que estão disponíveis no site da SBPRJ <http://www.sbprj.org.br/publicacoes-trieb>

Números avulsos

R\$ 40,00 (Em caso de envio pelos correios haverá o acréscimo das despesas postais)

Forma de pagamento

Cheque nominal à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Rua David Campista, 80 – Humaitá – CEP 22261-010

Tel. (21) 2537-1333 – FAX: (21) 2286-5292

E-mail: revistatrieb@sbprj.org.br

(Enviar o cheque em um envelope junto a este cupom para a SBPRJ)

Depósito bancário para a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Banco Itaú– Agência 0311 – Conta corrente 38725-2

CNPJ 33.599.390/0001-17

Enviar para a SBPRJ o comprovante de depósito – ou cópia do mesmo – junto com as suas informações abaixo listadas:

REVISTA TRIEB

(Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ)

NOME

ENDEREÇO

CIDADE

ESTADO

CEP

TELEFONE

E-MAIL